



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**CAROLINA CAVALCANTI BEZERRA**

**A LITERATURA DE TESTEMUNHO E A ESCRITA DE SI COMO CONSTRUCTOS  
DA MEMÓRIA E DO *MALHEUR* WEILIANO NOS DIÁRIOS DE ETTY HILLESUM**

**CAMPINA GRANDE  
2025**

CAROLINA CAVALCANTI BEZERRA

**A LITERATURA DE TESTEMUNHO E A ESCRITA DE SI COMO CONSTRUCTOS  
DA MEMÓRIA E DO *MALHEUR* WEILIANO NOS DIÁRIOS DE ETTY HILLESUM.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Literatura e Interculturalidade.

**Área de concentração:** Literatura, Memória e Estudos Culturais

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE  
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574I Bezerra, Carolina Cavalcanti.

A literatura de testemunho e a escrita de si como constructos da memória e do malheur weiliano nos diários de Etty Hillesum [manuscrito] / Carolina Cavalcanti Bezerra. - 2025.

164 f. : il.

Digitado.

Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Departamento de Filosofia - CEDUC".

1. Literatura de testemunho. 2. Escrita de si. 3. Memória. 4. Simone Weil. I. Título

21. ed. CDD 371.39

CAROLINA CAVALCANTI BEZERRA

A LITERATURA DE TESTEMUNHO E A ESCRITA DE SI COMO  
CONSTRUCTOS DA MEMÓRIA E DO MALHEUR WEILIANO NOS DIÁRIOS DE  
ETTY HILLESUM

Tese apresentada à Coordenação  
do Curso de Doutorado em  
Literatura e Interculturalidade da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção  
do título de Doutora em Literatura  
e Interculturalidade

Linha de Pesquisa: Literatura,  
Memória e Estudos Culturais.

Aprovada em: 04/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Maria Simone Marinho Nogueira** (\*\*\*.606.144-\*\*), em 17/12/2025 18:42:03 com chave 39ceb7f4db9111f0a1267ec582409bfa.
- **Ana Patrícia Frederico Silveira** (\*\*\*.233.974-\*\*), em 17/12/2025 18:53:49 com chave de8d7d38db9211f099a8526ae41bdb42.
- **Luciano Barbosa Justino** (\*\*\*.700.574-\*\*), em 17/12/2025 19:53:16 com chave 2cfb0dcadb9b11f0be697ec582409bfa.
- **Francisca Zuleide Duarte de Souza** (\*\*\*.640.934-\*\*), em 17/12/2025 18:43:08 com chave 6053ba50db9111f08ea2526ae41bdb42.
- **Marcio Cappelli Aló Lopes** (\*\*\*.151.367-\*\*), em 19/12/2025 17:49:37 com chave 3b333656dd1c11f08c0e22e98e3902d1.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 22/12/2025

**Código de Autenticação:** d4d5c3



À minha mãe, Tereza Cristina, que gentilmente  
me doou seu amor pelos livros, pelos estudos e  
pelo povo judeu.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB) que acolheu esta pesquisa, bem como à Simone Marinho, professora na graduação e orientadora desta pesquisa, a quem agradeço a liberdade científica e poética, bem como a abertura de diálogo, especialmente no tocante a uma escrita que buscou também, na Filosofia, um aporte para conhecer melhor Etty Hillesum.

À minha irmã Letícia, sem sombra de dúvida, sem ela, não concluiria esta etapa.

A Iris, que acompanhou a jornada da escrita, e nesta fase tão delicada foi paciente até o fim.

A Gustavo, que salvou várias vezes este texto do limbo e das deformações frequentes que ganhavam vida a cada nova versão.

A Valeria e Gabriela Bahamondes, Jessica Reaach, Carolina Lobos e Dina de Paoli pela amizade incondicional.

Aos colegas de trabalho (Giovana, Mônica, Danielle, Alane, Rannielly, Vanuza e Victor) que atenderam ao pedido “Não perturbe, estou escrevendo a tese!” e cuidaram de tudo na minha ausência.

Aos membros da banca de qualificação, composta pelo professores Luciano Justino (UEPB) e Márcio Capelli (PUC-Campinas), e suas valiosas contribuições. E aos membros que se somaram à defesa da tese por aceitarem o convite tão prontamente.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por me proporcionar esta que já é a minha terceira formação nesta instituição.

## RESUMO

A pesquisa intitulada *A literatura de testemunho e a escrita de si como constructos da memória e do malheur weiliano nos diários de Etty Hillesum* analisa os diários de Etty Hillesum, escritos entre 1941 e 1943, sob a perspectiva da *literatura de testemunho* e da *escrita de si*, relacionando-os ao conceito de *malheur* da filósofa Simone Weil. O estudo busca compreender como os diários constituem um espaço de construção da memória e expressão do sofrimento existencial diante das atrocidades nazistas, configurando uma escrita que combina reflexão filosófica, ética e resistência. O texto examina o gênero diarístico, destacando a singularidade da escrita feminina de Hillesum e seu compromisso ético diante do sofrimento e da violência. A pesquisa dialoga com teorias literárias e filosóficas para analisar como a *literatura de testemunho* vai além do relato pessoal, assumindo um papel coletivo de preservação da memória das vítimas do Holocausto. Um dos focos centrais está na relação entre o sofrimento narrado por Hillesum e o *malheur* definido por Weil, que associa a infelicidade profunda à ausência de amor e à desumanização causada pela opressão. A orientação filosófica amplia a compreensão tanto da materialidade do sofrimento quanto do sentido transcendental que sua escrita busca instaurar. A análise também cruza perspectivas éticas sobre a responsabilidade divina e o enigma do mal, considerando a ideia de Deus como vulnerável, conforme Hans Jonas, e destaca o ato de escrita como uma forma de resistência contra o esquecimento e a brutalidade. Por outro lado Michel Foucault oferece um quadro teórico para compreender como a literatura de testemunho, especialmente em contextos de violência extrema, não apenas registra fatos, mas sedimenta práticas de resistência, memória crítica e afirmação da identidade humana contra os mecanismos de poder que tentam sujeitá-la e invisibilizá-la, assim como nos proporciona enxergar a violência em seu processo de transição entre a violência brutal e a sutil que sujeita os corpos a técnicas de punição e poder. Outras questões são fundamentadas, como o contexto do feminismo e da escrita feminina com Maria Clara Bingemer e a literatura, cujo espaço se apresenta como categoria narrativa, como lugar identitário para a mulher construir seu próprio significado e afirmar sua existência para além dos papéis masculinos tradicionais. Essa abordagem é especialmente importante para compreender a escrita dos diários de Etty Hillesum como uma literatura de testemunho feminina, que desvela outra voz, não submissa à lógica do masculino, reforçando um feminismo que reivindica espaço e sentido próprios na prática da escrita. Soma-se à discussão, o alinhamento da *literatura de testemunho* com temas como memória, ética e interculturalidade, fortalecendo o tratamento do mito, história e subjetividade

presentes nos diários de Hillesum, que valoriza uma escrita que busca na mística um aporte simbólico para iluminar a compreensão do sofrimento e do *malheur* traduzidos na obra de Etty, conectando os campos literário, filosófico e ético, como nos ajuda a entender Maria Simone Marinho Nogueira. Metodologicamente, a pesquisa agrega análise reflexiva, estilística e histórica, posicionando a escrita como um ato de criação de sentido e resgate da dignidade humana. A tese deve contribuir para os estudos literários, filosóficos, históricos e místicos, mantendo viva a voz de uma jovem, cuja escrita se apresenta como patrimônio ético e cultural para compreensão do Holocausto e das (im)possibilidades humanas frente ao mal. O resultado desta discussão articula uma compreensão da *literatura de testemunho* de Etty Hillesum, integrando o *malheur* de Simone Weil com a noção de *escrita de si* presente no feminismo literário contemporâneo, apoiado nos fundamentos críticos de autoras e autores como Bingemer, Nogueira, Jonas, Foucault entre outros, ampliando o diálogo entre literatura, filosofia e memória.

**Palavras-Chave:** literatura de testemunho; escrita de si; memória; Simone Weil.



## ABSTRACT

The research titled *Testimonial literature and self-writing as constructs of memory and Weilian malheur in Etty Hillesum's diaries*, analyzes the diaries of Etty Hillesum, written between 1941 and 1943, from the perspective of testimonial literature and the self-writing, relating them to the concept of *malheur* by the philosopher Simone Weil. The study seeks to understand how the diaries constitute a space for the construction of memory and expression of existential suffering in the face of Nazi atrocities, shaping a writing that combines philosophical reflection, ethics, and resistance. The text examines the diary genre, highlighting the singularity of Hillesum's feminine writing and her ethical commitment in the face of suffering and violence. The research engages with literary and philosophical theories to analyze how testimonial literature goes beyond personal narrative, assuming a collective role in preserving the memory of Holocaust victims. One central focus is the relationship between the suffering narrated by Hillesum and the *malheur* defined by Weil, which associates profound unhappiness with the absence of love and dehumanization caused by oppression. The philosophical orientation broadens the understanding of both the materiality of suffering and the transcendental meaning that her writing seeks to establish. The analysis also crosses ethical perspectives on divine responsibility and the enigma of evil, considering the idea of God as vulnerable according to Hans Jonas, and highlights the act of writing as a form of resistance against forgetting and brutality. On the other hand, Michel Foucault provides a theoretical framework to understand how testimonial literature, especially in contexts of extreme violence, not only documents events but also consolidates practices of resistance, critical remembrance, and affirmation of human dignity against power mechanisms that attempt to dominate and invisibilize it, helping us see violence in its transition from brutal to subtle forms that subject bodies to techniques of punishment and power. Other issues are grounded, such as the context of feminism and feminine writing with Maria Clara Bingemer, whose space presents itself as a narrative category, as an identity place for women to construct their own meaning and affirm their existence beyond traditional male roles. This approach is especially important for understanding the writing of Etty Hillesum's diaries as a feminist testimonial literature, unveiling another voice not conforming to patriarchal logic, reinforcing a feminism that claims its own space and meaning in the practice of writing.

Added to the discussion is the alignment of testimonial literature with themes such as memory, ethics, and interculturality, strengthening the treatment of myth, history, and subjectivity

present in Hillesum's diaries. This approach values writing that seeks in mysticism a symbolic support to illuminate the understanding of suffering and *malheur* transformed in Etty's work, connecting literary, philosophical, and ethical fields, as Maria Simone Marinho Nogueira helps us understand. Methodologically, the research incorporates reflexive, stylistic, and historical analysis, positioning writing as an act of meaning creation and rescue of human dignity. The thesis aims to contribute to literary, philosophical, historical, and mystical studies, keeping alive the voice of a young woman, whose writing constitutes an ethical and cultural legacy for the understanding of the Holocaust and human (im)possibilities in the face of evil. The outcome of this discussion articulates an understanding of Etty Hillesum's testimonial literature, integrating Simone Weil's *malheur* with the notion of self-writing, present in contemporary literary feminism, supported by the critical foundations of authors such as Bingemer, Nogueira, Jonas, Foucault, among others, broadening the dialogue between literature, philosophy, and memory.

**Keywords:** testimonial literature; self-writing; memory; Simone Weil.

## RESUMEN

La investigación titulada *La literatura de testimonio y la escritura de sí como constructos de la memoria y del malheur weiliano en los diarios de Etty Hillesum* analiza los diarios de Etty Hillesum, escritos entre 1941 y 1943, desde la perspectiva de la literatura de testimonio y de la escritura de sí, relacionándolos con el concepto de *malheur* de la filósofa Simone Weil. El estudio busca comprender cómo los diarios constituyen un espacio de construcción de la memoria y expresión del sufrimiento existencial ante las atrocidades nazis, configurando una escritura que combina reflexión filosófica, ética y resistencia. El texto examina el género diarístico, destacando la singularidad de la escritura femenina de Hillesum y su compromiso ético ante el sufrimiento y la violencia. La investigación dialoga con teorías literarias y filosóficas para analizar cómo la literatura de testimonio trasciende el relato personal, asumiendo un papel colectivo en la preservación de la memoria de las víctimas del Holocausto. Uno de los focos centrales está en la relación entre el sufrimiento narrado por Hillesum y el *malheur* definido por Weil, que asocia la profunda infelicidad a la ausencia de amor y la deshumanización provocada por la opresión. La orientación filosófica amplía la comprensión tanto de la materialidad del sufrimiento como del sentido trascendental que su escritura busca instaurar. El análisis también cruza perspectivas éticas sobre la responsabilidad divina y el enigma del mal, considerando la idea de un Dios vulnerable según Hans Jonas, y destaca el acto de escribir como una forma de resistencia contra el olvido y la brutalidad. Por otro lado, Michel Foucault ofrece un marco teórico para comprender cómo la literatura de testimonio, especialmente en contextos de violencia extrema, no solo registra hechos, sino que sedimenta prácticas de resistencia, memoria crítica y afirmación de la identidad humana frente a los mecanismos de poder que intentan someterla e invisibilizarla. Asimismo, permite vislumbrar la violencia en su proceso de transición entre la violencia brutal y la sutil, que somete los cuerpos a técnicas de castigo y poder. Se abordan otras cuestiones fundamentales, como el contexto del feminismo y de la escritura femenina con Maria Clara Bingemer, cuyo espacio se presenta como categoría narrativa, como lugar identitario para que la mujer construya su propio significado y afirme su existencia más allá de los roles masculinos tradicionales. Este enfoque es especialmente importante para comprender la escritura de los diarios de Etty Hillesum como una literatura de testimonio femenina, que desvela otra voz, no sumisa a la lógica masculina, reforzando un feminismo que reivindica espacio y sentido propios en la práctica de la escritura.

Se suma a la discusión el alineamiento de la literatura de testimonio con temas como la memoria, la ética y la interculturalidad, fortaleciendo el tratamiento del mito, la historia y la subjetividad presentes en los diarios de Hillesum. Esta escritura valora la búsqueda en la mística de un soporte simbólico para iluminar la comprensión del sufrimiento y del *malheur* traducidos en la obra de Etty, conectando los campos literario, filosófico y ético, como lo explica Maria Simone Marinho Nogueira. Metodológicamente, la investigación incorpora análisis reflexivo, estilístico e histórico, posicionando la escritura como un acto de creación de sentido y de rescate de la dignidad humana. La tesis debe contribuir a los estudios literarios, filosóficos, históricos y místicos, manteniendo viva la voz de una joven cuya escritura se presenta como patrimonio ético y cultural para la comprensión del Holocausto y de las (im)posibilidades humanas frente al mal. El resultado de esta discusión articula una comprensión de la literatura de testimonio de Etty Hillesum, integrando el *malheur* de Simone Weil con la noción de escritura de sí presente en el feminismo literario contemporáneo, apoyado en los fundamentos críticos de autoras y autores como Bingemer, Nogueira, Jonas, Foucault, entre otros, ampliando el diálogo entre literatura, filosofía y memoria.

**Palabras-clave:** literatura de testimonio; escritura de sí; memoria; Simone Weil.

## LISTA DE IMAGENS

|   |     |
|---|-----|
| <b>Imagem 1</b> - Ilustração de um livro para crianças criada pelos regine nazista.....                           | 59  |
| <b>Imagem 2</b> - Etty Hillesum com os pais Rebecca e Louis, e os irmãos Mischa encostado à mãe e Jaap em pé..... | 65  |
| <b>Imagem 3</b> - Campo de transição de Westerbork, última parada antes de Auschwitz.....                         | 67  |
| <b>Imagem 4</b> - Etty Hillesum retratada pela artista plástica Kelly Latimore.....                               | 78  |
| <b>Imagem 5</b> - Diários recuperados.....  | 87  |
| <b>Imagem 6</b> - Mulheres judias em Auschwitz, por volta de 1940.....  | 93  |
| <b>Imagem 7</b> – Foto de Etty Hillesum ainda bebê no colo de sua mãe (1914) .....                                | 156 |
| <b>Imagem 8</b> – Foto de Etty Hillesum ao lado de Julius Spier (1941-1942) .....                                 | 156 |
| <b>Imagem 9</b> – Foto de Etty Hillesum e a amiga Leonie Snatager.....  | 157 |
| <b>Imagem 10</b> – Foto de Etty Hillesum e seu irmão Jaap Hillesum.....   | 157 |
| <b>Imagem 11</b> – Foto de um de seus diários.....  | 158 |
| <b>Imagem 12</b> – Foto de Etty Hillesum com suas amigas no ginásio de Deventer (1932) .....                      | 158 |
| <b>Imagem 13</b> – Foto de Etty sentada no primeiro banco, na ponta direita (1926) .....                          | 159 |
| <b>Imagem 14</b> - Foto de Etty descontraída.....   | 159 |
| <b>Imagem 15</b> - Foto de Etty Hillesum com a amiga Rose Hamburge (Groningen, 1931) .....                        | 160 |
| <b>Imagem 16</b> - Foto de Etty Hillesum (por volta de 1931) .....  | 160 |
| <b>Imagem 17</b> – Etty Hillesum em foto produzida em estúdio (1937) .....  | 161 |
| <b>Imagem 18</b> - Foto de Etty com seu clube de dança. Terceira sentada no chão (Deventer, 1928) .....           | 161 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>2 OS DIÁRIOS DE ETTY HILLESUM E A CONCEPÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS:<br/>UMA HISTÓRIA A SER CONTADA.....</b>        | <b>32</b>  |
| <b>2.1 Diários: uma escrita feminina .....</b>   | <b>40</b>  |
| <b>2.2 Memória e testemunho .....</b>  | <b>44</b>  |
| <b>2.3 A escrita de si como gênero confessional e testemunho de um tempo .....</b>                                 | <b>51</b>  |
| <b>3 NOSSA AUTORA-ESCRITORA-PERSONAGEM .....</b>   | <b>63</b>  |
| <b>3.1 Etty Hillesum: o "coração pensante" de uma "personalidade luminosa" .....</b>                               | <b>63</b>  |
| <b>3.2 O corpo e suas relações em Etty .....</b>   | <b>79</b>  |
| <b>3.3 O feminino-feminismo em Hillesum .....</b>  | <b>91</b>  |
| <b>4 O ETHOS DE ETTY DE HILLESUM: SOFRIMENTO, TESTEMUNHO E O FIM DA<br/>HUMANIDADE.....</b>                        | <b>104</b> |
| <b>4.1 O mito do eterno retorno e o infortúnio .....</b>   | <b>110</b> |
| <b>4.2 O <i>Malheur</i>.....</b>   | <b>116</b> |
| <b>4.3 A literatura de testemunho e o <i>malheur</i>: aproximações entre Etty Hillesum e Simone<br/>Weil .....</b> | <b>124</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES .....</b>   | <b>132</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>139</b> |
| <b>APÊNDICE A - PRÓLOGO DA QUALIFICAÇÃO .....</b>  | <b>147</b> |
| <b>APÊNDICE B - PRÓLOGO DA DEFESA .....</b>  | <b>150</b> |
| <b>APÊNDICE C – PERCURSO PARA NOVAS PESQUISAS .....</b>  | <b>154</b> |
| <b>ANEXO A – FOTOS DE ETTY HILLESUM .....</b>  | <b>156</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de doutoramento parte de uma inquietação. Uma inquietação com uma mulher, sua história e seus registros em cartas e diários que sobreviveram, em sua maior parte, mesmo após sua morte em Auschwitz. Uma mulher além de seu tempo, mas vista por muitos estudiosos como uma mulher de tempos passados, ao nos fazer rememorar as monjas beneditinas que tinham e tem como “ofício” entrar em comunhão com Cristo através da oração e, assim, interceder pelo mundo.

Esta mulher, Esther Hillesum<sup>1</sup>, ou Etty, foi uma jovem judia holandesa que viveu intensamente seus poucos anos de vida. Na fase adulta estudou Direito, Língua e Literatura Russa, além de Línguas Eslavas. Queria ser cronista e seus diários eram como tarefas de casa cotidianas, onde o esforço reflexivo, transformado em palavras, relata os mais diversos temas: amor, sexo, o ato de escrever, religião, literatura e a ocupação nazista em Amsterdã, nos Países Baixos.

Aos 27 anos se apaixonou por Julius Spier, um psicoquirologista de 50 anos com quem se consultava e fazia um tratamento de saúde inusitado, que contava com embates físicos entre os dois. Foi com ele que se interessou por psicologia e por religião (pelo Deus mais especificamente da religião cristã), e pela escrita de diários como terapia, foi uma recomendação expressa de seu amante. Por trabalhar no Conselho Judaico, órgão criado pelos nazistas para controlar os judeus, visitava o campo de Westerbork com frequência levando e trazendo correspondências, comidas e remédios. “Hillesum’s role in the camp was try to work for maintenance of rudimentar distributive justice, to assist in preserving contacts between families and, above all else, to keep watch her parents who had been incarcerated at Westerbork”<sup>2</sup> (Evans, 2001, p. 328).

Etty Hillesum amava a leitura, e dentre aquelas que lhe interessavam se destacam Eckhart de Hochheim, conhecido como Mestre Eckhart (1260-1328), Liev Tolstoi (1828-1910), além claro, de Rainer Maria Rilke (1875-1926). Conhecida em Westerbork como “o coração pensante” com uma “personalidade luminosa” (Cf. Teixeira, 2018, p. 10), quando se mudou definitivamente por vontade própria para Westerbork, levou consigo “Cartas a um jovem poeta” do poeta e místico Rilke, “Os irmãos Karamazov” de Dostoiévski e a Bíblia. Judia não praticante,

<sup>1</sup> Mencionaremos durante o percurso da escrita as seguintes formas ao nos referirmos à nossa escritora, nascida Esther Hillesum e objeto de pesquisa: Etty Hillesum, Etty, Hillesum ou ainda E.H.

<sup>2</sup> “O papel de Hillesum no campo era tentar trabalhar pela manutenção da justiça distributiva rudimentar, ajudar a preservar os contatos entre as famílias e, acima de tudo, vigiar os seus pais que tinham sido encarcerados em Westerbork”. Tradução livre da autora.

foi leitora fervorosa também do teólogo e filósofo Aurélio Agostinho de Hipona, mais conhecido como Santo Agostinho (354-430), considerado um dos responsáveis pelo fortalecimento da Igreja Católica através da elaboração de uma base teológica que pensou a doutrina e os princípios cristãos.

Hillesum não cultivava o ódio mesmo inserida em uma realidade cinzenta onde a morte tinha cheiro de carne queimada. Resistia com alegria e com Deus, em busca do amor e da salvação inclusive de seus opressores. Seu espírito era livre, e a resistência e alegria, suas armas contra a violência que assolava a Europa e dizimava mais especificamente o povo judeu. Queria ajudar Deus a lidar com aquela situação devastadora, pois acreditava que Ele não tinha culpa de nada; “não é Deus que nos deve explicações, mas nós a ele” (Hillesum, 2017, p. 211).

Em uma manhã de domingo em sua oração matinal, relata:

[...] Tentarei ajudar-Vos, meu Deus, evitando que minha força se esgote, embora não possa garanti-lo por antecipação. Mas uma coisa está se tornando cada vez mais clara para mim: que Vós não podeis ajudar-nos, que nós devemos ajudar-Vos a ajudar-nos. E isto é tudo o que podemos conseguir nestes dias e também tudo o que realmente importa: que conservemos aquela pequena parte de Vós, meu Deus, que existem em nós mesmos. [...] (Hillesum, 1981, p. 179) [12/07/1942]

Em uma segunda-feira, 29 de junho de 1942, 10 horas da manhã sobre o mesmo assunto: “Não é Deus que nos deve explicações, mas nós a ele. [...]” ou “[...] E Deus também não nos deve explicações pelas coisas sem sentido que nós próprios fazemos; somos nós quem temos que dar explicações” (Hillesum, 2017, p. 211).

Já Michel Foucault (2014, p. 48) questiona, ao refletir sobre a pena imposta em vida como um processo natural do encontro do supliciado com Deus: “um sofrimento tão vivo não seria sinal de que Deus abandonou o culpado nas mãos dos homens?”. Ora, o Deus de Etty Hillesum confia no ser humano e na sua capacidade de discernimento, logo, Ele não deve ser culpabilizado por nossos atos, pois Ele confia a nós sua existência em nossos corações.

Etty amava a vida e seus semelhantes. Não enxergava a realidade, o bem e o mal, com olhar intelectual. Ao contrário, aceitava as contradições humanas como algo.... humano, falível. Para ela, os algozes dos judeus, os alemães nazistas, precisavam encontrar Deus em seus corações. No campo de concentração, erguia sua cabeça para o céu estrelado tomada pelo silêncio inebriante de mais uma noite viva, e a liberdade que sentia a aproximava Dele, ali, juntamente com todos que se encontravam encarcerados: judeus, ciganos, deficientes, comunistas, guardas e comandantes nazistas.

Vejamos quem é Etty por Etty:



Aqui vai, afinal. Este é um passo doloroso e quase impossível para mim: confiar tanta coisa que esteve escondida a uma folha de papel pautado em branco. Os pensamentos em minha cabeça são às vezes tão claros e definidos e meus sentimentos tão profundos, mas escrever sobre eles é muito difícil. [...] Eu sou realizada na cama, bastante amadurecida, segundo penso, para pode ser contada entre as melhores amantes – o amor de fato ajusta-se a mim à perfeição – [...]. Sou bastante favorecida intelectualmente para ser capaz de aprofundar-me na maioria dos assuntos, expressar-me claramente sobre a maioria das coisas; pareço poder enfrentar a maior parte dos problemas da vida e no entanto, no mais profundo do meu ser, algo como uma bolsa de fios de lã bem apertados amarra-me, sem me dar alívio, e faz com que às vezes eu não seja mais do que uma criatura miserável, amedrontada, apesar da clareza com que posso expressar-me (Hillesum, 1981, p. 17-18). [09/03/1941]

Etty Hillesum se descreve na primeira anotação de seu diário, em um domingo, como uma pessoa insegura nas questões que envolvem sua natureza, seu ser, mas é extremamente confiante quando se trata de seu corpo. A escrita lhe parece um desafio frente ao conhecimento que diz ser capaz de amearhar e a insegurança se reflete no medo de não ser capaz de acompanhar sua existência.

No dia seguinte, Etty compartilha com seus leitores a necessidade que tem de se concentrar, limpar a mente daqueles pensamentos que a distraem, e propõe um método para fluir melhor sua escrita. Vejamos como ela dialoga consigo mesma:

[...] Lave suas mãos de todas as tentativas de dar corpo a todos esses grandes e abrangentes pensamentos. O menor e mais estulto ensaiozinho é mais valioso que o dilúvio de idéias grandiosas no qual você gosta de espojar-se. [...] Organize um pouco as coisas, pratique um pouco de higiene mental. Sua imaginação e suas emoções são como um vasto oceano do qual você resgata alguns pedaços de terra que bem podem ser de novo inundados. [...] (Hillesum, 1981, p. 23). [10/03/1941]

Serão vários os trechos, especialmente aqueles em que Etty cobra-se pela perfeição de sua escrita, que percebemos essa conversa íntima entre uma jovem mulher e uma mulher em evolução. Ela reconhece que não passa de “uma criatura fraca e uma pessoa sem importância flutuando e vagando ao sabor das ondas” e declara, afastando as fantasias que perseguem sua juventude e inexperiência: “Mantenha seus olhos fixos entre a terra firme e não se afogue desesperadamente no oceano. E agora vamos ao que temos que fazer!” (Hillesum, 1981, p. 23).

Esther Hillesum, nossa autora, não atuou como advogada, apesar de ter se formado em Direito, nem foi escritora de ofício, apesar de trabalhar sua escrita diariamente. E ao afirmar que “o que confio ao papel deve ser logo perfeito; não me agrada registrar ramerrão diário. E não estou certa do meu talento; realmente não o sinto como uma parte minha, orgânica” (Hillesum, 1981, p. 24), ou seja, ela aceita mais de uma vez em suas anotações a fragilidade da sua escrita, e a necessidade de exercitá-la.

Etty cria um método para exercitar sua escrita, para “trabalhar diariamente naquilo que acredito seja meu maior talento” (Hillesum, 1981, p. 24). Primeiro, a higiene pessoal, em seguida, um afazer qualquer, como costurar suas meias furadas, algo relativamente comum à época. Se antes amanhecia e em jejum lia Dostoievski ou Agostinho, agora as tarefas mais triviais deveriam anteceder ao inundamento de ideias provenientes das leituras que resultariam em palavras.

Mesmo com essas impressões sobre sua própria escrita, Etty legou ao futuro um conjunto de ideias em seus escritos que são vistos, por alguns, como uma aventura literária e espiritual. Advogou pelos seus dentro e fora do campo de concentração e durante seu aprisionamento relatou religiosamente em diários as sujeições a que ela e os seus companheiros passavam no campo de concentração, ao mesmo tempo que questionava a presença/ausência de Deus nos corações dos seres humanos. Foram tamanhas as crueldades cometidas com seus semelhantes, que a responsabilidade não poderia ser Dele, como ela afirmará em sua escrita.

Dito isto, nosso problema a ser respondido nesta pesquisa é se a *literatura de testemunho* e a *escrita de si* funcionam enquanto categoria literária, como constructos da memória e do sofrimento nos relatos de Etty Hillesum. A própria Etty nos guia ao anotar numa tarde de domingo que escrever “era apenas uma outra maneira de ‘possuir’, de trazer coisas mais intimamente para você, com palavras e imagens” (Hillesum, 1981, p. 29). Faremos nossas análises e interpretações, particularmente, a partir de duas traduções em língua portuguesa (1981, 2009). A tradução em espanhol de 2007 foi consultada, mas para mantermos o padrão de citação dentro do texto, não a referenciamos diretamente em nossa escrita<sup>3</sup>. Estes serão nosso *corpus*, nosso meio, objeto de pesquisa e obra literária em análise, e tomaremos outras traduções como referência sempre que necessário.

Ao entendermos que diários são documentos que constroem a memória de um tempo, de uma história, caracterizando-se, assim, como uma *literatura de testemunho*, justificamos nossa pesquisa na necessidade de entender como os mesmos afetam o nosso ser, tendo em vista que são documentos da memória de um determinado tempo que falam de opressão, dor, amor, infelicidade e Deus. São memórias de um tempo que poderão esclarecer – no sentido de

---

<sup>3</sup> A primeira versão publicada em português no Brasil, em 1981, foi editada pela Record. Porém, os diários foram publicados por outras editoras e em outras línguas. Recorreremos a outras edições quando as traduções se demonstrarem evidentemente distintas ou encorajadoras de análise ou ainda para exemplificar o uso de uma linguagem diferente entre as traduções, que possa vir ou não a gerar diferentes interpretações. Algumas das versões disponíveis e que poderão servir de referência: *Diários – 1941-1943* (2009) em sua terceira edição editada pela Assírio & Alvim, de Lisboa; *Una vida conmovida: Diario 1941-1943* (2007), versão em espanhol da editora Anthropos de Barcelona, *Diario 1941-1942* (2012), versão italiana editada pela Adelphi/Unabridged e *Uma Vida Interrompida* (2022) da editora brasileira Áyiné.

iluminar, elucidar – a presença da alma daquela mulher e a importância desses sentimentos, vivências, descobertas e ilusões em nosso tempo. A escrita de diários, que se caracteriza também como uma literatura testemunhal, se oferecerá como dispositivo de embate entre o eu moderno, o mundo e a construção da memória.

Já a respeito da *escrita de si*, Margareth Rago (2013) nos diz que é uma forma de “contrapoder”, pois ao escrever sobre si, o indivíduo constrói uma nova imagem do mundo e de sua relação com ele. Essa nova relação, segundo a autora, quebra com os discursos pré-estabelecidos sobre as subjetividades humanas, questiona as estruturas de poder e estabelece novas formas de ser no mundo. Este “ser como devir” respalda-se no pensamento foucaultiano de que o poder se estabelece em todas as relações sociais, nas práticas diárias e nos discursos. O contrapoder agiria como resistência em meio às relações de poder estabelecidas, sendo a *escrita de si*, a prática que resiste às formas de sujeição impostas pela normatização dos discursos e das ações violentas de regimes de governo, de relações de trabalho, entre outras.

Ainda em sua obra, Rago (2013) caracteriza a *escrita de si* como um instrumento que ao dar às mulheres voz, ou melhor, palavras, as empodera da sensibilidade e da percepção sobre as mazelas do mundo, e a coloca como ferramenta libertadora da representação feminina, esta vista pelos olhos da heterossexualidade misógina.

A “escrita de si” é prática para a liberdade, como aponta Michel Foucault (1992), e uma nova forma de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Além disso, o autor a entende como um exercício que leva à transformação espiritual e ética do sujeito. Soma-se a isso o entendimento de Rago (2013), ao reafirmar que a experiência da escrita pessoal tende a trazer à tona socialmente uma nova compreensão do ser-mulher. E, por que não dizer, simplesmente, do Ser? A bondade como subjetividade humana em Etty aflora em sua escrita e constrói outro Ser, o de uma mulher que não se permite odiar as pessoas, que adoece ao imaginar que tamanha obscenidade se instale em seu pensamento, e que se coloca no mundo liberta das concepções de que devemos odiar aqueles que nos matam ou nos infligem dor.

Partindo do entendimento que a *escrita de si* é uma narrativa, que a linguagem e o discurso que a constituem podem representar um modelo cultural dominante ou uma forma de resistência, o que sabemos é que ambas nos revelam novos conhecimentos e reflexões que vão além de simples pensamentos redigidos. Elas apresentam novas representações sociais. Serão as interpretações dos pensamentos de Hillesum, suas subjetividades postas pela caneta no papel de forma mais pessoal, que nos interessam. Questões relativas à humanidade, à miséria humana decorrente da guerra, à infelicidade, à morte e até mesmo à beleza em tempos sombrios.

Num certo momento, ontem, pensei que não poderia continuar vivendo, que necessitava de ajuda. A vida e o sofrimento tinham perdido seu significado para mim; sentia que estava para ter um colapso sob uma tremenda pressão. Porém, uma vez mais lutei, e agora posso encerrar tudo, mais forte do que antes. Tentei encarar aquele **‘sofrimento’ da humanidade** com honestidade e frontalmente. Levei a luta adiante, ou melhor, algo dentro de mim empreendeu a luta, e de repente houve resposta para muitas questões insolúveis e a sensação de vazio cedeu ao sentimento de ordem e que havia, afinal de contas, um significado nas coisas, e que podia continuar a viver. Tudo andava de novo calmamente, após uma curta porém violenta batalha, da qual emergi uma fração mais amadurecida (Hillesum, 1981, p. 42, grifo nosso). [15/06/1941]

Buscamos tais abstrações nos relatos de Etty, aqueles pensamentos que vão além, que conjugam dor com amor quando ela descreve sua relação com Julius Spier, por exemplo. No dia anterior, um sábado (14), ela anotara que mais prisões e campos de concentração se espalhavam pela Europa, e que não havia mais significado em viver, que se sentia impotente. Precisava de ajuda, mas ao mesmo tempo que constatava tal fato, não queria se manter presa à infelicidade que seu relacionamento com Spier lhe causaria. O sofrimento causado pelo seu quase relacionamento, acaba se evanescendo quando percebe que a humanidade precisa de sua ajuda, e que seus simples problemas afetivos não importavam.

Disse que enfrentei o ‘sofrimento da humanidade’ (eu ainda me arrepio quando se trata de palavras solenes), mas isso não foi realmente o que aconteceu. Na verdade, sinto-me como um pequeno campo de batalha, no qual os problemas – ou alguns dos problemas – de nosso tempo são enfrentados. Tudo o que se pode fazer é manter-se humildemente à disposição, permitir ser usado como um campo de batalha. Afinal de contas, os problemas têm que ser conciliados, devem ter algum lugar onde possam ser enfrentados e repousar, e nós, pobres e pequenos humanos, devemos colocar nosso espaço interno a seu serviço, e não fugir deles. Sobre isso, sou provavelmente muito hospitaleira; meu campo de batalha é extremamente sangrento e uma fadiga imensa e dores de cabeça atroz são o preço que tenho que pagar [...] (Hillesum, 1981, p. 43). [15/06/1941]

Buscamos, com suas memórias individuais, construir uma memória coletiva identitária e literária que se constitui por meio da *escrita de si* e dos diários, especificamente. Também para entendermos a explosão deste tipo de publicação nas últimas décadas, mas mais especificamente pela hipótese que levantamos: a *escrita de si*, produzida por testemunhas de um tempo, possibilita aos novos leitores conhecerem sobre momentos históricos delicados e violentos de forma fiel?

Além disso, escrever diários que transcrevem para um pedaço de papel o cotidiano, torna-se um ato de sobrevivência e resistência para as mulheres (Cf. Rago, 2013). É desta forma que Etty Hillesum e sua vida, bem como a de Anne Frank, jovem judia que durante dois anos escondeu-se em uma casa em Amsterdã onde religiosamente registrava suas descobertas em um diário que foi encontrado apenas após sua morte no campo de Bergen-Belsen, ambas

permanecem no imaginário de seus leitores. Somam-se a elas Renia Spiegel, executada em 1942 pelos nazistas e seu *Renia's Diary: A Holocaust Journal* (2019), Eva Heyman, torturada por Joseph Mengele e morta aos 13 anos de idade e seu *He vivido tan poco: Diario de Eva Heyman* (2016) ou ainda *O diário de Rutka* (2008) já traduzido para o português, que narra 3 meses de vida de Rutka Laskier antes de ser presa e levada para o mesmo destino, a morte em Auschwitz. Em setembro de 1943, Etty Hillesum foi deportada para o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, onde viria a falecer em 30 de novembro do mesmo ano, conforme comunicado da Cruz Vermelha, instituição humanitária criada em 1863.

A *escrita de si* e o testemunho são indissociáveis na medida que, enquanto categorias neste trabalho, não podem ser pensadas em separado. A *escrita de si* (autobiografia, autoficção, diários, autobiografia ficcional, ensaio ou memórias) só existe se houver um testemunho. E este, só se consolida se uma ou mais pessoas imortalizarem em relato seus testemunhos. Além disso, são necessários para a reconstrução do mundo, da sociedade nele inserida e da democracia. Ambas são ferramentas contra o esquecimento, no que resulta e se denomina chamar de *literatura de testemunho*. Essa literatura, que é típica da modernidade, revela a constituição de um sujeito que se expressa, do mundo que o cerca e do outro com quem se relaciona, extrapolando, assim, o plano da mera subjetividade e constituindo-se como um testemunho existencial do ser no mundo.

A memória de grupos à margem da sociedade (como mulheres ou prisioneiros de guerra) interessa na medida em que há produção de novos saberes, que resistem ao *status quo*, criticando as estruturas de poder e do conhecimento dominante. Aqui, a memória se faz presente em suas experiências e histórias de vida, que reforçam a marginalização desses sujeitos e o apagamento nas narrativas oficiais. Defendemos essa tese em Etty.

Apesar das escritas autoral, autobiográfica e confessional serem marcadamente escritas que se consolidaram na modernidade, existem relatos anteriores à época. Na escrita autoral, nota-se que a mesma reflete seu autor e sua busca por uma identidade literária, seja escrevendo ficção, romance ou poesia, sendo no uso de uma linguagem e de certa abordagem que caracterizará seu idealizador. O autor será o responsável pela construção de significados dentro do texto e por controlar o discurso, podendo a escrita transcender à identidade individual (Cf. Foucault, 1992).

Já a escrita autobiográfica narra aspectos da vida de quem a escreve através de experiências pessoais, fatos e memórias. Se o objetivo do biógrafo é explorar determinados

eventos que ajudaram a formar sua identidade, a narrativa deve ter o compromisso com a factualidade dos eventos descritos (Cf. Lejeune, 2008).

Por fim, a escrita confessional que se caracteriza pela sentimentalidade e emoções presentes nas narrativas, são marcas registradas presentes em poesias e diários, onde nossos medos e outras questões relativas ao íntimo se fazem presentes (Cf. Rago, 2013).

Percebemos claramente que o ponto comum entre as três é o autor, e suas diferenças encontram-se no seu estilo e voz (autoral), nos eventos reais vividos e narrados (autobiografia), e no caráter mais pessoal, íntimo e emocional (confessional) das narrativas.

O livro *Confissões* (397-400) de Santo Agostinho é considerado a primeira autobiografia na história, e narra a trajetória de vida de Agostinho de Hipona antes de se “converter ao cristianismo”, quando era um homem comum que pecava, até o desenvolvimento de seu pensamento teológico, que notadamente é referência nas questões que envolvem as meditações espirituais. As leituras de Agostinho foram referência para Etty Hillesum, dentro e fora do campo de Westerbork, sendo base para o desenvolvimento de suas reflexões sobre o seu papel enquanto ser humano diante de tantas provações. Apesar da distância temporal e geográfica,

[...] O elo entre os dois autores, [...] se dá pela busca da via mística, que ambos procuraram. Etty, leitora de Agostinho, declara em seu *Diário*, reiteradas vezes, que o importante é a via da interiorização, a via da busca de si mesmo, no mais profundo de si. É o que importa em tempos sombrios e obscuros, talvez para suportá-los com mais dignidade e lucidez (Contaldo, 2019, p. 9).

Esse buscar a si, de fora para dentro, especialmente o ouvir nosso silêncio interior para a partir dele escutar quais são nossas obrigações, segundo nos aponta Silvia Contaldo (2019), fazem parte do exercício prático da mística, mas também do exercício cognoscível do reconhecimento da experiência mística.

A mística pode ser prática de vida como também pode ser discurso especulativo. Importante, porém, é a fonte de onde brotam as místicas. Experiências, vivências, revelações, admiração frente ao que para nós se põe como mistério são fontes místicas. [...] Em Agostinho, a fonte dessa mística nasce de seu coração inquieto, de seus autolítigios, um embate consigo mesmo, para ir além das frágeis cercanias que pareciam impedir o conhecimento da realidade que não se lhe mostrara de imediato (Contaldo, 2019, p. 10).

Inquietude é uma palavra que bem representa Etty e seus relatos. Nunca contente com um único posicionamento sem antes inferir sobre suas possibilidades, algumas vezes indecisa sobre qual caminho trilhar em relação ao amor de sua vida, insatisfeita com a crueldade nazista, Agostinho foi para ela o mesmo que ela sugeriu ser aos seus, ante à morte que se aproximava: “Gostaria de ser um bálsamo para muitas feridas” (Hillesum, 2009, p. 333).

Contaldo (2019, p. 18) corrobora nosso pensamento ao afirmar que “certamente nos escritos agostinianos encontrou força e determinação para, em meio aos horrores da guerra, perseguições, campos de concentração, dar sentido a uma vida que seria brevemente interrompida”. E conclui:

Desse modo, a escrita cotidiana de Etty Hillesum parece ser agostinianamente mística, pois está eivada de inquietudes, de movimentos e enfrentamentos de si, em incontáveis tentativas de voltar-se para dentro de si e de recolher-se em cada cidadela interior (Contaldo, 2019, p. 18).

Dessa forma, analisar a obra póstuma de Etty é buscar no testemunho de um tempo, de uma memória individual, uma nova memória coletiva para um novo tempo. É defender que a *escrita de si*, desenvolvida através de um sujeito-autor, transcende a subjetividade e transforma-se em testemunho existencial.

Especificamente, buscamos destacar a *literatura de testemunho* como suporte, ou um meio de construção da memória através deste gênero literário (diário), e a *escrita de si* como gênero confessional, caracterizado também pelo uso do pronome em primeira pessoa, ou no caso de Etty, quando dialoga claramente consigo mesma: “Este vago temor é algo mais que eu devo conquistar em meu íntimo. A vida é difícil, é verdade, uma luta de minuto a minuto (não exagere agora, Etty!), mas a própria luta é emocionante” (Cf. Hillesum, 1981, p. 31).

Na sequência de nossas reflexões, propomos apresentar e analisar na escrita dos diários de Etty Hillesum, a presença de uma narrativa, especialmente desenvolvida dentro do campo de concentração, fundamentada no conceito de *malheur*<sup>4</sup> de Simone Weil (1919-1943). E este, como parte do fortalecimento de uma *literatura de testemunho* e da construção de uma memória coletiva sobre o Holocausto, período que durou dos anos de 1938 a 1945, e que dizimou milhões de pessoas sistematicamente por serem judias, homossexuais, comunistas, fisicamente incapazes ou contra o regime nazista de Adolf Hitler.

Simone Weil foi uma filósofa francesa que dedicou suas ações e sua escrita, dentre algumas questões, à “popularização” da literatura grega entre aqueles que sequer sabiam o que viria a ser uma epopeia ou uma tragédia, e ficou conhecida como uma pessoa com “um coração capaz de bater através do universo inteiro”<sup>5</sup>. Como mulher, professora, judia não praticante,

<sup>4</sup> Termo compreendido por Simone Weil como algo que leva ao desenraizamento do sujeito e conseqüentemente à desestruturação ontológica da sua existência.

<sup>5</sup> Palavras que saíram da boca da também filósofa Simone de Beauvoir, ao categorizar Simone Weil como alguém “intempestiva”, mas ao mesmo tempo cheia de “compaixão” com os mais necessitados no mundo, como nos apresenta uma outra Simone (Nogueira, 2017, s/n).

agnóstica na juventude, filósofa e operária, buscou nas mazelas daqueles que mais sofriam inspiração para sua vocação intelectual.

Para Weil, todo o conhecimento deveria ser compartilhado com os que mais necessitavam e este foi seu contributo à sociedade que lhe dava tanta inspiração. O conhecimento poderia lhes dar um pouco de felicidade, assim refletia a filósofa. Algumas temáticas desenvolvidas por Weil, e que afloraram da sua vivência enquanto operária de “chão de fábrica”, e que a levou a vivenciar o dia a dia dos operários, refletiam sobre os danos causados pelo trabalho árduo e a impossibilidade de pensamento e reflexão decorrente do esgotamento físico, mais especialmente mental.

Dentre alguns temas discutidos por Simone Weil em seus textos estão a *força*, “motor imóvel” motivador e causa da opressão e, conseqüentemente, da miséria humana. No mundo grego, o conceito aristotélico de motor imóvel se refere à causa primária que movimenta o mundo e a causa final, o objetivo de cada movimento, seu fim. Na leitura weiliana, podemos dizer que a “força” e a “opressão” são as causas primeiras que levam à miséria humana, sua causa final.

Tais categorias se fazem presentes no pensamento de Weil e em suas reflexões sobre alguns textos gregos. São os motores imóveis – a força e a opressão -, da miséria humana e da infelicidade (*malheur*), que quando não matam, transformam a pessoa, a autora e o caráter de sua obra, como podemos ler no seu texto *A Ilíada ou o poema da força* (Weil, 1996).

Simone Weil, que lutou na Guerra Civil Espanhola, trabalhou no campo e nas fábricas francesas (sendo a última por onde passou, a Renault), morreu em 24 agosto de 1943 com 34 anos em Ashford, na Inglaterra, em um sanatório com um diagnóstico de tuberculose e a saúde muito debilitada, pois se recusava a comer mais do que a ração servida aos soldados franceses que lutavam contra os nazistas.

Tanto Simone Weil quanto Etty Hillesum morreram jovens acreditando que suas impressões sobre o mundo, a vida e os que fazem parte dela seriam úteis para as próximas gerações. Essas jovens mulheres acreditavam que seus relatos poderiam evitar a repetição de atrocidades no futuro, por exemplo. Enquanto testemunhas de seu tempo não deixaram de se apresentar como pensadoras e escritoras brilhantes que mesclaram a *literatura de testemunho* com a *escrita de si* na busca pela compreensão do presente, porém sem perder de vista o horizonte do outro que clamava por atenção em seu tempo.

Neste horizonte, o percurso metodológico proposto por este doutoramento buscará o aprofundamento das pesquisas sobre o gênero literário confessional, o diário, partindo da



análise da escrita de Etty Hillesum. Propomos também que os referenciais teóricos da Estilística colaborem com esta discussão, ao buscarem na escrita de Hillesum um estilo de autoria que aproxime a sua escrita dos preceitos da *literatura de testemunho* e de uma *escrita de si* de autoria feminina.

Sendo assim, e a partir do entendimento de que “a análise estilística parece mais proveitosa ao estudo literário quando pode estabelecer algum princípio unificador, algum fim estético geral” (Wellek; Warren, 1984, p. 181-182) que percorra toda a obra, buscaremos, também, recorrências que insinuem uma tendência reflexiva e filosófica na escrita de Hillesum.

Wellek e Warren (1984, p. 183) argumentam que “toda relação entre psique e palavra é mais frouxa e mais oblíqua do que geralmente é admitido” comprometendo a análise da obra literária, que para os autores, parte de preconcepções psicológicas e ideológicas que buscam se firmar na fala. Porém, buscaremos encontrar “na língua justamente aquilo que ela for, então, forçada a expressar – tal como dir-se-ia, nas abordagens biográficas que buscam na obra estudada uma confirmação da vida do autor” (Araújo, 2013, p. 106). Buscaremos, assim, na escrita Etty Hillesum, algo mais sobre sua vida.

Destarte, vale destacar que “as obras literárias somente existem quando lidas, ou melhor, quando inseridas em um ato, seja o da leitura, seja o da escrita” (Durão, 2015, p. 379). Logo, essa pesquisa tem a intenção de, ao revisitar Etty Hillesum e ressignificar seus textos, elevar os diários ao patamar de obra literária necessária, seja pela construção da memória, ou pela consolidação de uma escrita de autoria feminina.

A escrita de diários não é exclusivamente feminina, pelo contrário, personalidades famosas como Franz Kafka e José Saramago, que escreveram sobre reflexões filosóficas, literatura e cultura, são alguns pensadores que se valeram desse gênero literário. *Os Diários de Franz Kafka* (2021) são um compilado de 13 cadernos enquanto os *Cadernos de Lanzarote* (1997) e *Cadernos de Lanzarote II* (1999), são compostos de cinco diários escritos entre 1993 e 1998.

No entanto, assim como quase tudo na vida das mulheres, a entrada na vida pública e no mercado editorial se deu após muita luta e muitos livros publicados com pseudônimos ou com o nome de seus maridos como autores. Essa realidade, que pode nos parecer absurda, foi retrato de um “meio no qual as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões

artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil” (Rago, 2013, l. 208-212)<sup>6</sup>.

Para introduzir como trataremos a literatura em nosso contexto, apreendemos de empréstimo a fala de Rogel Samuel (2002, p. 15):

Sendo a literatura uma forma de apreensão do real, é ideológica, pois sua mimese passa por um código ideológico. Os dois fundamentos – linguagem e ideologia – caracterizam a escrita do texto de arte literária. São duas as propriedades da escrita e dão a esta definição uma dimensão focalizada e um propósito definido, possível de perceber. Porque se a linguagem é aquilo que nos capacita dizer o que dizemos, seu dizer não se dá sobre um vazio semântico, o que ele diz é *ideológico*, e sua capacidade de dizer manifesta a *linguagem*. Por isso, no fim, linguagem e ideologia se não se tornam a mesma coisa ou coisas iguais, mas mostram duas faces da mesma moeda, não podendo considerar uma sem a outra, ou uma qualquer isolada.

Os diários de E. H. falam do mundo, de um tempo; apreendem o real para além dele. A nós, leitores, a realidade vai se construir pela imaginação, assim como o caráter ideológico só poderá ser dado a partir de um posicionamento mais crítico e reflexivo. Para nós, pesquisadoras, “a pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem” (Demo, 2006, p. 16) na busca pelo conhecimento dos fatos, e conseqüentemente, da emancipação do sujeito leitor-pesquisador.

Desta forma, o estudo de uma obra literária deve levar em consideração a intuição do leitor. Somado a isso, o espírito da autora e outros fatores levariam ao porquê daquela obra ter sido escrita e ter relevância acadêmica. A pesquisa se faz cotidianamente através de uma postura investigativa de seu pesquisador e em literatura, “muitas vezes o objeto é que suscita o método”, e ao nos aproximarmos “do objeto (poema, conto, romance etc.) é que vamos descobrindo elementos importantes para a leitura” (Pinheiro, 2011, p. 17)<sup>7</sup>.

A leitura de um livro, somada às nossas experiências em busca de nossos objetivos dentro de uma pesquisa, nos auxiliam com uma postura mais acadêmica, onde a atividade investigativa da pesquisadora manifesta-se continuamente por meio de uma postura crítica e analítica no cotidiano da pesquisa. E assim:

[...] Trazendo para o âmbito da literatura, a atitude científica deve se caracterizar pela constante pergunta sobre o sentido do que foi narrado – um fato, um gesto, um olhar, um lugar, uma repetição – [...]. Se o momento da leitura é o do deleite, do

<sup>6</sup> Por tratar-se de um livro eletrônico sem paginação, o uso da consoante l. refere-se a sua localização dentro do leitor digital. Sempre que o texto apresentar essa forma de referência, é porque estamos trabalhando com essa ferramenta de leitura.

<sup>7</sup> É assim que a filosofia de Simone Weil, por exemplo, se fez e se faz presente em nosso cotidiano investigativo. O mesmo podemos dizer em relação a questões pontuais sobre a escrita feminina que serão apresentadas ao longo do texto.

encantamento, da descoberta, da perplexidade, da inquietação; o momento posterior é da tentativa de compreensão e de explicação, a partir do texto, da experiência de leitura – que resulta numa interpretação” (Pinheiro, 2011, p. 19).

O diálogo científico, essa atitude investigativa, tem como participantes o leitor (pesquisador) e o texto em um movimento ininterrupto de questionamentos que visam responder a dúvidas, curiosidades, ou mesmo reafirmar verdades postas (Cf. Pinheiro, 2011). Este ato de pesquisar para Demo (2006, p. 17), é “o reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se”. Teremos aqui, o desafio de complementar os poucos saberes que foram até hoje construídos sobre Etty Hillesum, seus diários e algumas de suas correspondências, no Brasil<sup>8</sup>.

Entendendo que o objeto de estudo da literatura é a obra literária, agregaremos à pesquisa, a relevância de se compreender o período em que os diários foram escritos, pois “toda obra artística é a simbolização de uma experiência humana e está ligada – queira ou não o autor – a um contexto histórico” (Pinheiro, 2011, p. 26). Assim como o contexto histórico, a experiência humana se faz presente e necessária justamente com o objetivo de melhor contextualizar tais fatos, dando-lhes caráter de verdade. Tal questão envolve o fato de que alguns críticos literários consideram a *escrita de si* muito pessoal e carregada de sentimentos. Desconfiam das “verdades” relatadas, do posicionamento do autor e até mesmo de sua própria memória. Na escrita testemunhal, a soma desses fatores pode contribuir para a forma como os relatos são produzidos.

A intencionalidade desta pesquisa é simplesmente “não repetir o que já foi dito, mas fazer uma leitura particular de uma obra, chamar atenção para significações que ainda não haviam sido percebidas e sistematizadas” (Pinheiro, 2011, p. 45). E, para tal, a metodologia será a investigativa de abordagem reflexiva, por ser esta “uma atitude crítica que organiza a dialética do processo investigativo; que orienta os recortes e as escolhas feitas pelo pesquisador; que direciona o foco e ilumina o cenário da realidade a ser estudada” (Ghedin, Santoro Franco, 2008, p. 108).

---

<sup>8</sup> Mestrado defendido em 2019, no programa de Ciência da Religião, com o título “O universo interior de Etty Hillesum transfigurado pela presença de Deus”; no mesmo ano, mas no programa de Teologia foi defendida a dissertação “Mística e Conhecimento Existencial em Etty Hillesum”. No ano de 2022, dentro do Programa de Literatura e Interculturalidade, a pesquisa realizada denominou-se “A literatura de testemunho de Etty Hillesum: a escrita de si enquanto compromisso com a humanidade” e, por fim, no ano seguinte, novamente em um programa de Ciências da Religião, o título da dissertação foi “A Mística de Etty Hillesum: uma experiência de Deus entre as brumas da Shoá”. Como três das pesquisas estão diretamente vinculadas a estudos religiosos, parece evidente que as temáticas religião, Deus e mística sejam recorrentes, mas não significa que sejam os únicos temas que podem ser abordados na escritora em questão, como pode ser visto na dissertação em literatura feita no PPGLI.

Vale ressaltar que a interpretação, apenas para uma pesquisa, é a mediação também sugerida entre o texto e seu leitor (Cf. Bosi, 2003). Do leitor-comum ao leitor-pesquisador, o ato de interpretar é o comprometimento que se tem com “o pensamento e os sentimentos, a razão e a afeição; é uma atividade ligada às necessidades de sobrevivência e de organização da experiência vivida” (Pinheiro, 2011, p. 72).

Para nós, os diários de Etty Hillesum são obras literárias que se apresentam como, inicialmente, expressão de suas vivências, mas também fazem parte daquele escopo literário que se estabelece como memória. E esse cenário memorialístico se torna emblemático e simbólico na história do mundo e, também, da literatura. Seus escritos se preocupam com as gerações posteriores, e por isso devem ganhar um destaque especial dentro do gênero literário confessional.

Dessa forma, e a partir desses pressupostos teóricos e metodológicos iniciais, conduziremos nossa pesquisa em busca de responder ao seu objetivo central: como a *literatura de testemunho* e a *escrita de si* são constructos da memória e do *malheur* weiliano nos diários de Etty Hillesum? Trilharemos em busca dessa resposta, buscando responder essa e outras questões, através da cronologia apresentada a seguir.

O primeiro capítulo intitulado **Os diários de Etty Hillesum e a concepção de gêneros textuais: uma história a ser contada**, discorrerá sobre a *escrita de si* e a questão da autoria, bem como o olhar para a autobiografia como literatura que vai além de simplesmente relatos pessoais. Neste primeiro momento, dialogaremos com Maria Clara Bingemer (2021), a *escrita de si* e a autobiografia como lugares de resistência, mas também de relatos de intimidades. Tal discussão norteará os debates sobre a escrita de diários, e posteriormente, o caminhar de tais relatos para sua identificação com a escrita feminina.

Mas antes desta discussão, Philippe Lejeune (2008) e seu pacto autobiográfico, apresentará o leitor e a leitora como sujeitos que tomam para si os relatos autobiográficos como verdadeiros e não-ficcionais, interpretando as subjetividades do texto e do narrador. Para ele, as narrativas que remetem a acontecimentos, que contam histórias de momentos delicados como guerras, por exemplo, estão sujeitas a lapsos de memórias de seus narradores e, desta forma, não são relatos precisos. Em nossa pesquisa, nos posicionamos contra sua ideia, e trataremos os relatos testemunhais como narrativas memorialísticas, tendo em vista que, autora e narradora, são a mesma pessoa, e os relatos são anotados praticamente ao mesmo tempo que acontecem.

Dentro deste contexto, esta pesquisa buscará dar credibilidade e autenticidade à escrita de Etty Hillesum, fortalecendo a ideia de uma *escrita de si* como constructo da memória, caracterizando sua intencionalidade. Na sequência, apresentaremos o *malheur* como categoria existencial, em sua escrita, a partir da ausência do amor de Deus nos corações dos seres humanos, cuja presença do sofrimento, embasará a memória da dor e do momento histórico (o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial). Encerrando esta seção, afirmaremos que os diários de Etty Hillesum são autobiografias, como esperamos demonstrar.

Na sequência, faremos algumas reflexões sobre a escrita de autoria feminina, contextualizando o surgimento dos diários no século XIX, não ainda como gênero literário, pelo contrário, como literatura menor. Lejeune (2008) retorna ao nosso texto, afirmando serem os diários locais de conservação da memória (mesmo que seu autor não sobreviva), enquanto para Michel Foucault (2011) este tipo de narrativa se apresenta como um “modelo narrativo confessional”, que abriga a existência do ser e de seu tempo para a posteridade. Em Etty Hillesum, isso acontece quando do ato de prestar testemunho (com a escrita) e da tentativa de reescrever a História.

Margareth Rago (2013) soma-se à discussão afirmando que isso ocorre quando narramos nossa própria vida e existência. Para o leitor, isso se dará por meio de sua carga informativa (estética do leitor). Neste sentido, Foucault acrescenta que a construção de novas subjetividades pela transformação social, crítica e reflexiva, ocorrerá a partir da leitura. Ou seja, o sujeito-leitor se reinventa a partir dela, determinado o caráter memorialístico de uma obra.

Retomamos Rago (2013), que nos auxilia ao compreender a relação entre *escrita de si*, gênero autobiográfico e escrita de autoria feminina, que traz como consequência o ato de testemunhar, que, por sua vez, ajuda a reconstruir as relações sociais modernas contra o esquecimento da História. Neste momento, a mulher, a feminilidade e o feminismo somam-se a uma leitura filosófica do sofrimento, causa da existência e da condição humana, descritos nas anotações quase que diárias de Etty Hillesum.

Em um segundo momento, abordaremos questões relativas à memória, como a importância da literatura autobiográfica (*escrita de si* e *literatura de testemunho*) como constructo da memória. Marina Maluf (1995) aponta o narrador como aquele que revela apenas o que deseja, enquanto Ângela de Castro Gomes (2004) confere o surgimento do ser humano moderno a uma busca de sua identidade e da construção da História.

Giorgio Agamben (2008) trará à discussão as testemunhas de genocídios e a suas lembranças, enquanto Maria Simome Marinho Nogueira (2024) reforçará a importância da

linguagem poética de Etty Hillesum, que aproxima a história da memória individual, e da *literatura de testemunho*. Maurice Halbwachs (2006) discutirá a memória coletiva como pertencente a um grupo social e como a mesma se origina nas memórias individuais.

Não menos importante, encerramos o tópico sobre memória com Márcio Seligmann-Silva (2010), que coloca a *escrita de si* memorialística como *literatura de testemunho* que recria fatos históricos, no tempo em que, Wilberth Salgueiro (2012), apresentará as características da *literatura de testemunho*, que discorreremos em momento adequado.

No último tópico, trataremos da *escrita de si* como gênero confessional e iniciamos com os questionamentos sobre a existência de uma escrita feminina embasada na *escrita de si*, e da pouca importância que é dada à mesma dentro dos estudos literários. Parte de nossa resposta encontramos na obra de Anna Caballé (2019), que afirmará sua pouca relevância, atestada, inicialmente, por um mercado editorial exclusivamente masculino.

Outros estudos se somarão a esta discussão: como o de Foucault (1992) e a morte do autor como parte da constituição da memória e do testemunho, e da *escrita de si* como exercício contra a solidão em busca de elevação espiritual da alma; o de Maurice Blanchot (2005), que pondera e afirma ser a escrita de diários responsável por salvar o autor e criar memórias; o de Hannah Arendt (1999) e a banalidade do mal, e de Hans Jonas (2016), sobre o Deus vulnerável às ações humanas.

O terceiro, **Nossa autora-escritora-personagem**, apresentará nossa autora e personagem Etty Hillesum, que de mulher sujeitada ao regime nazista, voluntária em um campo de concentração, até finalmente se tornar parte daquela engrenagem de aniquilamento, também se coloca, em sua escrita, como mulher. Nesse contexto, a pesquisa encontrará respaldo em discussões sobre o corpo, o *feminino e o feminismo*, tendo a leitura literária e filosófica como aporte teórico e reflexivo.

Começamos o capítulo com a apresentação de Etty Hillesum pelo olhar de Paul Lejeune (2014), que a vê como uma mulher livre e uma grande escritora preocupada com a ética, o outro e o futuro, assim como uma mulher em busca constante por conhecimento. Corroborando a mesma ideia, Mary Evans (2001) destacará seu pensamento (o de Etty) à frente do tempo ao sugerir que mulheres não deveriam se preocupar com o que a sociedade lhes impõe.

Maria Clara Bingemer (2021) destacará a mulher mística que Etty Hillesum foi ao ser tocada pelo divino, mesmo entendimento de Maria Simone Marinho Nogueira (2019), que acrescentará a suas qualidades, uma escrita poética, que surge do silêncio e do esvaziamento da alma, ao falar do amor de Deus pelos homens e mulheres. Discorreremos também sobre a questão

mística presente na linguagem em sua escrita, a partir de Michel de Certeau (2015), e a discussão da experiência do transcendente. Já Marcella de Sá Brandão (2023) nos ajudará a entender a escrita mística feminina, que por características próprias a ela, aproxima-se de Deus por sua preocupação com questões sociais.

Retomaremos Maria Clara Bingemer (2011) como aporte teórico para aproximar a escrita mística dos estudos literários, e será neste momento que realizaremos uma análise das características desta categoria de escrita e como se relacionam com os relatos testemunhais, especificamente presente nos diários de Etty Hillesum. Dialogaremos com algumas obras de Maria Clara, pois é ela a maior pesquisadora de E. H. no Brasil, além de ser a percursora, e de aproximar sua mística de outra mulher que nos interessa, e da qual ela é especialista, Simone Weil.

Na sequência, após apresentarmos a jovem mulher mística, propomos uma leitura diferenciada de sua obra e da mulher, ao tratarmos das relações com o corpo, especificamente o feminino, em tempos de restrições e punições. E aqui, a reflexão buscará entender o corpo em relação à formação mística, e o corpo em contato com a morte. Traremos Paul Lebeau (2014), que inicialmente a condena, e posteriormente, como um *mea culpa*, reconhece a mulher independente que luta (através das palavras) contra o cerceamento do ir e vir do povo judeu.

A questão do *feminino-feminismo* em Etty Hillesum partirá da discussão sobre a existência da mulher na sociedade, que a enxerga como mulher e progenitora, mas nunca como um ser político ou uma cientista. Sociedade esta que impõe a beleza e a vaidade como marcas da sedução, mas que, para ela, devem ser ignoradas, pois a feminilidade não combina com as mazelas do mundo.

Esta “invisibilidade social” (Evans, 2011), coloca a mulher em um papel menor na sociedade, trazendo às suas reflexões e escrita, a necessidade de discutir a emancipação feminina. Tais reflexões passarão pelo aniquilamento do feminino e da feminilidade em tempos de guerra como arma política e de opressão. Discutiremos estas questões a partir de Michel Foucault (1999), Margareth Rago (1998), Judith Butler (2006) entre outros, como Rosiska Darci de Oliveira (2012), que vê o nascimento de uma nova mulher a partir da convivência com o Outro, mas nunca querendo ser este, pois a existência da mulher condicionada ao outro é a causa de sua invisibilização.

Na sequência, **O Ethos de Etty Hillesum: sofrimento, testemunho e o fim da humanidade** discutirá, a partir das experiências de seu sofrimento, a importância da *literatura de testemunho* como gênero literário, contrapondo o contexto histórico ao relato pessoal. Para

que essa reflexão seja possível, o estudo do *ethos* na literatura, a partir de recortes dos diários, será feito ao analisarmos o meio social, a moral e cultura da época, bem como o foco narrativo escolhido por Etty Hillesum e dos personagens apresentados (Spier, seus pais, os soldados nazistas, alguns amigos, pessoas comuns).

As experiências de Etty Hillesum e de suas várias facetas - assistente social, judia, mística, cronista – constroem um *ethos* que confere veracidade aos fatos anotados em seus diários, onde o sofrimento se apresenta em um contexto social, cuja ausência de moral vai se refletir no fim da humanidade nas pessoas. A “enunciação” trazida por seus relatos, reforçará o que Dominique Maingeneau (2020) entendia como uma certa narrativa que traz consigo valores éticos e morais e costumes de uma sociedade em seu tempo. A enunciação de Hillesum apresentar-se-á em suas vivências.

Maingeneau (2020) afirma que para entendermos um enunciado, devemos buscar na enunciação algo que seja pertinente, que faça sentido. O seu *ethos* aponta para o caráter do enunciadador e de sua escrita. Nosso enunciado pertinente será o desassossego que atravessa o corpo, alma e coração de Etty Hillesum. Apresentaremos como Etty se posiciona frente a seus leitores (seu *ethos*), e como o sofrimento é descrito em seus diários. Também proporemos olhar a obra como um legado ao tempo, mais uma vez colocando o leitor como responsável pela significação e reflexão da obra (o destinatário constrói a imagem do narrador a partir do que e como é dito), no que Hans-Robert Jauss (2002) denominou de estética da recepção.

Iniciaremos esse diálogo apresentando o “mito do eterno retorno” de Mircea Eliade e o conceito de *malheur* por Simone Weil, no intuito de aproximá-los do desassossego inúmeras vezes descrito por Etty Hillesum. A ideia de eterno retorno é fundante e tem o tempo cíclico como aliado ao propor a necessidade de renovação social em busca da existência ideal. E por que tal discussão nos parece pertinente? Porque a transformação parte da dor e do sofrimento (dentro do cristianismo), que, ao final, levará à salvação. Esta discussão nos aproxima da natural “formação” mística da Etty.

Retomaremos questões pertinentes, como o “vazio ético”, e o silêncio como caminhos de aproximação com Deus, que se dará em Hillesum através da meditação e da escrita. Eliade e Hillesum dialogarão com o sofrimento, como renovação, a partir da resistência na escrita. Além de apresentarem a mística em contextos diferentes, o resultado deste encontro, expõe em comum as deusas de existir, resistir e autoconhecimento em busca do sagrado.

Ainda neste capítulo e sobre o *malheur*, o diálogo será com o pensamento weiliano e algumas das obras de Simone Weil que tratam do infortúnio ou desgraça (sofrimento), do



despertencimento/desenraizamento como causas da infelicidade da alma. Estas, por consequência, são decorrentes do desaparecimento das tradições e de conceitos éticos que regem uma sociedade (Russ, 1999). Este é o *malhuer* weiliano que buscaremos na narrativa testemunhal de Etty Hillesum.

No tópico dedicado à literatura de testemunho, reforçaremos a ideia de uma escrita pessoal, onde dor e sofrimento, só podem ser relatados por quem passou pelo sofrimento, como irá nos afirmar Maria Clara Bingemer (2011). Para tanto, recorreremos aos entendimentos de “vazio ético” e “banalidade do mal”, para apresentar Etty como a mulher que resistiu, através da escrita, contra tudo e todos, para deixar para as próximas gerações, os fatos de quem não sobreviveu ao Holocausto, mas viveu cada uma daquelas dores, e pensando no Outro (das futuras gerações), nos outorgou uma obra literária que em tempos de aniquilamento da História, a reconstrói. Ou se alguns preferirem, não a apaga.

Buscaremos em nossas considerações – e não conclusões - responder às perguntas que nortearam nossa pesquisa, e assim, possibilitar, novas reflexões sobre a *literatura de testemunho* e a *escrita de si* como gêneros literários não de menor importância. Quando iniciamos uma pesquisa, imaginamos que encontraremos respostas definitivas, mas o que descobrimos são novas possibilidades de interpretação e reflexão sobre um mesmo livro e uma mesma autora.

É o que procuraremos fazer com a obra de Etty Hillesum, tantas vezes estudada ao longo destes últimos 40 anos desde a publicação, pela primeira vez, de seus diários. Inspirar outros para a importância literária e acadêmica dos diários, biografias e autobiografias, talvez seja uma pretensão exagerada deste doutoramento. Não que nós acreditemos nisso, pelo contrário. Mas olhar para sua obra como literatura maior, construtora de memórias e não somente histórias, tomando como referenciais discussões literárias, históricas e filosóficas, talvez possamos, com esta pesquisa, confirmar a importância das narrativas provenientes da *escrita de si* e da *literatura de testemunho*.

Ao final desta tese, dois apêndices apresentam um pouco do percurso da pesquisa, mas a partir da autora, que em primeira pessoa, resgata um pouco da sua trajetória (**Prólogo da Qualificação**). Na sequência, numa breve homenagem à Etty Hillesum e à escrita de diários, algumas datações sobre a vida desta autora que lhes fala durante estes quase quatro anos de leituras (**Prólogo da Defesa**). Em **Anexo** algumas fotos de nossa autora-escritora-personagem.

Por fim, se nós nos inspiramos pela jovem sedutora e forte mulher que foi Etty Hillesum, por que vocês leitoras e leitores não o seriam? Convite feito!

## 2 OS DIÁRIOS DE ETTY HILLESUM E A CONCEPÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA

A pesquisa intitulada **A literatura de testemunho e a escrita de si como constructos da memória e do *malheur* weiliano nos diários de Etty Hillesum**, inicia-se com a leitura dos diários de Esther Hillesum, publicados com o título *Uma Vida Interrompida: Os diários de Etty Hillesum 1941-1943* (1981), em edição traduzida do holandês para o português, que junto com a versão *Diário* (2009), utilizaremos neste capítulo para apresentar a autora e sua obra. Seus diários, contam com oito cadernos escritos à mão “numa caligrafia difícil de decifrar”, como mencionado logo no primeiro parágrafo do Prefácio da primeira edição mencionada.

As primeiras reflexões impressas em seu diário são de um domingo, 9 de março de 1941, e a última em uma segunda-feira, 13 de outubro, na versão de 2009, e 12 de outubro de 1942 na versão de 1981<sup>9</sup>, vivendo no campo de transição para onde havia se dirigido, voluntariamente, em agosto do mesmo ano. “Her account of her attempts to continue something approaching a ‘normal’ life make up the first part of her diary; the second, in which she works at Westerbork, is an account of recognition of its increasing insanity” (Evans, 2001, p. 330)<sup>10</sup>.

Ao final da versão que usaremos como base, há uma carta escrita entre o dia 6 e 7 de setembro de 1943<sup>11</sup> para “Senhor Wegerif, Hans, Maria, Tide e todos aqueles que provavelmente não conheço bem” (Hillesum, 2009, p. 335), e enviada de dentro do campo de concentração de Westerbork, inicialmente um campo de refugiados para judeus, com hospitais e escolas, mas que em 1942 foi tomado pelos nazistas, tornando-se este o último ponto de embarque daqueles que seriam deportados para os campos de extermínio de Auschwitz ou

<sup>9</sup> Destacamos algumas especificidades entre as traduções utilizadas nesta pesquisa. Na edição da Editora Record de 1981 e publicada no Brasil, o prefácio é de J. G. Gaarlandt e a tradução foi feita da versão norte-americana intitulada *An Interrupted Life – The Diaries of Etty Hillesum (1941-1943)*. São 260 páginas, com notas e algumas cartas em anexo. A primeira datação é de 9 de março de 1941 e a última de 12 de outubro de 1942. A tradução espanhola de 2007 da editora Anthropos de Barcelona, contém 217 páginas, também com prefácio é de J. G. Gaarlandt, além de cartas enviadas de e recebidas em Westerbork. As datas de início e fim permanecem iguais. A versão de 2009 da Assírio & Alvim, traduzida da versão em neerlandês e que tem prefácio de José Tolentino Mendonça, contém fotos de Etty Hillesum e sua família, de amigos próximos e de Julius Spier, de documentos e do campo de Westerbork. Nessa versão, a datação inicial é de 9 de março de 1941 e a última de 13 de outubro de 1942. Em nossas leituras percebemos que entre a versão mais antiga e as mais recentes, alguns relatos tem datas diferentes e outros sequer são mencionados, ocasionando lacunas que sugerem o acréscimo de relatos que anteriormente não se encontravam disponíveis.

<sup>10</sup> “O relato de suas tentativas de continuar levando algo próximo de uma vida normal compõe a primeira parte de seu diário; a segunda, na qual ela trabalha em Westerbork, é um relato do reconhecimento de sua crescente insanidade”. Tradução livre da autora.

<sup>11</sup> Nas versões portuguesas de 1981, são destacadas 7 cartas enviadas de Westerbork a amigos. Na espanhola de 2007 dos diários, são 6 cartas enviadas de Westerbork e uma carta que relata sobre a despedida da família Hillesum de Westerbork. Já a edição portuguesa de 2009, *Etty Hillesum. Cartas 1941-1943*, há uma série de Cartas, *Cartas de Etty Hillesum*, *Cartas a Etty Hillesum*, *Cartas sobre Etty Hillesum* e *Cartas Posteriormente encontradas*. Sobre as Cartas, mais especificamente, ver o estudo de Nogueira (2024), *É necessário termos algum sol dentro de nós: Etty Hillesum e a Literatura (de testemunho) como amor aos pósteros* (2024).

Bergen-Belsen, como a jovem Anne Frank e a filósofa, teóloga e posteriormente canonizada, Santa Teresa Bendita da Cruz, Edith Stein.

Mas voltando para os diários, para analisarmos seu conteúdo através da escrita de Etty Hillesum, se faz necessário, inicialmente, contextualizarmos o gênero textual que é o objeto desta pesquisa de doutoramento – o diário. Enquanto gênero literário, particulariza-se pela escrita em primeira pessoa, onde assuntos de interesse do autor são relatados. Há naturalmente uma ordem cronológica de sua escrita, com as datações nas páginas que variam de simples dias, meses e anos, até a informação de um horário específico ou período do dia. Falam de eventos ocorridos, acabam por acompanhar o desenvolvimento da personalidade de seu autor ao longo dos meses e anos, além de descreverem fatos que muitas vezes se tornam históricos, e que são narrados através do olhar de quem os vive. Nos diários, os sujeitos se expõem. E por mais que ao longo dos anos tenham criado a ideia de grandes segredos guardados, na verdade, tudo leva a crer, que seus autores esperam que um dia sejam decifrados.

Temos nos diários, de Etty Hillesum especificamente, uma escrita autobiográfica, testemunhal e religiosamente cotidiana que busca a perfeição, o autoconhecimento, e por que não dizer, a expressão de uma identidade feminina construída pelo exercício da reflexão sobre si e sobre outras mulheres. No dia 04 de agosto de 1941, em um dos inúmeros relatos sobre sua relação com Spier, Etty antecede a discussão sobre a importância da escrita em sua vida e discute qual o verdadeiro papel da mulher na sociedade, e anota, “ainda assim pergunto-me se não irei andar sempre à procura de um determinado homem”. Em um de seus mais longos registros, mais adiante, Etty avança na discussão sobre o papel da mulher na sociedade: “até que ponto isso será uma restrição, um limite à mulher. Até onde isso é uma tradição secular, da qual ela se deveria libertar [...]” (Hillesum, 2009, p. 97).

Ela discute a importância dispensada a Julius Spier em sua vida e em seus relatos, e pondera sobre a necessidade de reavaliar todas as relações com outros homens e com a humanidade, para só então saber, se o que nutre é um amor de compaixão por outro ser humano, ou algo mais. E, acrescenta que é preciso conhecer primeiro a si própria: “Deixa-me ser patética à vontade, raios, escrever tudo exatamente como sinto por dentro, se puder cá fora todo esse *pathos* e exagero, pode ser que descubra o meu eu” (Hillesum, 2009, p. 98). Sobre o se conhecer, ela quer se decifrar primeiro para poder assim ajudar outras mulheres na mesma situação.

Não há nada a fazer, tenho de resolver os problemas e continuo a ter a sensação de que, quando os resolver para mim própria, os resolvo também para milhares de outras mulheres. E por isso devo ‘explicar-me’ tudo. Mas a vida é bastante difícil, e sobretudo quando não se consegue achar palavras. (Hillesum, 2009, p. 99).

Para nós, cabe o entendimento dado por Maria Clara Bingemer (2021), que nos diz que a *escrita de si* é uma escrita autobiográfica, ou autoral, que se caracteriza por expor a intimidade de seu autor e ser lugar de resistência, onde se escreve para viver. Complementamos que a nossa posição, é de que os diários de Etty Hillesum, são relatos autobiográficos cotidianos que se somam à confessionalidade penitente necessária a um diálogo profícuo com o divino. Vejamos como Etty se expressa.

Há um desassossego em mim, um desassossego bizarro, diabólico, que poderia ser produtivo se eu soubesse utilizar. Um desassossego *criador*. Não se trata de desassossego do corpo. [...] É um desassossego quase ‘sagrado’. Ó Deus, toma-me na sua grande mão e torna-me o teu instrumento, faz-me escrever (Hillesum, 2009, p. 95). [04/07/1941]

Para Etty Hillesum, a escrita é lugar sagrado, reflete intimidade com o ofício e o diálogo com Deus, além de expressar o eu no mundo (Cf. Foucault, 1992). E, “se tenho um dever a sério nesta vida, nestes tempos que correm, nesta fase da minha vida, então ele é o seguinte: escrever, anotar, reter” (Hillesum, 2009, p. 313).

Phillipe Lejeune, professor francês reconhecido por seus trabalhos com autobiografias e diários franceses, destaca a importância dos diários para a escrita memorialística, porém não entende que os mesmos devam ser categorizados como autobiografias, ao contrário de Bingemer (2021).

Para Lejeune, as autobiografias são “narrativas retrospectivas em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2008, p. 14). Assim, espera-se que os detalhes da vida do autor sejam a única e exclusiva narrativa descritiva de interesse dos leitores, e que a mesma seja carregada de verdade. A isso ele chamou de pacto autobiográfico.

Para o teórico francês, haveria um acordo implícito para com seus leitores, que todos os fatos relatados em uma autobiografia seriam verdadeiros, frutos das experiências reais vividas pelo autor. Seu pacto biográfico distingue-se em suas várias formas de relatos pessoais (autobiografia, diários e memórias), na medida em que separa o que é ficção e o que não é.

[...] Não; é uma questão de viver cada minuto da vida e de incluir o sofrimento nessa atitude. E nos dias de hoje não é certamente um negócio sem importância. Mas, faz alguma diferença se é a Inquisição que faz as pessoas sofrerem num certo século e a guerra e os progroms no outro? [...] (Hillesum, 1981, p. 155). [01/04/1942]<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Na edição de 2017 a datação é do dia 02/07/1942, pela manhã, mesma data encontrada na edição espanhola de 2007.

Mesmo que a autora se apresente muitas vezes por meio de subjetividades e os apontamentos apresentem lapsos de memória, como defende Lejeune serem pontos duvidosos neste gênero literário, os relatos transmitidos por Etty Hillesum são testemunhais, e mais do que tudo, memorialísticos.

Como uma grande leitora que foi Etty, de Santo Agostinho, a Rilke e alguns filósofos, é de se esperar que em sua escrita aspectos subjetivos, comparativos e até mesmo historiográficos, se apresentem e sirvam para corroborar seu pensamento. O tal aspecto ficcional destacado por Lejeune, e que caracteriza obras autobiográficas e memorialísticas, em nossa autora, é subsídio para destacar aspectos da realidade dos fatos de forma mais impessoal, e quando o leitor interpreta aquelas palavras, se aproxima mais da realidade e da compreensão dos acontecimentos. Para nós, neste estudo, mesmo que algumas emoções pudessem comprometer as falas de nossa autora, ainda assim, não se traduziriam de forma alguma em ficcionais<sup>13</sup>, pois serão estas falas pessoais e comparativas, em relação a seu arcabouço teórico e filosófico, que darão à sua obra autenticidade. E, aqui, entendemos autenticidade como legitimidade.

Lejeune segue seu raciocínio e defende seu posicionamento ao distinguir um texto comum de uma escrita autobiográfica, ao apresentar quatro categorias de si: “forma da linguagem”, “assunto tratado”, “situação do autor” e “posição do narrador”. O diário, assim como a memória, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o autorretrato ou ensaio, são “gêneros vizinhos da autobiografia”, mas não atendem a todas as categorias de um texto autobiográfico (Lejeune, 2008, p. 14).

Por este prisma, os diários não se encaixariam como autobiografias porque não narram exclusivamente fatos passados, mas sim, fatos que estão a acontecer naquele momento ou que ocorreram há poucos minutos. Muitas vezes são indicativos futuros de ações a serem tomadas, emoções que estão aflorando, ou mesmo o desejo de algo. Há na escrita diarista, a história individual de uma pessoa sendo contada, mas tais particularidades do narrador serão interpretadas e determinadas pelos leitores. “Claro que nunca poderá ser desculpado que uma parte dos judeus ajude a transportar a outra grande maioria. A História terá ainda um dia de dar o seu parecer sobre isso” (Hillesum, 2009, p. 277).

---

<sup>13</sup> Um parêntese precisa ser feito sobre essa questão. Estudos questionam a autenticidade de relatos feitos em diários relacionados a uma escrita de si testemunhal e que tem o sofrimento das grandes guerras como escopo dos relatos. Os próprios textos de Agamben e Primo Levi referenciados nesse trabalho pontuam essa questão. Mas no caso dos diários de Etty Hillesum, seus relatos são praticamente anotados assim que acontecem, não dando margem para esquecimentos ou o uso emoções.

Segundo Lejeune (2008, p. 14), os diários não contemplam a categoria “posição do autor”, mais especificamente na questão “perspectiva retrospectiva da narrativa”. Ou seja, não há por parte de seu narrador, um movimento de análise dos pontos positivos e negativos com o intuito de revisitar o que foi feito ou dito, algo típico das autobiografias de personalidades políticas, por exemplo. O escrito de Etty Hillesum confronta este posicionamento de Lejeune, nos brindando não somente no pensamento, mas também no desenrolar das suas ações e palavras ao se referir, por exemplo, ao dia 15 de março de 1941, aos alemães e suas ações frente ao povo judeu, com ódio que “envenena a alma”<sup>14</sup>. Mas logo na sequência, provando que o sentimento não deve se instalar em seu coração, afirma que “se houvesse um alemão digno de ser protegido contra essa chusma bárbara, por causa desse alemão decente não se devia derramar ódio sobre um povo inteiro” (Hillesum, 2009, p. 69). Esse sentimento de humanidade por seus opressores poderá ser verificado em sua escrita em datações futuras.

Seguimos discordando de Lejeune (2008), por entender que, no caso da escrita dos diários, o narrador e o personagem principal são a mesma pessoa, e mais do que isso, a interpretação, ou mesmo a análise das subjetividades presentes nos relatos diários, só poderão ser ponderadas a partir da leitura; ao contrário do que diz o ensaísta francês, que coloca essa responsabilidade na escrita, na narrativa.

Entendemos que a “perspectiva retrospectiva da narrativa” é possível na leitura dos diários de Etty a ponto de claramente acompanharmos o desenvolvimento da narradora-personagem com o passar dos meses e até mesmo das suas dores da alma. Tal perspectiva se dá a partir do leitor. Uma melhor categorização de autobiografia a partir de Lejeune (2008), e que contemplaria nossa pesquisa, seria da “posição do narrador e do leitor”, pois será este último a significar as subjetividades intrínsecas ao pensamento de Etty Hillesum.

Se o ensaísta parte do entendimento que o leitor cria uma expectativa de veracidade sobre os relatos, e que por isso condiciona sua interpretação do texto a tal fato, seu pacto autobiográfico se mostra importante aos estudos de gêneros literários memorialísticos. Podemos dizer que, a nós, cabe apresentar a credibilidade, autenticidade e intencionalidade da escrita de Etty Hillesum como constructo da memória dos fatos por ela narrados.

De qualquer modo, ao discordarmos de Lejeune sobre a exclusão dos diários como escritas autobiográficas, não excluimos de nossa pesquisa os demais elementos constituintes de sua categorização: a narrativa em prosa como elemento da “forma da linguagem”; a vida e a

---

<sup>14</sup> Em alguns momentos deste texto, a leitora e o leitor se depararão com retomadas de anotações dos diários de Etty Hillesum. Certos resgates, em nosso texto, reforçam a necessidade de aprofundarmos questões cruciais à vida de Etty e que se refletem em sua escrita.

história de quem se fala como elementos da categoria “assunto tratado”; os elementos que discorrem sobre a identidade do autor e do narrador (uma única pessoa em nosso entendimento), relativos à categoria “situação do autor”, e, por fim, da “identidade do narrador e do personagem principal” e da “perspectiva retrospectiva da narrativa” como constituintes de uma renomeada categoria, “posição do narrador e **do leitor**” (Lejeune, 2008, p. 14, grifo nosso).

Desta forma, o diário enquanto “documento”, tem o poder de dar destaque a um fato constituindo-se como memória. Ao elevar-se à categoria de “monumento”<sup>15</sup>, o diário irá corroborar para que sua escrita seja um lugar de resistência, onde se escreve para viver e sobrevive-se a cada novo leitor.

Algumas foram as temáticas ao longo dos anos exploradas neste tipo de escrita. Os diários de viagem, por exemplo, que descreviam as expedições e conquistas, eram comuns em épocas de descobertas marítimas, que assim como “a maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só tipo de existência”. O autor completa que, a motivação para se ter um diário pode variar de uma pessoa para outra, mas em comum todos têm a necessidade de aprisionar o tempo, o caráter pessoal dos fatos narrados, constatando-se logo de cara, com a impressão caligráfica e particular de cada escritor (Cf. Lejeune, 2008, p. 257).

Em Etty Hillesum, este episódio foi a guerra e a invasão nazista aos Países Baixos. Consequentemente a isso, sua escrita vai explorar o confinamento da alma, o afastamento de Deus dos corações dos seres humanos, a dor e a desumanização dos corpos, entre outros. A jovem judia começa a escrever como um exercício de autocompreensão proposto por seu quiroterapeuta e amante, Julius Spier, como já afirmamos, em uma época em que o sofrimento ia além da existência e da dor física. Esta reflexão sobre existência, resistência e sobrevivência em sua escrita, será analisada através do olhar para o conceito de *malheur*, categoria existencial que reflete a miséria da existência humana, a desgraça ou seu infortúnio.

Como já afirmamos, tal conceito foi cunhado pela filósofa Simone Weil em suas reflexões sobre a dor e o sofrimento causados pelo trabalho exaustivo nas fábricas por onde passou, para mergulhar e compreender melhor sobre a infelicidade, e assim descreveu a desumanização dos corpos e das almas.

[...] Minha alma e meu corpo estavam, de algum modo, em pedaços. Esse contato com o infortúnio (*malheur*)<sup>16</sup> tinha matado minha juventude. Até então eu não tinha tido a

<sup>15</sup> Sobre esta questão consultar Jacques Le Goff e seu texto *Documento/Monumento* (2003).

<sup>16</sup> Palavra de difícil tradução que pode agregar alguns significados. Infortúnio é o mais recorrente, mas também há infelicidade, má sorte e desgraça. A partir desses significados, outros se mostram bem presentes na alma, no coração e nos relatos de Etty, como o que encontramos recorrentemente em seus diários na versão de 2017: desassossego.

experiência da infelicidade (*malheur*) [...]. Eu sabia que havia muita infelicidade no mundo, estava obcecada pelo assunto, mas jamais havia constatado isso através de contato tão prolongado (Weil, 2019, p. 34, parêntesis nossos).

Simone Weil, podemos dizer sem a menor sombra de dúvidas, foi uma filósofa diferenciada, especialmente, por desenvolver seus pensamentos através da vivência direta com os problemas que infligiam os seres humanos. Foi assim quando resolveu (sobre)viver alimentando-se da mesma ração dada aos soldados na guerra, ou quando escolheu trabalhar em uma fábrica para conviver com aqueles desumanizados e suas mazelas, proporcionadas pelo trabalho extenuante, como podemos confirmar na passagem abaixo.

Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios olhos com a **massa anônima**, a infelicidade dos outros entrou na minha carne e na minha alma. [...] O que suportei ali me marcou de maneira tão duradoura [...]. Recebi ali, para sempre, **a marca da escravidão** [...]. Desde então, passei a me ver como escrava (Weil, 2019, p. 34, grifo nosso).

Maria Clara Bingemer contextualiza o período dos anos 1930 como de grande crise e desemprego para os operários e operárias franceses. Para Simone Weil, tal realidade soma-se às condições insalubres de trabalho e exploração que marcam a pele e transformam homens e mulheres em escravos de um sistema que o invisibiliza pela exaustão. Essa escravização moderna, é a base, o prelúdio das reflexões weilianas sobre infortúnio, sofrimento, infelicidade, ou *malheur* do sujeito moderno (Cf. Bingemer, 2002).

Sentimentos semelhantes serão descritos por Etty em seus diários de forma tão intensa, que ela vai desejar não ser a “cronista de horrores” daquele momento histórico (Cf. Hillesum, 2009). A “massa anônima” de judeus confinados em Westerbork será inspiração para a reflexão e construção de um pensamento quase único da jovem holandesa. Amor e Deus se confrontam com o desespero e a desumanidade dos soldados nazistas.

Etty, em uma de suas mais longas datações, anota em seu diário o relato de uma mulher grávida que, prestes a dar à luz em Westerbork, explica ter se voluntariado a deixar este campo e seguir para a Polônia meses antes. Seu pedido havia sido negado porque tinha partos muito complicados, mas, naquele exato momento, o que fora motivo de negativa, agora não a impedia de ser jogada em um vagão cheio de outros destinados à morte: “E agora tenho que ir...apenas porque alguém tentou fugir essa noite”. (Cf. Hillesum, 1981).

Surpreendentemente, Etty nos traz sua reflexão: “O choro das crianças tornou-se ainda mais alto, enchendo cada canto dos barracões agora banhados por uma luz fantasmagórica. É quase demais para se poder suportar, e um nome me ocorre: Herodes”. (Hillesum, 1981, p. 245).



Rei da Judeia, hábil na política, mas extremamente cruel, inclusive tendo matado sua esposa e três filhos, em seus relatos representa o que há de mais violento, corrupto e tirano.

Herodes é a representação, em seus diários, daqueles líderes nazistas que desconfiados de tudo e de todos, exercem o poder através do medo e da violência na busca por eliminar aqueles que o desafiam. As atrocidades cometidas pelo regime e seus atores mais cruéis naquele presente, dialogam em seus escritos com as crueldades (e suas motivações) cometidas por Herodes em tempos passados. E devem dialogar com as gerações futuras – através dos leitores – que se depararem com as mesmas tentativas de unilateralizar a política ou o poder exercido por meio dela.

Essa crítica social feita por Hillesum, onde fatos se repetem após longos anos ou séculos, nos faz questionar, assim como em suas reflexões, sobre a natureza humana e a importância do sentimento de compaixão, mesmo em tempos sombrios. Em 24 de agosto de 1943, ela relata: “Na padiola, a caminho do trem, os trabalhos de parto dela começam, e nos é permitido carregar a mulher para o hospital em vez do trem de carga, o que, nesta noite, parece um raro ato de humanidade...”. (Hillesum, 1981, p. 245)

Além dessas questões tão nítidas em sua escrita e caras ao “Ser” Etty Hillesum, propomos analisar, a relação entre o conceito de *malheur* de Simone Weil e a ausência do amor de Deus nos corações dos seres humanos, apresentados em seus diários. Esta relação que se reflete no pensamento e na escrita de E.H., na *literatura de testemunho* se constitui como característica de uma escrita que reforça um tempo histórico, uma memória de dor, que se expressa através da *escrita de si*.

A escrita de Etty se inicia com seus problemas sendo descritos (o que sente por Spier, por exemplo), sempre tendo a situação dos judeus como pano de fundo (locais proibidos de circularem, escassez de alimentos, desaparecimentos e fugas, a Estrela de Davi como marca de exclusão, as perseguições), e termina não mais como uma *escrita de si*, mas sim, com a elevação de seu relato a uma escrita de todos, dos amigos judeus morrendo em Westerbork, ou em Auschwitz, antes, durante e após a morte de seu corpo.

Por fim, se para Lejeune (2008) não há por parte daquele que escreve diários uma reflexão retrospectiva da narrativa, e tão somente por esta ausência pontual não seria considerada uma autobiografia, nos perguntamos, esta não seria uma atribuição dos leitores? Nosso entendimento é que sim, que fique bem claro. O leitor tem papel primordial na reflexão sobre tais narrativas.

Para nós, os diários se instalam num corpus autobiográfico respaldados por estudiosos como Foucault (1992), Rago (2013), Bingemer (2021), Seligman-Silva (1998, 2010), entre outros que comparecerão ao longo da nossa escrita para defendermos nossa posição.

## **2.1 Diários: uma escrita feminina**

Com o passar dos anos, a escrita de diários, algo até então praticamente exclusivo ao universo masculino de reis, navegadores e conquistadores, foi sendo dominado pela escrita feminina mais pessoal, intimista e memorialista. Pessoalidade, intimidade e memórias, que têm características marcadamente femininas.

“Existiriam mecanismos de funcionamento da memória próprios das mulheres e outros próprios dos homens? (Maluf, 1995, p. 82). Esta não é uma pergunta que pretendemos responder com este trabalho, mas parece visível que o espaço literário (editoras, particularmente), os veículos de comunicação e posteriormente os estudos acadêmicos sobre a produção de literatura, buscaram ao longo do tempo, dar à escrita de diários de autoria feminina a chancela de mecanismos do feminino. Assim como categorizavam as mulheres como frágeis, deram a sua escrita adjetivos que as aproximavam de características que as próprias mulheres buscavam escapar: delicadas, intimistas, banais, fúteis, entre outras.

A escrita de diários data do século XIX entre jovens cidadinas instruídas, incentivadas a escrever pela Igreja que via nessa ferramenta algo próximo ao confessional. Essa “série de vestígios datados”, manuscritos pela própria autora, eram cercados de uma aura de mistério, de caderninhos com seus cadeados, escondidos em gavetas igualmente trancadas; “uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas” (Lejeune, 2008, p. 259), ou como disse Etty em sua primeira anotação em 9 de março de 1941: “no mais profundo do meu ser, algo como uma bola de fios de lã bem apertados amarra-me, sem me dar alívio, e faz com que às vezes eu não seja mais do que uma criatura miserável, amedrontada”. Foram as palavras colocadas em “uma folha de papel pautado em branco” (Hillesum, 1981, p. 17), que a salvaram do infortúnio daqueles tempos cruéis.

Logo em sua primeira anotação, Etty Hillesum confronta a fragilidade que tem em escrever e condiciona isso ao fato de não se conhecer profundamente. A dificuldade de colocar em palavras, de falar de questões mais íntimas e que lhe afligem, ao mesmo tempo em que se apresenta com um suplício à escrita, torna-se com o passar dos dias, redenção, conhecimento de si, e de seu papel em contar ao mundo os horrores de Westerbork.

Com o tempo, os diários deixaram de se apresentar apenas como “uma sequência de referências” datadas que expressam o desenrolar de um período. “O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento-origem. O vestígio único será não um diário, mas um ‘memorial’” (Lejeune, 2008, p. 260). Assim pensou e redigiu algumas vezes Etty em seu diário, que no futuro, suas palavras pudessem refletir a barbárie, e que através delas, atrocidades semelhantes não se repetissem.

Como vemos, Philippe Lejeune coloca o diário em um patamar mais elevado. Cria um laço íntimo entre o autor, a caneta e o papel, dando a quem escreve um poder maior, o de existir. Mais do que isto,

Mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também, por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro. (...), o diário é o apelo de uma leitura posterior (...), ou uma modesta contribuição para a memória coletiva. (...) E também investimento: o valor da informação de um diário aumenta com o tempo (Lejeune, 2008, p. 262).

Ter um diário é conservar a memória, é um ato de sobrevivência, é desabafar, conhecer-se e resistir. “O papel é um amigo”, “é um espelho”, “como ‘aguentar’ quando a vida submete-nos a uma prova terrível? O diário pode trazer coragem e apoio”. É gostar de escrever, “uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá” (Lejeune, 2008, p. 262-264).

O diário, esse “modelo narrativo-confessional”, que reflete uma verdade ou uma verdade produzida por alguém que controla a narrativa, entrega uma *escrita de si* que “abre espaço para a apropriação do próprio eu, como um modo de autoproteção e autonomia” (Foucault, 2011, p. 172). Escrever, para um diarista, é manter vivo sua natureza, sua identidade enquanto sujeito de um tempo e de uma cultura. É confessar o que não pode ser dito em alto e bom som, é guardar um segredo que sabemos que um dia será descoberto. É entregar-se à escrita enquanto sujeito que se quer eterno.

No caso de Etty Hillesum, a busca pela eternidade vai mais além, está em manter a memória viva no futuro. “Se tenho um dever nesses dias, é o de prestar testemunho” (Cf. Hillesum, 1981), bem como de construir o saber que tem como objetivo, moldar, acomodar os sujeitos históricos, na História cristalizada.

Em um mundo que pouco valoriza a construção da História através das memórias dos sobreviventes de grandes tragédias, “narrar é inscrever-se, é constituir-se publicamente, dando visibilidade e sentido à própria vida, é existir” (Rago, 2013, l. 1839). Além de existir, é ser

prova, fato. É ter na *escrita de si*, meio para sobreviver em tempos de guerra, de desafios, de enfrentamentos. Os diários de Hillesum são prova material disso.

Seus diários não são apenas relatos da crueldade nazista e de seu cotidiano dentro e fora do campo de Westerbork. Para leitores mais atentos, ou seja, cujo resultado de sua leitura dão um significado à obra, no “processo de comunicação entre escritor-obra-leitor, é possível estabelecer uma compreensão histórica da literatura, baseada na experiência estética do leitor”, sendo o leitor, o responsável pela construção das perspectivas literárias que se dão “a partir de saberes prévios que lhe permitem compreender e estabelecer uma obra” (Bezerra, 2023, p. 208).

Michel Foucault (2006) trata dessas questões, mas sem dar ao leitor destaque em seus pensamentos. O seu pensar a estética enquanto teoria literária, nos ajuda a pensar a importância do leitor em nosso estudo, já que será ele que assumirá papel ativo na construção de significados, que geralmente não serão os mesmos do autor. A experiência estética, do leitor, está no seu processo de criatividade, e liberdade para interpretar o mundo conforme seus referenciais.

O exercício da leitura para Foucault (2004) ajuda a construir nos sujeitos novas subjetividades. Desta forma, o homem ou a mulher passarão por um processo de transformação social a partir da leitura, da crítica, da reflexão pessoal de seus valores e crenças. Tais “tecnologias do eu” tendem a fazer surgir um outro ser, um sujeito que se reinventa a partir da autorreflexão. Tais compreensões provenientes das discussões foucaultianas sobre leitor, estética e existência, e até mesmo sobre intertextualidade, respaldam nosso estudo na medida em que dão ao leitor o papel de destaque na significação de uma obra. Somam-se às experiências do leitor, suas vivências, experiências e referências na construção do significado de cada obra interpretada.

O leitor se destaca como aquele que com prévio conhecimento dá à obra o caráter memorialístico ao qual pertence sua narrativa. Enquanto os testemunhos, pois a cada nova datação há um novo depoimento, com sua força, constroem e sustentam através da memória individual presente, a memória coletiva futura.

A *escrita de si* enquanto gênero autobiográfico, ganha destaque nos estudos literários, o que é importantíssimo tendo em vista ser esta entendida como uma escrita de autoria feminina (Rago, 2013). A autora ainda afirma que “a escrita de si e o testemunho assumem uma dimensão pública absolutamente necessária para a reconstrução das relações sociais no mundo democrático” que “sob forte ameaça de esquecimento do passado, de esgarçamento de tradição e de empobrecimento” (Rago, 2013, l. 907-913).

As afirmações da autora se apresentam para esta pesquisa como objetivo, como meta a ser alcançada: o não esquecimento, tendo como ponto de partida a *literatura de testemunho* e a *escrita de si* nos diários de Etty Hillesum.

Não menos importante, uma motivação para este estudo veio com a busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, onde pesquisas acadêmicas sobre Etty Hillesum se mostraram incipientes: são apenas quatro dissertações de mestrado, defendidas entre os anos de 2019 e 2023, sendo que apenas uma em Literatura. Sobre Simone Weil e algumas temáticas comuns às duas, como seu conceito de *malheur*, constam no mesmo catálogo 4 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, entre os anos de 2006 e 2022<sup>17</sup>. Nenhuma em estudos literários.

O número reduzido de pesquisas sobre a *escrita de si*, especialmente no que diz respeito à obra de Etty Hillesum, demonstra que ainda existem vieses a serem explorados. Demonstra também que, 20 anos após a publicação do livro *Escrita de si, escrita da História* (2004), praticamente não avançamos muito.

Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, **não são ainda muito numerosos os estudos** que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na área da história no Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais **do campo da literatura** e, recentemente, de estudos de história da educação (Gomes, 2004, p. 8, grifos nossos).

Sobre E.H., em 2021, início da pesquisa de doutoramento com a produção do projeto de pesquisa, eram apenas duas dissertações sobre Etty Hillseum em programas de Ciências da Religião e Teologia. Até novembro de 2025, o catálogo aponta um total de quatro mestrados defendidos entre os anos de 2019 e 2023, no Brasil. Este cenário se apresenta de forma propícia à nossa pesquisa de doutoramento, que buscará apresentar a *escrita de si* de autoria feminina, representada pela expressão em diários, como constructo da memória, e a possibilidade de reflexões mais profundas sobre o sofrimento, o feminino e o feminismo, entre outras.

Colocamos nossa pesquisa e sua intencionalidade em diálogo com a obra em seus vazios ainda não preenchidos. A discussão tão cara sobre a mulher, o *feminino* e o *feminismo*, bem como uma leitura filosófica mais voltada para a questão do sofrimento humano, refletem o ineditismo na análise dos diários de Etty Hillesum, e de suas reflexões sobre a existência e a condição humana. A literatura se coloca aqui, não somente como documento histórico,

---

<sup>17</sup> Sobre Simone Weil, no mesmo catálogo, são 25 dissertações de mestrado e 17 doutorados defendidos entre os anos de 1996 e 2025, sendo apenas 3 na área de Linguística e Letras.

reconhecido algumas décadas depois de sua morte, mas um documento quase que personificado da existência da mulher em tempos de guerra e de opressão.

No próximo tópico, discutiremos sobre esse caráter de documento histórico que os escritos de E.H. carregam. Mesmo que somente após sua morte, como mencionado anteriormente, a análise de seus diários com um olhar mais memorialístico, propõem a inserção desse gênero textual no hall de documentos-monumentos (LeGoff, 1996).

Estes são aqueles que se apresentam como qualquer coisa que remeta ao passado, e busque a consolidação de uma memória coletiva (obras, esculturas ou textos) indo ao encontro da ideia de que os documentos não são neutros, e sim, produtos de uma construção social e cultural. Os documentos-monumentos registram, mas também refletem a intencionalidade de cada tempo histórico, exigindo uma análise crítica que desvele as condições de sua produção (autoria) e das relações de poder.

## 2.2 Memória e testemunho

*Relatei os fatos com a exatidão que a minha memória permitiu*  
(Sartre, 2018, p. 51).

Neste momento, trataremos da importância da literatura autobiográfica (*escrita de si e literatura de testemunho*) como constructo da memória coletiva. Nosso meio, ou suporte, serão as narrativas descritas nos diários de Etty Hillesum, que serão posteriormente analisadas a partir, exclusivamente, da versão de 2009. Suas memórias são, para os que hoje têm acesso às publicações que relatam seu dia a dia entre a invasão nazista a Amsterdã e seu aprisionamento em Westerbork, testemunhos de uma época que transformou o mundo.

Se por um lado “revelam do narrador apenas o que ele ‘permite’ que seja revelado, uma vez que é ele quem traduz o conteúdo factual e imprime nele uma significação” (Maluf, 1995, p. 82); por outro, são estas memórias individuais que fazem parte do processo de surgimento de um novo “indivíduo moderno” (Cf. Gomes, 2004), que constrói sua identidade ao mesmo tempo que constrói a História.

No que se refere à memória (com desdobramentos para a história), passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual ‘comum’, e não apenas de grupo social/nacional ou de ‘grande’ homem (político, militar, religioso). Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um (Gomes, 2004, p. 12).

Esta memória individual comum, somada ao entendimento que todo indivíduo é social, se complementa à ideia de que com o surgimento de um novo indivíduo moderno, passa a existir a necessidade de legitimá-lo enquanto ser social através de (seus) registros.

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem ‘anônimo’, do indivíduo ‘comum’, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (Gomes, 2004, p. 13).

Indo mais além:

A memória é o instrumento que permite a atuação do passado no presente por meio das lembranças. Assim, independentemente da perspectiva coletiva ou individual, a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, como instrumento atuante na reconfiguração das identidades na medida em que permite que o sujeito se apodere de imagens do passado para consolidar uma nova aquisição identitária (Souza, 2014, p. 104).

Etty Hillesum é este indivíduo anônimo e comum que, a partir do relato de seu cotidiano, produz um novo sujeito que quase desapareceu, mas que foi visibilizado a partir de narrativas como as suas. O ser social, presente em Etty, nos legou com seus diários não apenas a história de sua vida, mas através dela, a memória de um “grupo social/nacional” que era exterminado cotidianamente, e que poderia também ser esquecido sem seus relatos. Giorgio Agamben (2008) nos diz, que muitos autores surgem com o simples intuito de testemunhar um fato que consideram importante, que não deve ser esquecido.

A própria Etty acreditava nisso quando “verbalizou” e ao reforçar a importância da escrita diária, ou mesmo quando sonhava em ser uma cronista. Apresentaremos e discutiremos mais sobre esta questão em capítulos posteriores, ao analisarmos seus diários.

Porém, há um paradoxo enorme no pensamento de Giorgio Agamben (2008) quando se trata de testemunhas do genocídio da Segunda Guerra Mundial. Para ser uma testemunha, precisava-se estar vivo, mas para o filósofo, os que melhor poderiam descrever com exatidão os horrores da guerra, por terem a vivenciado na carne, não estão mais entre nós.

Não parecem suficientes os relatos das atrocidades cometidas em campos de concentração imortalizados em livros (ou filmes, peças de teatro entre outros) e muitos dos sobreviventes não querem falar sobre o assunto, especialmente os conhecidos como “mulçumanos”, prisioneiros de campos de concentração, como em Auschwitz, que eram tratados com maior brutalidade e desumanidade. Muitos deles eram responsáveis pelos

crematórios, pelas câmaras de gás ou pela retirada de fios de cabelo e dentes dos mortos. Eram obrigados a condenar à morte seus semelhantes.

A testemunha comumente testemunha a favor da verdade e da justiça, e delas a sua palavra extrai consistência e plenitude. Neste caso, porém, o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém no centro, algo intestemunhável, que destituiu a autoridade dos sobreviventes. As ‘verdadeiras’ testemunhas, as ‘testemunhas integrais’ são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que ‘tocaram o fundo’, os mulçumanos, os submersos (Agamben, 2008, p. 43).

Os “mulçumanos” eram despojados de sua dignidade humana, eram pele e osso a vagar pelos campos de concentração sem consciência, ou qualquer tipo de desejo em relação à vida. O termo que não faz alusão direta à religião, mas sim à postura física dos mesmos em oração, e que nos campos alude à atitude submissa e muitas vezes fatalista desses homens e mulheres, revela a fragilidade do ser humano diante de tamanha barbárie. Esses homens e mulheres sem vontade, não seriam para Giorgio Agamben, capazes de testemunhar de forma significativa.

Tais testemunhos, para o filósofo italiano, sempre serão passíveis de questionamento quanto a sua completa autenticidade. Primeiro, porque a memória de algo que se quer esquecer pode ser traiçoeira, falha. E segundo, que aos mortos é que se deveria entregar tal tarefa. O testemunho real e inquestionável daquele que viu e que poderia contar da existência de câmaras de gás e crematórios, não se encontra entre os vivos (Cf. Agamben, 2008).

E como poderíamos categorizar o testemunho de Etty? Seus diários foram publicados *pos mortem*, mas sua escrita, seu testemunho, registrou seus dias de sobrevivente até sua morte. Mortes diárias mencionadas por ela em seus relatos, que ocorriam no hospital do campo, local onde trabalhava e passava algumas horas em visita ao pai, ou mesmo durante os dias de transporte para Auschwitz, onde muitos morriam sufocados ao entrarem nos vagões.

A *literatura de testemunho* caracteriza-se por narrar “fatos simbólicos”, e o uso de uma linguagem mais corriqueira, agrega memórias históricas às memórias individuais. Nos diários de Etty Hillesum, essa linguagem se torna mais poética, e esta foi a forma encontrada por ela de se blindar dos horrores diários aos quais estava sujeita. Trazer um pouco de leveza ao horror, se isso fosse possível, distanciou sua escrita testemunhal do conservadorismo dos antigos diários expedicionários, por exemplo. Vejamos como Maria Simone Marinho Nogueira (2024) reflete sobre esta questão.

[...] No entanto, mesmo em meio à dor, sua escrita mostra-se metaforicamente bela, e o que é mais importante, essa beleza, ou essa forma de cultivar com belas imagens seu espaço interior, faz com que ela consiga equilibrar o horror do cenário externo, em que está inserida, com o amor do espaço interno que a nutre constantemente, a ponto de poder afirmar que, mesmo “em uma cela subterrânea”, ela pode se sentir



“um pássaro livre” voando pelo céu, pois tudo para ela é pleno de sentido. É exatamente esta plenitude que torna a escrita de Hillesum algo peculiar em relação ao que é chamado de Literatura de Testemunho. (Nogueira, 2024, p. 3)

[...] não nos parece difícil defender a ideia de que a escrita de Etty Hillesum é uma Literatura de Testemunho, mas, por outro lado, ela difere em muitos aspectos do que se espera ou do que se conceitua como tal, uma vez que, entre a dor e o horror, não deixamos de encontrar o humor e a beleza. Nesta última parte da citação acima, ela própria afirma que teremos que reescrever boa parte dos livros de geografia, pois eles são desprovidos de fantasia. Também não encontramos em sua escrita somente uma linguagem por demais real, seca; encontramos beleza, humor, ironia, metáforas e belas imagens que fazem dela a cronista de todo um campo de concentração, no sentido de que todo campo precisa de um poeta [...] (Nogueira, 2024, p. 7)

Nogueira (2024) ao apresentar sua leitura sobre as cartas escritas por Etty, e endereçadas aos seus amigos mais próximos fora de Westerbork, destaca que o testemunho seco e cruel que faz do campo, pode horrorizar aqueles que leem sua descrição sobre a quantidade de camas e barracões que recebem os doentes, ou o aumento da população que salta de mil para dez mil habitantes em alguns meses. Em tempo que se preocupa em registrar o inimaginável, descreve a beleza de uma arco-íris e gaivotas voando livremente. (Cf. Nogueira, 2024). É desta linguagem poética, arrancada de momentos como os relatados por Etty Hillesum, que tornam sua *literatura de testemunho* diferenciada.

O simbolismo dado a cada novo relato, ganha proporções quando o fato literal em si se reduz à importância que ele ganha com sua eternização. A história se escreve. E o diário, enquanto performance de escrita e local do testemunho, nada mais é do que o enfrentamento entre o real, o simbólico e o imaginário (Cf. Seligmann-Silva, 2010) na construção de uma narrativa que se torna memória de algo ou de muitas coisas.

A escolha por trabalhar com as categorias memória e testemunho tem uma explicação simples. Primeiro, porque Etty viveu em um período marcante da história mundial e não somente por sua condição de judia que foi presa e assassinada em um campo de concentração. Mas também, porque durante os anos de 1941 e 1943, deixou cerca de 700 páginas de relatos em seus oito cadernos quadriculados que descrevem e refletem sobre os momentos que antecederam sua prisão no campo de transição de Westerbork, nos arredores de Amsterdã, nos Países Baixos, até seu envio para o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, onde acabou sendo assassinada com parte de sua família. Por outro lado, a própria memória e o testemunho, só existiriam expressos em palavras, imortalizados em códices.

Entendemos que esta história precisa ser revisitada, agora, através de um olhar literário, memorialístico e filosófico. Surgem novos questionamentos na busca por compreender as intenções da ora “escrevente” ora “escritora” (Maluf, 1995) Etty Hillesum. Escrever para deixar

registrado na história, para que outras pessoas tenham acesso, para que não se repitam as atrocidades como as do holocausto, isto ela própria reforça em seus escritos. Sua escrita é intencional, buscou preservar a memória dos fatos enquanto estes aconteciam. A história dos fatos descritos pela autora, foi o seu ato de resistência.

Porém, valem alguns questionamentos para compreendermos melhor tais categorias. Existiria memória sem testemunho? O testemunho só é possível se realizado por uma ou mais pessoas? Sabemos agora que os fatos acontecidos nos anos entre a invasão nazista aos Países Baixos, o encarceramento em Westerbork, e a morte de milhares que deste campo seguiram para Auschwitz, talvez, só pudessem ser conhecidos porque Etty Hillesum nos legou seus escritos. Assim como o relato de Primo Levi, sobrevivente do mesmo campo, em seu livro *É isto é um homem?*, publicado a primeira vez em 1947.

Maurice Halbwachs (1877-1945) em sua obra *A Memória Coletiva* (2006), apresenta a tese de que a memória coletiva se constitui a partir da consolidação de um grupo de pessoas (judeus, negros, ciganos, por exemplo) na sociedade. Sendo assim, a memória individual, no seu entendimento, possibilitará que cada indivíduo, com suas próprias lembranças, contribua com a construção da memória coletiva desse grupo.

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz ‘não acredito no que vejo’, a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu [...] (Halbwachs, 2006, p. 29).

Halbwachs enfatiza que a memória daqueles que não vivenciaram a mesma situação das retratadas por Etty em seus diários (dizemos nós), por exemplo, vão ser construídas a partir dos relatos de terceiros; daquele “*eu* que realmente não viu”, mas que “talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros” (Halbwachs, 2006, p. 29). E complementa:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006, p. 30).

O testemunho, nesta concepção, tem dois personagens: os que viveram para contar, e os que ouviram falar daqueles que (sobre)viveram para testemunhar. A memória coletiva se consolidará a partir da memória individual de duas ou mais pessoas que constituem um grupo

inserido em uma sociedade. O tempo e o espaço também são importantes para a *escrita de si*, pois a memória individual está repleta, carregada de memórias coletivas (Cf. Maluf, 1995).

Marina Maluf (1995, p. 34-35) compreende o pensamento de Halbwachs sobre memória coletiva da seguinte forma:

É na reflexão de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva que a função mnêmica torna-se fenômeno radicalmente social. Para ele, o que rege o trabalho de relembração é a experiência social presente de quem lembra. (...) A reconstrução do passado através da lembrança só pode ser concebida a partir de referenciais significativos, ou ‘quadros sociais reais’, sem os quais não há base para o trabalho da memória.

As memórias individuais, para Halbwach, fazem parte de algo maior; é a consolidação de uma memória de grupo. E esta nada mais é do que a “memória mais ampla da sociedade – a memória coletiva” (Maluf, 1995, p. 35). Pontuado o entendimento e a importância dada à memória em nossa leitura sobre a *escrita de si*, mais especificamente do relato em diários, percebemos que a memória só se constrói a partir de uma história contada e registrada. Será a partir deste registro, que não pode ser apenas oral, que entendemos que a *escrita de si* memorialística é uma *literatura de testemunho*.

[...] Testemunho e diário são marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desaparecimento. Este indivíduo precisa se apegar a um EU que ele está recriando e reafirmando tanto quanto lhe é permitido por um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato e para sua insignificância (Seligmann-Silva, 2010, p. 7).

Tal literatura, caracteriza-se por ser uma narrativa que nos estudos literários está conectada com eventos traumáticos (guerras, êxodos, genocídios). Somado ao conceito de testemunho, carrega consigo o diálogo entre história e ficção (Seligmann-Silva, 1998), além do predicado de dizer aquilo que é indizível (Agamben, 2008).

A *literatura de testemunho* é uma recriação de um fato, de um local e mesmo de experiências vividas por sujeitos que têm como referência suas próprias memórias. O ato de testemunhar, detalhado minuciosamente em páginas em branco por um narrador espectador, é carregado de relatos dramáticos que descrevem minorias oprimidas, seguidos de momentos de dor e de esperança, como as histórias dos judeus no holocausto.

O texto memorialístico, seja ele centrado no narrador seja ele de caráter testemunhal de uma época ou evento, deriva menos de engendração que de fatos. Ao selecionar e organizar as lembranças para integrar as experiências vividas, entretanto, o sujeito da escrita ‘transforma fatos empíricos em artefatos’ (...). O fato do enunciador conhecer e descrever experiências particulares de tempos pretéritos a partir de uma perspectiva presente, que necessariamente diz respeito à sua própria imagem, leva o autor a elaborar estratégias verbais específicas – um estilo -, para expressar a ‘verdade’ sobre

fatos e acontecimento passados. Ele se apóia sobre essas fórmulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor, contendo, assim, a erupção desordenada do tempo privado (...) (Maluf, 1995, p. 29).

O ato de testemunhar impresso em diários, se tornou, de certa forma, a voz dos oprimidos. O testemunho congela a história, os horrores, as mortes e a esperança. Maluf (1995, p. 35) complementa que, “como sublinhou Halbwachs, a memória autobiográfica se apóia na memória histórica, uma vez que a história de uma vida é parte integrante da história mais geral”. Jean Marie Gagnebin (2006, p. 57) complementa:

[...] Testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem a diante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

Márcio Seligmann-Silva (1998), porém, nos chama a atenção para o caráter também ficcional desses documentos, e a importância de distinguir o real presenciado, com a nossa realidade sobre os fatos narrados:

Não podemos pensar em literatura de testemunho sem ter em mente essa concepção anti-essencialista do texto. Nesse gênero, a obra é vista tradicionalmente como a representação de uma ‘cena’. Mas qual é a modalidade dessa representação? Certamente não podemos mais aceitar o seu modelo positivista. O testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição ‘realista’ do ocorrido (Seligmann-Silva, 1998, p. 10).

Partindo da preocupação apontada por Seligmann-Silva (1998), parece-nos interessante apoiar nossas discussões corroborando alguns pontos importantes característicos da *literatura de testemunho*, e que podemos verificar na narrativa de Etty Hillesum.: “(1) o registro em primeira pessoa”; “(2) um compromisso com a sinceridade do relato”; “(3) desejo de justiça”; “(4) a vontade de resistência”; “(5) abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético”; “(6) a apresentação de um evento coletivo”; “(7) presença do trauma” que simboliza a dor física e moral que posteriormente se transformam em “(8) rancor e ressentimento”; “(9) vínculo estreito com a história”; “(10) sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas” que podem se transformar em “(11) sentimento de culpa por ter sobrevivido” e por fim, a “(12) impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido” por alguns sobreviventes que preferem não tratar do assunto (Cf. Salgueiro, 2012, p. 292-293).

Destacaremos na escrita dos diários, e apontaremos aqui, discussões pertinentes aos itens de (1) a (7), além do (9). Etty não sentia rancor ou ressentimento (8), ao contrário, sentia

por seus algozes, benevolência. Não sentia vergonha pelo que era obrigada a passar (10), ao contrário, buscava compreender tais provações como decorrentes de ações isoladas dos homens. Por fim, sabemos que ela não sobreviveu (11) e (12).

### 2.3 A *escrita de si* como gênero confessional e testemunho de um tempo

*É de Roland Barthes a definição do escrevente como aquele que utiliza a linguagem com uma finalidade – ‘testemunhar, explicar, ensinar’ – o que faz com que a palavra seja reduzida ‘à natureza de um instrumento’. Por ter uma função mais referencial, o escrevente conta o mundo; possuidor de dons mais poéticos, o escritor conta a língua (Maluf, 1995, p. 28).*

Podemos dizer que a *escrita de si*, atualmente, é um conceito de gênero textual que estuda a escrita de autoria feminina? Ou mesmo que enxerga a literatura feita por mulheres como uma escrita de menor valor a ponto de ter que nomeá-la e categorizá-la, dando-lhe destaque? A literatura de si, que agrega cartas, diários e autobiografias, tinham os homens como os grandes narradores, os contadores de histórias de seus próprios feitos. Às mulheres, tal descoberta, permitia-lhes a escrita sobre seus afazeres domésticos, pois era o lar o espaço que ocupavam.

A crítica literária, professora, e escritora espanhola Anna Caballé, em seu livro *Breve historia de la misoginia* (2019, l. 410), vai esclarecer que, sobre tal indiferença e silenciamento, há o fato de que eram os homens quem dominavam a produção literária e o trabalho de críticos. E, portanto, os que falavam com “propriedade”.

[...] na génesis de las imágenes negativas de la mujer que pueblan la historiografía literaria, la astucia ha sido la única forma de inteligencia atribuida a las mujeres, dado que durante siglos se les ha negado la inteligencia racional, reservada exclusivamente a los hombres.<sup>18</sup>

Às mulheres, como afirma acima Caballé, não lhes era permitido expressar em seus livros sua inteligência racional ou tratar de assuntos mais sérios do que cuidar dos filhos, ou bordar, por exemplo. Durante anos, pode ser verificado nas temáticas presentes em romances escritos por ou sobre mulheres, a importância da representação da mulher do lar, e de suas atribuições enquanto esposa.

A escrita de mulheres era muitas vezes grafada em forma de diários, visto que era uma prática utilizada pelas moças desde o século XIX. Tais mulheres dividiam o tempo da

<sup>18</sup> “Na gênese das imagens negativas das mulheres que povoam a historiografia literária, a astúcia foi a única forma de inteligência atribuída às mulheres, dado que durante séculos lhes foi negada a inteligência racional, reservada exclusivamente aos homens (...)”. Tradução livre da autora.

escrita com as tarefas domésticas, pois o espaço da escrita feminina muitas das vezes se resumia apenas ao ambiente doméstico (Da Silva; Moreira, 2016, p. 14).

A necessidade de menosprezar a escrita feminina, pode ser entendida como um movimento político que além de invisibilizar a literatura de si feminina, lhes reservava as temáticas domésticas.

Já Caballé (2019) nos diz que, a literatura produzida por mulheres, era vista como uma literatura menor a ponto de ser indiferente a importância de estudá-la, já que nem forma tinha.

[...] ¿Cómo es posible que para valorar una obra concreta, valga lo que valga, se recurra todavía a cuestiones de género? Decir que el estilo es la ‘impronta masculina’ es como decir que la creación literaria en la mujer carece de forma, de definición, de estructura. Pero en la forma está la cultura, de modo que implícitamente se la está excluyendo, como cien años atrás, del dominio estético para reducirla al ámbito de la naturaliza, del azar, de lo invertebrado (Caballé, 2019, p. 496-502)<sup>19</sup>.

Vejamos o que nos apontam Deleuze e Guattari (2003, p. 39), para quem o conceito estético de literatura menor, a saber, se divide em três categorias. A primeira, trata da língua como movimento de desterritorialização, ou seja, uma língua que precisa ser construída dentro de outra, sendo esta outra uma língua maior (comum em processos de colonização ou de povos migrantes que se instalam em outros países); a segunda, diz de seu caráter individual e político, compreendendo que o espaço limitado da literatura feminina “faz com que todas as questões individuais estejam ligadas imediatamente à política”, o que a torna “muito mais necessária, indispensável, porque outra história se agita em seu interior”. E por fim, a categoria de dimensão coletiva, onde “tudo toma um valor coletivo” e “não há sujeito, só há agenciamentos coletivos de enunciação” (Deleuze; Guattari, 2003, p. 1).

Ora, podemos inserir a *escrita de si* de Etty e de seus diários dentro do conceito estético de literatura menor de Deleuze e Guattari? Enquanto conceito sim, pois tal movimento da linguagem, que diz não existir mais um sujeito que fala, mas sim questões singulares que são provenientes de condições históricas delimitadas que precisam ser contadas (a Segunda Guerra Mundial, o encarceramento e morte dos judeus), criando uma realidade representativa do coletivo que surgirá a partir do testemunho *post mortem* do autor. Aqui, da autora.

As singularidades da narrativa de Etty Hillesum, que se perderiam com sua morte, dão espaço aos agenciamentos coletivos, transformando sua ausência, em memória e resistência.

<sup>19</sup> “Como é possível que para valorizar uma obra específica, qualquer que seja o seu valor, ainda se recorra a questões de gênero? Dizer que o estilo é a ‘marca masculina’ é como dizer que a criação literária nas mulheres carece de forma, de definição, de estrutura. Mas a cultura está na forma, de modo que está implícitamente sendo excluída, como há cem anos, do domínio estético para reduzi-la ao reino da natureza, do acaso, do invertebrado”. Tradução livre da autora.

Esta ausência de sua pertença, é que dá ao coletivo, a perspectiva de sobreviver para além do tempo da escrita e para além do tempo presente. A morte do autor tem o mesmo poder, de transformar a escrita (obra literária) em algo perene, como nos aponta a pesquisadora Solange Alves Almeida em seu texto *A experiência mística na escrita de Etty Hillesum* (2021, p. 134),

[...] escrever era uma forma de resistência, pois ao escrever ela encontra razões para que a vida continue a ter sentido, apesar do caos ao seu redor. Para Etty, escrever era um ato de urgência que não podia ser adiado, afinal, a consciência da necessidade da sua escrita era muito grande [...].

Michel Foucault (1992, p. 36) vai nos dizer que “a obra que tinha o dever de conferir imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser assassina de seu autor”, tornando-a, assim, memória e testemunho. O filósofo francês ainda nos ajuda a pensar as “singularidades de sua ausência” e o “apagamento dos caracteres individuais do sujeito que escreve”, como algo que possibilita a singularização da obra.

Não que Etty Hillesum deva ser deixada de lado, sem ela não haveria este estudo. Alçar a obra à gênero literário e de tamanha importância, é aceitar que a linguagem em sua representatividade – a *escrita de si* –, tem como finalidade, o testemunho. As individualidades e subjetividades do sujeito escrevente, tornar-se-ão singularidades de um coletivo com a *literatura de testemunho* dos diários de Etty.

A enunciação construída por Hillesum, deixa de ser sua e se torna de um grupo de pessoas. O enunciado ou os enunciados, produtos desta enunciação, de sua *escrita de si*, dependem dos sentidos, mas também das condições em que são enunciados para alcançarem seu objetivo. A própria autora intencionava, com seus relatos, deixar uma marca na história para que fato igual não se repetisse; como já apontado anteriormente, e como mostraremos com mais detalhes em discussões posteriores a esta parte do texto.

Sobre a escrita de diários, vale lembrar que o seu produto aparece como extensão da constituição de um indivíduo, e com a possibilidade de, de dentro do espaço íntimo, transcrever para um pedaço de papel desde angústias até alegrias. A privacidade dos aposentos íntimos e das chaves que trancavam portas e gavetas (Cf. Gay, 1998), se entrelaçam com o que Maurice Blanchot (2005, p. 270) denominou de “uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa” do diário íntimo: “respeitar o calendário”. E complementa:

[...] Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também proteger-se da escrita, submetendo-a à regularidade [...]. O que se escreve se enraíza então, quer se queira,

quer não, no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita (Blanchot, 2005, p. 270).

A escrita de diários, para Maurice Blanchot, tinha uma função específica. A de salvar a escrita e seu autor: “escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu”. Mas também “escrevemos para salvar os dias, mas confiamos sua salvação à escrita, que altera o dia” (Blanchot, 2005, p. 274-275).

Com Etty Hillesum, a escrita diária possibilitou seu crescimento espiritual, sendo seu “apartamento íntimo”, um barracão dividido com outras pessoas. A escrita quase que diária e imediatamente após os fatos acontecerem (Cf. Nogueira, 2024), bem como a necessidade de não esquecer de nada que acontecia em Westerbork, fazem de seus relatos um misto de dados quantitativos e de emoções. Se por um lado ela resguardava a história, por outro, buscava encontrar significado e beleza diante de tanto sofrimento.

Sabemos da regularidade de sua escrita, poucos são os dias com breves relatos. Diariamente exercitando sua escrita, sua narrativa leva-nos muitas vezes para dentro do campo de Westerbork e para beleza alcançada por seu olhar cercado pelo arame farpado. Sua escrita diária foi um exercício de construção da memória da Shoah para as gerações futuras. Suas impressões sobre uma sociedade inimaginavelmente autoritária, intolerante, opressora, distópica, se confronta com a realidade de um regime que priva, extermina pessoas e encontra na literatura o local para não ser esquecida, como uma caixa de Pandora que guarda todas as desgraças do mundo.

Os diários de Etty são a caixa que retém a memória e suas palavras presas em papel pautado, apreendem a história na certeza de esperança para um futuro melhor. Etty Hillesum discorreu em seu diário sobre a importância do exercício de escrita cotidiana, da concentração e do silêncio e, também, sobre suas inseguranças. Vejamos:

Eu espero, e ao mesmo tempo receio, que chegue a altura na minha vida em que estarei completamente a sós e com um pedaço de papel. [...] Ter constantemente a necessidade de escrever e ainda não ter coragem. [...] É tolice. Naturalmente tenho tempo para escrever. Provavelmente mais do que qualquer outra pessoa. Mas lá está, a insegurança interior. Porquê, sinceramente? Porque pensas que és obrigada a dizer coisas geniais? Porque afinal não consegues dizer aquilo que verdadeiramente conta? Mas isso há-de vir gradualmente. O ter confiança em ti. [...] (Hillesum, 2009, p. 136-137). [22/11/1941]

A escrita para Etty, a priori, é exercício. Para os leitores, é a possibilidade de entrar em contato com a evolução espiritual dessa jovem mulher, que se reflete no seu próprio crescimento enquanto ser humano. Com o passar dos dias e meses dentro do campo, sua escrita vai ganhando



contornos de crueldade a cada novo relato, a cada novo transporte que chega ou que parte a caminho da morte. O testemunho que ela nos entrega, se torna memória nas mentes dos leitores mais conscientes que dão, a esse tipo de escrita, a chancela de documento histórico.

Nesse sentido, Blanchot (2005) nos auxilia a entender que escrever diariamente é preservar a memória. “Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz uma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado”. Imortalizado em palavras e preservado na memória. E “assim, vivemos duas vezes. [...] protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer” (Blanchot, 2005, p. 273).

Para Etty Hillesum, a escrita era daquelas amigas íntimas para quem se pode tudo contar. A cada novo registro, novas impressões guardadas e mais um dia de vida, vivido. A mente borbulhante de Etty pensava a dor, o horror e a importância de relatar detalhadamente a crueldade do ser humano para com seu semelhante. Da construção de uma memória do sofrimento, e a partir dela, ela nos lega mais do que já foi nos dito até então sobre o genocídio do povo judeu. Seu legado é a compaixão.

Algumas das referências ao longo deste estudo contextualizam inicialmente a *escrita de si* como um gênero, uma classe literária marginal. Sugerimos a leitura do livro de Anna Caballé (2019) em sua íntegra, pois não são poucas as referências encontradas em jornais, revistas e em outros estudos, que tratam a literatura feminina, na Espanha, como inferior, desnecessária, uma afronta aos homens e vergonhosa.

A *escrita de si* de autoria feminina seguiu invisibilizada, academicamente, também no Brasil, por muitas décadas. Foi considerada “escrita sem valor, por se tratar de uma literatura que centra a sua construção com base nas experiências vividas por suas escritoras” (Da Silva, Moreira, 2016, p. 12). Experiências essas provenientes da vida privada, do lar e de suas atribuições enquanto esposa e mãe.

A produção literária feminina que constitui a escrita memorialística, ou seja, os diários e a autobiografia, ganharam interesse do mercado editorial por volta de 1960, quando “as escritas autobiográficas ganharam evidência” (Da Silva, Moreira, 2016, p.13).

[...] ou seja, é nesse período que o mercado editorial em vários países do mundo passa a publicar registros pessoais de grupos minoritários (ao menos do ponto de vista de prestígio social), como negros, mulheres, homossexuais, prisioneiros, camponeses e outros (Lacerda, 2003, p.40 *apud* Silva; Moreira, 2016).

No Brasil, a literatura de tipo autobiográfica se destaca a partir da década de 1990. Este silenciamento das mulheres, se deu muito por conta do período ditatorial pelo qual passava o

país, e que durou 21 anos (1964-1985). Algumas obras literárias trouxeram ao público a possibilidade de conhecer melhor o regime que se instalou no Brasil através da violência, tortura e morte de milhares de brasileiros. O livro da historiadora Margareth Rago, referência sobre a *escrita de si* neste trabalho, por exemplo, só foi publicado em 2013. Às vozes das sete mulheres, que aparecem no seu livro, só foram ouvidas 28 anos após o fim da Ditadura, quando já com mais de 60 anos, nos fazem refletir sobre o desinteresse em revisitarmos assuntos delicados da nossa sociedade. E não estamos aqui tratando de um diário em seu formato conhecido, e sim de testemunhos possíveis a partir das histórias de cada uma dessas mulheres que sobreviveram à ditadura.

A *escrita de si* para os estudos literários, ou seja, algo que diz de nós ou de nossas ações enquanto mulheres e homens modernos que criam vínculo com seus documentos (pinturas, audiovisual etc.), surgiu por volta do século XVIII, justamente porque "indivíduos 'comuns' passaram a produzir deliberadamente, uma memória de si" (Gomes, 2004, p. 10).

Um processo que é assinalado pelo surgimento, em língua inglesa, das palavras biografia e autobiografia no século XVII, e que atravessa o século XVIII e alcança seu apogeu no XIX, não por acaso o século da institucionalização dos museus e do aparecimento do que se denomina, em literatura, romance moderno. Isso, atentando-se também para a emergência da figura de um cidadão moderno, dotado de direitos civis (no século XVIII) e políticos (no XIX) (Gomes, 2004, p.11).

Uma referência importante sobre *escrita de si* e seu entendimento enquanto "categoria" literária, será o próprio Michel Foucault (1992). Em uma conferência realizada no dia 22 de fevereiro de 1969, no Collège de France na Sorbonne, com o título *Quest-ce qu'un auteur?*<sup>20</sup>, Foucault inicia a contextualização do tema a partir do texto *Vita Antonii* de Atanásio, biografia do monge Santo Antônio, cuja autoria permanece desconhecida, e cuja fala citada pelo filósofo francês remete à importância do condicionamento da escrita, que deve ser diária, como uma forma de lutar contra "pensamentos impuros", ou ainda para espantar a solidão.

Foucault (1992, p. 130) nos diz que a verdadeira *escrita de si* surge nitidamente "na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha papel de um companheiro". Na visão foucaultiana, a expressão do pensamento (e da alma, claro) quando da escrita íntima, seria um exercício da alma contra a solidão daqueles que buscam a elevação espiritual. E, complementa, que a escrita enquanto atividade, deve ser realizada em isolamento.

---

<sup>20</sup> O texto foi publicado no mesmo ano no *Bulletin de La Société Française de Philosophie*. No Brasil sua publicação se deu em Ditos e Escritos vol. III. Estética: literatura e pintura, música e cinema (2001), pela Editora Forense Universitária.

Em seus diários, Etty Hillesum divaga sobre a vida, algumas questões mais sérias outras nem tanto. Nossa autora tinha uma necessidade infinita de escrever para poder entender tudo que se passava naquele mundo, naquela vida que sobrevivia. Com a escrita, busca afastar as inquietações que a consumiam tentando compreendê-las, mas os pensamentos, as dúvidas, as incertezas que a atormentavam, também a distanciavam da solidão. A escrita é amiga e inimiga de Etty, e ironicamente, ela brinca com o fervilhar de sua alma inquieta: “Ó Deus, dá-me de manhãzinha menos pensamento e mais água fria e ginástica!” (Hillesum, 2009, p. 129).

A espiritualidade em Etty Hillesum aflora nesse movimento foucaultiano da anacorese em diálogo com o pensamento. Ao nos dizer “Eu espero, e ao mesmo tempo receio, que chegue a altura na minha vida em que estarei completamente a sós e com um pedaço de papel” (Hillesum, 2009, p. 136). Logo, vemos que o exercício da escrita se dará “na ordem dos movimentos internos da alma” (Foucault, 1992, p. 131).

Ora, uma das propostas desta pesquisa é a de pensar a *escrita de si* (diário) como referência, ou seja, a *literatura de testemunho* evidenciada nos diários de Etty Hillesum, que expõe, desde as barbáries cometidas contra o povo judeu, as dificuldades de sobrevivência de corpos doentes em condições subumanas, de fome e morte, se apresentariam como referencial para o constructo da memória do sofrimento. Mas, não qualquer sofrimento, e sim, o *malheur* weiliano; sobre o qual trataremos posteriormente.

Os relatos de Etty, transcritos em seus diários, não dizem apenas de sua condição de mulher aprisionada, cerceada de liberdade. São histórias que contam de suas relações amorosas, da privação de mobilidade antes de Westerbork, de um descontentamento com a vida que a levou a um tratamento e a busca por se curar com embates corporais que mais pareciam um ritual de acasalamento.

Sua espiritualidade aflorou com a dor e se consolidou com o aumento dela. Fortalecida por um grande sentimento de esperança na humanidade, buscou o sentido de se viver em um mundo onde pessoas eram caçadas e exterminadas. Pensou o sofrimento, a dor e as perdas, sem cogitar a possibilidade de culpar Deus, ou deixar de acreditar em seu papel de criador de tudo. Porém, assim como alguns pensadores anteriores e posteriores ao seu tempo, acreditava que as pessoas faziam suas escolhas independentemente de sua origem à imagem e semelhança de Deus, ou seja, de sua bondade.

Esta é uma questão ética que surge pós-Auschwitz, ou seja, quando “surge um mal absoluto (absoluto, porque já não pode ser atribuído a motivos humanamente compreensíveis)” (Arendt, 2012, p. 13) que não se consegue mais explicar racionalmente. Para a filósofa judia

Hannah Arendt, que fugiu da Alemanha para não ter o mesmo fim que milhões de outros compatriotas, os assassinos e executores do nazismo, agiam de maneira inumana, naturalizando o antissemitismo, este consolidado por um ciclo histórico que tatuou memórias em suas peles e respaldou a barbárie nazista.

Esta lógica maior e cruel, que encontra na impessoalidade, na inumanidade, na consciência inconsciente das ações violentas realizadas por pessoas comuns como eu ou você, descrevem o que Arendt futuramente chamou de “banalidade do mal”. Tal estado de alienação, perda de autonomia ou desumanização, mantidas pela ausência de reflexão crítica sobre os próprios atos, tornaram aqueles humanos ordinários presas fáceis e parte de uma engrenagem maior que dizimava e desumanizava vítimas indefesas.

O conceito presente em Hannah Arendt na obra *de Eichman em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal* (1999), primeiramente mencionado por Karl Jasper em carta enviada à filósofa em 19 de outubro de 1946 (Evans, 2001), aponta para a ideia de que o mal existe também no ato de não enxergar a maldade e de obedecer cegamente às ordens de outrem, causando danos irreparáveis às pessoas, ao mundo de forma geral, mas mais expressivamente, à sociedade.

Em artigo intitulado *Gender and Literatura of the Holocaust: The Diary of Etty Hillesum* (2001), a tal “banalidade do mal” pode ser compreendida pela naturalização da crueldade, de ideias e mensagens carregadas (pesadas em seu conteúdo) e transportadas (por veículos de comunicação) por um pensar e agir irracionais.

[...] Yet a Reading of Etty Hillesum's diary suggests that it is not social order or bureaucracy or routinization that produces evil, but the ideas that inform it. Indeed, what is so deeply impressive about Etty Hillesum is her recognition of the emancipatory possibilities of the rational and rationality. In the middle of the misery and potential chaos of the camp of Westerbork Hillesum was able to assist in the construction of ties between people, and of ties with both ideal and memories that were a challenge to Nazi Germany. Etty Hillesum very clearly understood, and asserted, the certainty of civil society to any acceptable form of social existence (Evans, 2001, p. 327)<sup>21</sup>.

Segundo Evans (2001), os relatos de Etty Hillesum sugerem que para enfrentar a desinformação e consequentemente a violência gerada, somente a racionalidade. Esta se daria

---

<sup>21</sup> “No entanto, uma leitura do diário de Etty Hillesum sugere que não é a ordem social, a burocracia ou a rotinização que produzem o mal, mas as ideias que o informam. De fato, o que é tão profundamente impressionante sobre Etty Hillesum é seu reconhecimento das possibilidades emancipatórias do racional e da racionalidade. No meio da miséria e do caos potencial do campo de Westerbork, Hillesum foi capaz de auxiliar na construção de laços entre as pessoas, e de laços com ideais e memórias que eram um desafio para a Alemanha nazista. Etty Hillesum entendeu muito claramente, e afirmou, a certeza da sociedade civil para qualquer forma aceitável de existência social”. Tradução livre da autora.

pelo fortalecimento de uma sociedade civil unida, com memórias e ideias que reforcem sua importância e existência com tudo que se espera da convivência coletiva: liberdade, dignidade e multiplicidade de ideias.

**Imagem 1** - Ilustração de um livro para crianças criado pelo regime nazista (1936)



Fonte: United Holocaust Memorial Museu<sup>22</sup>

Na imagem acima lê-se a mensagem: "Os judeus são a causa do nosso infortúnio" e "Como o judeu trapaceia". Judeus à esquerda, três corvos ao centro que simbolicamente representariam o azar, a morte ou um mau presságio, além de três jovens crianças decifrando as notícias expostas. O uso de três corvos que parecem confabular em prol da desgraça alemã, é propositalmente colocado perto da reunião dos três homens e mais distante dos jovens. Não deve haver contato entre o mal (judeus e corvos) e o bem (crianças). A narrativa da maldade se estabelece pela palavra, pela propaganda, e aqui mais fortemente, pela importância da "educação" desde os primeiros anos de existência. Retomando Hannah Arendt (1999), suas reflexões questionam a falta de ética, de pensamento crítico e de responsabilidade moral dos inúmeros envolvidos direta ou indiretamente na sistemática da Solução Final idealizada por Adolf Hitler. Etty Hillesum em seus diários, questiona a ausência dessa responsabilidade moral que os seres humanos deveriam ter uns com os outros.

<sup>22</sup> Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/nazi-propaganda-photographs?parent=pt-br%2F81>

Do campo de Westerbork, Etty acreditava que muitos daqueles homens que agiam barbaramente sob ordem de outros, não eram totalmente culpados de suas ações, mas mais do que isso, acreditava que a presença de Deus, então ausente em seus corações, os salvaria. Deus não banaliza o mal. Esta seria a sua obrigação: devolver Deus aos corações vazios.

Sendo assim, quem teria criado, nos corações dos seres humanos, o mal? E por que Deus não os impediu? Hans Jonas<sup>23</sup> (2016), filósofo judeu que viveu entre as duas guerras mundiais, e nelas buscou inspiração para seus estudos, em conferência proferida em 1984, vai explorar as dúvidas sobre a impotência de Deus apresentadas na fala de Epicuro, “ao propor o *mito* de um Deus impotente” (Jonas, 2016, p. 8), eximindo-o de sua culpabilidade pelos atos acontecidos em Auschwitz, assim como a própria Etty Hillesum o fez. No texto de Jonas, há uma nota muito interessante, a de número 16, que traz E.H. como referencial para seus pensamentos.

A ideia de que nós é que podemos ajudar Deus mais do que Deus nos ajudar, eu encontrei, então, expressa de modo comvente por uma das próprias vítimas de Auschwitz, uma jovem judia holandesa que a validou agindo de acordo com ela até a morte. Ela pode ser encontrada em *Uma vida interrompida: Os Diários de Etty Hillesum, 1941-1943* (Nova York: Pantheon Books, 1984). Quando as deportações começaram na Holanda, ela deu um passo à frente e se ofereceu para o campo de concentração de Westerbork, para lá ajudar no hospital e compartilhar o destino de seu povo. [...] Seus diários sobreviveram, mas só foram publicados recentemente. [...]” (Jonas, 2016, p. 35-36).

Sua especulação (de Hans Jonas) vai ao encontro da inimaginável possibilidade de Deus ter sido cúmplice de tamanha insanidade, ao não ter impedido as ações humanas, mas não sem antes questionar sua omissão ou impotência diante da situação.

Nada disso serve para lidar com o evento para o qual Auschwitz tornou-se símbolo. Nem fidelidade ou infidelidade, crença ou descrença, nem culpa ou punição, nem julgamento, testemunho e esperança messiânica, não, nem mesmo a força ou a fraqueza, heroísmo ou covardia, provocação ou submissão tiveram ali um lugar. De tudo isso, Auschwitz, que também devorou as crianças e os bebês, nada sabia; por nada disso (com raras exceções) o trabalho, como o de máquinas de uma fábrica, teve lugar. [...] A desumanização pela absoluta degradação e privação precedeu suas mortes, nenhum vislumbre de humanidade foi deixado àqueles destinados à solução final, dificilmente um traço de dignidade foi encontrado nos espectros esqueléticos sobreviventes dos campos libertados. [...] E Deus deixou isso acontecer. [Mas] Que Deus poderia deixar que isso acontecesse? (Jonas, 2016, p. 20).

Ao criar seu próprio mito inspirado na cabala, “que Platão autorizou para a esfera além do cognoscível” (Jonas, 2016, p. 21), de um Deus impotente que precisa ser salvo, Hans Jonas

---

<sup>23</sup> George Agamben vai criticar a teodiceia de Hans Jonas ao tentar justificar a existência do mal e consequentemente do sofrimento do mundo como sendo parte do plano divino. Dessa forma, permite questionamentos sobre a aceitação passiva desse mal, da legitimação da violência e das tensões existentes entre estas, se contraponto à crença de um Deus onipotente, onisciente e todo-poderoso que por ser bom não poderia ter criado o mal.

tenta explicar algo que parece inexplicável diante da teologia tradicional: um Deus onipotente e benevolente, em contraponto com a existência do mal e do sofrimento.

Jonas parte primeiro da constatação de que o binômio morte e vida coexistem como algo fundante do entendimento e da existência do ser no mundo para, posteriormente, começar a defender sua premissa de que Deus não poderia ser responsável pelo genocídio do povo judeu e de tantos outros. Sua discussão vai partir da necessidade de se compreender Deus com limitação e impotência diante do mal humano e de sua banalidade, em que:

[...] Deus é eminentemente o Senhor da *História*, e nesse aspecto Auschwitz coloca, mesmo para o crente, todo o tradicional conceito de Deus em questão. Auschwitz, de fato, como eu já tentei mostrar, adicionou à experiência histórica judaica algo sem precedentes e de uma natureza não mais assimilável pelas velhas categorias teológicas. [...] O Senhor da História, nós suspeitamos, terá que ficar de fora nessa busca. Para repetir, então: que Deus poderia deixar que isso acontecesse? (Jonas, 2016, p. 21).

Auschwitz (assim como tudo que envolveu a Solução Final) foi um ponto fora da curva, e é para a História, algo ainda difícil de se explicar. A “suposta” responsabilidade de Deus por tudo que ocorre no mundo, nesse momento, trouxe rompimento na teologia tradicional ao não conseguir explicar tamanha crueldade. Vejamos como Luis Fernando Pires Dias reflete sobre o pensamento jonasiano acerca de Deus e da ética pós Auschwitz:

A questão do mal representa um inexaurível e inquietante desafio à razão humana, gerando discussões contínuas na esfera da filosofia, teologia e da literatura. No transcurso histórico, a existência de Deus infinitamente bom, onisciente e todo poderoso, posto que a suposta ambiguidade entre a existência de Deus e a do mal já era manifesta séculos antes de Cristo [...] (Dias, 2023, p. 2).

O ser humano deve compreender que nem todos os problemas do mundo podem ser resolvidos por Deus, e que é sua – do homem e da mulher – responsabilidade evitar o mal e o sofrimento, por meio da justiça e da ética.

O Deus do mito jonasiano é, portanto, um Deus vulnerável, sempre exposto a esse outro que ele quis deixar existir enquanto outro: é um Deus que sofre e que se transforma, que se faz ambicioso diante das ações do homem, mas que não intervém, nem poderia jamais intervir no curso do mundo. Ele renunciou irrevogavelmente à sua onipotência (Rea, 2002, p. 536 *apud* Dias, 2023, p. 7).

O Deus de Jonas (2016) é vulnerável e suscetível às ações humanas e sofre junto com as ações tomadas pela humanidade. Ao renunciar à sua onipotência, ou seja, ao dar aos homens e mulheres o poder de escolha (livre arbítrio), se abstém, torna-se impotente frente aos maus causados, por exemplo, em Westerbork ou Auschwitz. Por isso não age contra. Não intervém.

Porém, o Deus jonasiano está em movimento frente a um devir histórico, e destaca, a partir de sua vulnerabilidade, a necessidade de responsabilidade ética por parte dos homens e mulheres.

Este devir em Deus se conjectura “no simples fato de que ele é afetado pelo que acontece no mundo e, ‘afetado’ significa alterado, feito diferente”. É esta “mudança decisiva no estado do próprio Deus, na medida em que ele agora não está mais sozinho” (Jonas, 2016, p. 26), que acomete Etty Hillesum, como poderemos ler em alguns trechos de seus diários.

Hans Jonas coloca que este movimento de transformação de Deus, em que “ele experimenta algo com o mundo, que seu próprio ser é afetado pelo que acontece nele”, é o que o silencia (Jonas, 2016, p. 26-27) e traz à tona seu papel desempenhado nos acontecimentos de Auschwitz.

Neste capítulo discorreremos sobre a *escrita de si* como gênero confessional e testemunhal, partindo da compreensão de alguns autores sobre o gênero literário, como Michel Foucault e Maurice Blanchot. De uma escrita pessoal carregada de descrições menores de seu dia a dia (que reforçariam uma literatura menor), especialmente da época quando vivia fora do campo de Westerbork, até a confrontação com a realidade e os relatos cruéis acometidos aos prisioneiros no campo, construímos uma ponte que permite que a *literatura de testemunho* dialogue e reflita sobre tantas outras questões, afastando-se assim, da inferioridade que lhe fora imposta ao longo dos anos.

A evolução dos temas tratados por Etty Hillesum eleva sua escrita a um patamar mais questionador. Essa narrativa que hora parece querer culpabilizar Deus e que nos fez trazer à pauta Giorgio Agamben e Hans Jonas, reforça a espiritualidade crescente em seus relatos e ações. Os diários tornam-se, assim, não apenas uma escrita individualizada e individualizante que nos diz quem foi Etty, mas sim, uma escrita atemporal universal.

No próximo capítulo, discorreremos sobre nossa autora, Etty Hillesum, e procuraremos responder às perguntas que vem acompanhando esta pesquisa através da análise de seus diários, e que propõem a *escrita de si* como uma escrita de autoria feminina, que não deve ser caracterizada, como alguns o fazem, como uma literatura menor.



### 3 NOSSA AUTORA-ESCRITORA-PERSONAGEM

*Que mal é esse que te causa tanta beleza  
que te dá ganas de possuir  
e te faz comer a flor  
e buscar no olho do outro  
o raio que só o teu olho atíça?  
Que mal é esse entre o gerânio e tua alma  
que te dá ciúmes de uma paisagem  
que te abocanha e te leva a escrever  
e te enche de palavras  
mas ainda te impede a poesia?  
(Ianelli, 2023, p. 15)*

#### 3.1 Etty Hillesum: o "coração pensante" de uma "personalidade luminosa"

Quem foi Esther Hillesum, nossa escritora que morreu precocemente aos 29 anos de idade em uma câmara de gás? Como viveu os anos entre a invasão nazista aos Países Baixos e seu encarceramento em Westerbork? Algumas dessas questões podemos responder a partir da leitura de seus diários. Outras faremos através do diálogo com pesquisas e autores que ao longo dos anos vem se interessando cada vez mais pelo legado deixado por Etty, como podemos verificar, na leitura do livro *Etty Hillesum: um itinerário espiritual. Amesterdão 1941 - Auschwitz 1943* (2014): “Não tenho hesitações em dizer que, tanto quanto me parece, estamos na presença de um dos cumes da literatura holandesa”<sup>24</sup> (Lebeau, 2014, p. 8-9).

Sua morte, registrada em 30 de novembro de 1943, em Auschwitz, campo de concentração que ficava localizado ao sul da Polônia, também conhecido como Birkenau ou Auschwitz-Birkenau, fazia parte de um complexo de instalações com escritórios e campos de extermínio, construídos como parte da solução final para aniquilação da população judaica. Milhões de pessoas morreram em seu complexo de câmaras de gás e crematórios, assassinadas a tiros, de fome, doenças, exaustão pelos trabalhos forçados ou como cobaias em experimentos médicos. Em sua grande maioria judeus, mas também populações de romani, soviéticos e testemunhas de jeová.

O campo foi libertado em 1945 pelas tropas soviéticas, e em 1947 se tornou museu. Dentre aqueles que sobreviveram aos horrores do campo estão Primo Levi (1919-1987), escritor e químico italiano; Viktor Frankel (1905-1997), médico e psiquiatra; Elias Wiesel (1918-2016), escritor que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1986 e Simone Veil (1917-2017), advogada,

---

<sup>24</sup> A fala é de Abel Herzberg, holandês estudioso de Etty Hillesum, em obra editada por Jan Gaarlandt, primeiro editor dos diários e cartas de E.H.

escritora e política francesa. Para entender um pouco mais sobre a importância do campo como fábrica de assassinatos, uma boa sugestão é o recém-lançado filme *Zona de Interesse* (2023), produzido pelos Estados Unidos, Reino Unido e Polônia, que narra a partir da perspectiva de Rudolf Höss, comandante de Auschwitz, como era a realidade do maior campo de extermínio nazista.

Etty Hillesum, que recebeu o mesmo nome de sua avó paterna, Esther Hillesum-Loeza, “é uma testemunha precursora e, sob esta perspectiva, espantosamente próxima de nós, daquilo que nós hoje chamamos ‘modernidade’. O itinerário de Etty foi o de uma mulher livre: livre de todos os preconceitos hereditários, doutrinários ou ideológicos” (Lebeau, 2014, p. 10-11).

Moderna, ou, melhor, ainda segundo Lebeau, pós-moderna [...], nossa autora “é-o também pela sua preocupação com a verdade, pela sua disponibilidade perante aquilo que as pessoas e os acontecimentos lhe oferecem como descoberta”, sendo “capaz de se pôr a si mesma em questão, por vezes radicalmente, quer se trate das suas ideias, quer se trate de alguns dos seus comportamentos” (cf. Lebeau, 2014, p. 10-11).

Queria estudar, pois achava que seus pais a criaram, assim como a seus irmãos, sem limites e preocupação com o futuro. Vemos Etty referir-se com certo desgosto e impaciência aos pais em seus diários.

Vou finalmente descrever a minha relação com o meu pai, com energia e amor. O Mischa [seu irmão] anunciou-me que ele chegaria no sábado à noite. Primeira reação: ‘Que horror. Ameaçada na minha liberdade. Que maçada. Que é que eu hei-de fazer com ele? [...]’ (Hillesum, 2009, p. 144). [28/11/1941]

[...] Tenho a impressão de que os meus pais foram dominados, e ainda são, pela infinita complexidade dessa vida e nunca conseguiram fazer uma escolha. Deram uma liberdade de movimentos demasiado grande aos filhos, nunca conseguiram dar um ponto de apoio porque eles mesmo não o encontraram [...] (Hillesum, 2009, p. 159). [22/12/1941]

Minha mãe. Repentinamente a onda de amor e compaixão, que dissipava com ela todas as pequenas irritações. Cinco minutos depois, outra vez irritação, claro [...]. (Hillesum, 2009, p. 160) [30/12/1941]<sup>25</sup>

Antes de reencontrá-los em Westerbork, nutre uma relação distante com os pais. Visitas, troca correspondências sobre as novas regras impostas pelo regime nazista e, quando se refere a eles, antes mesmo de se dedicar ao campo, sua escrita demonstra desânimo e certa, ou até, muita impaciência com sua mãe.

O desempenho escolar de Etty era abaixo do seu irmão Jaap, por exemplo, tido como uma mente brilhante. No liceu estudou hebraico e se juntou a um grupo de estudos sionistas.

---

<sup>25</sup> Na edição da Record de 1981, esta anotação é datada em 31 de dezembro de 1941.

Ao concluir o ensino secundário, muda-se para Amsterdã, para estudar Direito, concluído em julho de 1939. Foi durante esse período que se envolveu com questões políticas e sociais, posicionando-se contra o fascismo. Também aprendeu francês, russo, alemão e aprimorou seu conhecimento literário e filosófico.

The Etty Hillesum whom we meet at the beginning of the diary is a young woman living the life of an educated, relatively privileged, product of European high culture. [...] The childless Etty Hillesum – and indeed the Etty Hillesum who is previous life had cursed menstruation because, as a Woman who did not want children, she saw no point for it – becomes the Woman whose greatest concerns are for mothers and children and for maintaining – for as long as possible the ties between them” (Evans, 2001, p. 332)<sup>26</sup>.

No trecho acima, destacamos duas mulheres em Etty: a primeira, proveniente de uma família com boas condições de criar seus filhos e uma segunda, cujos atributos em destaque são de uma mulher forte, livre no pensar e agir, e bondosa com aqueles que mais precisavam dela.

**Imagem 2** – Foto de Etty com os pais Rebecca e Louis, e os irmãos Mischa encostado à mãe e Jaap em pé (Leiden, 1931)



Fonte: Fundação Etty Hillesum<sup>27</sup>

Esther Hillesum foi uma mulher que, mesmo vivendo diariamente as mudanças decorrentes do regime nazista e da perda de pessoas próximas, buscava entender sua existência

<sup>26</sup> “A Etty Hillesum que conhecemos no início do diário é uma jovem mulher que vive a vida de uma educada, relativamente privilegiada, produto da alta cultura europeia. [...] A Etty Hillesum sem filhos – e de fato a Etty Hillesum que em sua vida anterior amaldiçoou a menstruação porque, como uma mulher que não queria filhos, ela não via sentido nisso – se torna a mulher cujas maiores preocupações são com as mães e os filhos e com a manutenção – pelo maior tempo possível, dos laços entre elas”. Tradução livre da autora.

<sup>27</sup> A fotografia encontra-se na Fundação Etty Hillesum. Mais informações em <https://creciendoconetty.org/biografia/>

e sua atribuição num mundo sem esperança. Seus questionamentos foram, na verdade, questionamentos ao próprio sofrimento, que era a causa que imputava à condição humana a necessidade de uma reavaliação da vida. E que condição seria essa? Aquela fortalecida nos passos que a guiaram voluntariamente ao campo de transição de Westerbork, pela primeira vez, no dia 15 de março de 1942. Uma mulher corajosa.

Antes de sua ida a Westerbork, Etty começa a trabalhar no Conselho Judaico do qual pede para sair, ao entender qual o propósito daquela instituição: registrar o povo judeu e catalogar seus bens. Poucos meses depois, vai pedir para servir como uma espécie de assistente social no campo de transição. Leva remédio, comida, e traz cartas para os que estão do lado de fora do arame farpado.

É sobre isso que Lebeau (2014, p. 11) escreve, ao afirmar que Etty “é capaz de se pôr a si mesma em questão, por vezes radicalmente, quer se trate das suas ideias, quer se trate de alguns dos seus comportamentos”. Vejamos como um de seus relatos comprova a ideia do estudioso.

Dentro de alguns dias irei ao dentista e farei obturar uma porção de cáries que tenho em meus dentes. Pois realmente seria terrível sofrer de dor de dentes lá. Preciso arranjar uma mochila e arrumar nela tudo o que é realmente essencial, embora tudo tenha que ser de boa qualidade. Levarei uma Bíblia comigo e aquele volume fininho de *Cartas a um Jovem Poeta*, e certamente irei encontrar algum cantinho para o *Livro das Horas*. Não levarei nenhuma fotografia daqueles que amo; apenas juntarei todas as feições e gestos familiares que tenho colecionado e os pendurarei ao longo das paredes de meu espaço interior, de forma que eles estejam sempre comigo (Hillesum, 1981, p. 176). [11/07/1942].

Já conhecendo bem o ambiente que a esperava em Westerbork, e como um ser humano como qualquer outro, que sofrimento seria maior que uma dor de dente? A resposta certa: de um ou mais dentes cariados a consumindo na desumanização destinada aos que ali viviam sem cuidados básicos de saúde, alimentação ou higiene. Bons dentes, boas leituras e a memória dos mais queridos, gravadas em seu pensamento e em seu coração, eram o que deveria caber em sua mochila.

É quando Etty toma uma das maiores decisões de sua vida, dirigir-se voluntariamente ao campo de trânsito onde milhares de pessoas viviam amontoadas. Nesse momento há um hiato em seus relatos diários: “Parece que Etty não manteve seu diário entre 29 de julho e 5 de setembro”, neste momento “ela apresentou-se voluntariamente para acompanhar o primeiro grupo de judeus que estava sendo mandado para o campo de Westerbork (Gaarland, 1981, p. 196).

**Imagem 3** – Campo de transição de Westerbork, última parada antes de Auschwitz



**Fonte:** Holocaust Memorial Day Trust (2015)<sup>28</sup>

Daqueles que a descrevem, a categoria mística é a primeira a lhe representar. A sua naturalidade em conversar com Deus, pode ser notada em várias anotações de seus diários. Como ponto importante sobre os estudos místicos em sua formação, vale destacar o entendimento de Maria Clara Bingemer (2021), que trata a mística como a relação íntima e profunda com o mistério divino, levando ao conhecimento de Deus através de sua revelação. Esta experiência espiritual que integra corporalidade, sensibilidade e agudeza, transforma a vida daquele que a vivencia. Para Bingemer, o místico é aquele que tocado, atua em prol da transformação social, igualdade e justiça de forma ativa em seu tempo.

No mesmo caminho, Maria Simone Marinho Nogueira (2019, p. 194) afirma ser a mística “como um percurso que leva ao encontro do humano com o divino”. Nas palavras de Etty, este percurso vai do ato de refletir ao de meditar, ao de contemplar Deus. E, encontrá-lo:

Acredito que é isto que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora ‘para dentro’, a escutar o que está dentro de mim. ‘*Submergir-me*’ [...] O ser humano é corpo e alma. [...]

[...] Que portanto alguma coisa de ‘Deus’ penetre em ti, tal como existe algo de ‘Deus’ na *Nona* de Beethoven. Que alguma coisa de ‘Amor’ penetre em ti, não um amor de luxo de meia hora, onde te delicias a flutuar orgulhosa dos teus próprios elevados sentimentos, mas amor, com o qual podes fazer algo no banal dia-a-dia (Hillesum, 2009, p. 89-90)<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Retirada do site <https://hmd.org.uk/news/settelas-story/>

<sup>29</sup> Na versão de 1981 assim é feita a tradução de um dos trechos: “De forma que algo de ‘Deus’ possa entrar em você, e algo de ‘Amor’ também. Não o tipo de amor de luxo com que você devaneia deliciosamente por meia hora, orgulhando-se de como se sente sublime, mas o amor que você pode dedicar às coisas pequenas de cada dia” (Hillesum, 1981, p. 40). Aqui Deus e Amor não parecem sinônimos, mas sim coisas distintas, mesmo que próximas

Na narrativa de Hillesum, Deus está em todas as coisas belas e estas estão em Deus. Se através da meditação, no ouvir nosso interior nos aproximamos Dele, o silêncio age como esse esvaziamento da alma (ou do espírito), que distancia Etty das banalidades do dia a dia, e a levam ao encontro de Deus.

Um nome marcante dentro da filosofia mística e inspiração para nossa autora foi Mestre Eckhart, colocado como representante da mística especulativa alemã do século XIV, citado várias vezes em seus relatos. Sobre a mística e seu entendimento, Michel de Certeau (2015, p. 36) nos ajuda a compreendê-la melhor:

No vocabulário medieval ‘místico’ designa essencialmente um tratamento da linguagem, é espiritualidade que remete à experiência de interioridade e união com o Sagrado. A mística, inserida numa embriaguez linguística e lógica, marca o limite entre a interminável descrição do visível e a nominação de um essencial oculto. Torna-se místico, todo objeto – real ou ideal – cuja existência ou significação escapa ao conhecimento imediato. O aparelho hermenêutico funcionaria e se desenvolveria mais em um campo verbal ou ‘literário’.

A linguagem desempenha esse elo entre a experiência transcendente e o inefável, explicado pela espiritualidade relatada nos diários de Etty, ou seja, aquilo que está além das palavras, e que tem na Hermenêutica e na Literatura, a função de interpretar e comunicar as experiências espirituais. Outra característica marcante entre os místicos é a oração. Em Etty isso é recorrente, o postar-se de joelhos.

[...] Agora, preciso de me ajoelhar, às vezes de repente, até mesmo numa noite fria de inverno em frente à minha cama. E o ‘escutar-se’. O deixar-me guiar, não mais por aquilo que me atinge exteriormente, mas por aquilo que emana de dentro de mim. Ainda é só um começo. Eu sei. Mas não um começo desequilibrado, já tem alicerces. (Hillesum, 2009, p. 162). [31/12/1941]

[...] E então, de repente, fico com necessidade de me ajoelhar algures num canto sossegado e ne dominar e de me repor e de tomar cuidado para que as minhas forças não rebentem em mil pedaços, no incomensurável. (Hillesum, 2009, p. 180). [22/03/1942]

Começo a ter problemas de insónia, não deveria ter. Saltei para fora da cama muito cedinho e ajoelhei-me ao pé da janela. A árvore estava completamente imóvel nessa cinzenta manhã parada. E eu rezei: ‘Meu Deus dá-me a mesma calma grande e poderosa que existe na tua natureza. (Hillesum, 2009, p. 321). [03/10/1942]

Lemos em seus relatos, algumas das vezes que cai de joelhos e com as mãos apertadas à procura de Deus, busca o significado de tudo que lhe acontece, do sofrimento diário e do

---

ou até semelhantes como a elevação espiritual que Beethoven e sua Nona Sinfonia possam lhe causar. Na tradução de 2009, a beleza que penetra Hillesum é a de Deus e de todas as coisas que Ele criou e que só podem ser alcançadas por aqueles que O buscam com dedicação.

significado da vida, pois “oração é acima de tudo o elevar-se da alma a Deus e, esquecendo de si mesmo, ser com ele um só Espírito” (Vannini, 2005, p. 21).

O que Etty Hillesum nos proporcionou com sua escrita, a partir de tais aspectos, foi compreender como sua espiritualidade em contato com Deus, nos permite entender Westerbork e o mundo em que os judeus estavam inseridos, de forma obrigatória e violenta, em um contexto histórico e social, que determinava a condição de sujeitos à marginalidade. Todos os graus místicos foram alcançados e podem ser observados nos diários de Etty.

Esta jovem e corajosa mulher, com extrema consciência histórica, crítica da Modernidade, voltava seu olhar e suas reflexões (posteriormente orações) para o sofrimento, e não para os pecados dos seres humanos. Etty foi uma mulher que tinha compaixão pelo próximo. Apresenta-se como aquela que queria ajudar a Deus, proteger o que havia Dele em nós, pois Ele também viveu naquele horror. Para ela, Deus deixa de ser onipotente e necessita de nossos cuidados.

Essa característica marcante, que simplificaremos ao adotar a palavra bondade para descrever de forma geral quem foi Etty Hillesum, se reflete em sua personalidade e em sua escrita. Tal compaixão pelo outro, reforça uma identidade mística de nossa autora-personagem, mas também nos possibilita, a partir de seu legado, entender o legado que mulheres como Hillesum tiveram “com a sociedade e com as lutas de seus tempos” (Rosa, 2021, p.361).

Sobre a mística, nos aponta Marcella de Sá Brandão (2023, p.1 99) em seu estudo sobre Madre Teresa de Jesus, que o conceito de mística se aproxima da escrita religiosa, feminina, onde Deus pode ser alcançado “sem intermediários”, como ela mesma diz, através de uma literatura mística/espiritual constituída, também, por meio das questões culturais e sociais de um tempo.

A mística, seja aquela vista como fenômeno religioso ou social, apresenta-se também como um fenômeno histórico que abrange uma forma de agir, uma “linguagem corporal” e “um tipo de escrita e fazer”. Vejamos como a partir deste entendimento, o testemunho de Etty se torna uma escrita mística:

[...] o relato místico se desenvolveu através da linguagem, que mesmo sendo limitada ou limitadora, possibilitou ao sujeito que experimentou tal fenômeno expressar a experiência de união com o sagrado. Todavia, a mística não diz respeito somente ao divino, mas se relaciona com as questões sociais, culturais, econômicas e políticas de cada temporalidade. Por este motivo é que entendemos a mística como um fato social (Brandão, 2023, p. 1999).

Tais questões sociais, culturais, econômicas e políticas apontadas pela autora, são as mesmas que conduzem, em parte, os relatos de Etty Hillesum. Ou pelo menos, o que suscita a necessidade de extravasar, através da escrita, todo o sofrimento do povo judeu frente ao avanço dos nazistas em Amsterdã. A “mística como um fato social”, é um ato de indignação que adere na pele e em seus diários. Vejamos o que ela nos relata no dia 19 de fevereiro de 1942 e que exemplifica bem a batalha entre o seu mundo exterior contra o interior de sua alma.

[...] E não vejo outra solução, não vejo mesmo outra solução que não seja retornar ao teu próprio centro e daí erradicar a maldade. Já não acredito que possamos melhorar alguma coisa no mundo exterior sem nos melhorarmos primeiro a nós mesmos. E essa parece-me ser a única lição desta guerra, termos aprendido a procurar somente dentro de nós e em mais nenhuma parte. (Hillesum, 2009, p. 170). [19/02/1942]

Hillesum, nesse dia, relembra momentos em que fazia o curso de russo, e de seus professores que naquele momento se encontravam presos no campo, dividindo o mesmo espaço com dezenas de pessoas e sem nenhuma proteção contra o enorme frio que fazia em Amsterdã. Em conversa com seu amigo Jan Bool, falam sobre a necessidade que o homem tem por destruir o outro, e sobre vingança, sentimento do qual eles se esquivam ao pronunciarem “são tão reles esses sentimentos de vingança” (Hillesum, 2009, p. 170).

Essa aversão, desprezo que Etty sente pela situação em que vivem os homens e mulheres judeus na Europa, lhe causa constrangimento, mas não ódio. Lhe causa sofrimento, mas lhe dá esperança de lutar nem que seja por um único alemão que seja contra a barbárie nazista. Essa aura bondosa e mística é encontrada em sua escrita.

[...] esta noite também vou ter que rezar pelo soldado alemão. Um dos muitos uniformes ganhou agora um rosto. Há-de haver por aí mais com uma cara própria na qual conseguiremos ler algo que a gente compreenda. E ele também sofre. Não existem fronteiras entre as pessoas que sofrem, em ambos os lados da fronteira há sofrimento e é necessário rezar por todos. Boa noite. (Hillesum, 2009, p. 220-221). [03/07/1942]

Essa escrita, antes apenas legada ao interesse dos estudos místicos e teológicos, começa a despertar o interesse, também, dos estudos literários. Sendo a mística um dos temas que mais atraem à leitura dos diários deixados por Etty Hillesum, vejamos como a identificamos e como se caracterizam, especialmente, no universo feminino através de seus relatos testemunhais, em diálogo com Maria Clara Bingemer.

- uma maior integração da corporeidade. A mulher é um ser que integra necessária e automaticamente corpo e espírito, experiência e razão. Não se trata de dizer que o



homem não o faz, mas este culturalmente, sobretudo no ocidente, foi acostumado e ensinado a separar mais as coisas umas das outras. (Bingemer, 2011, p. 154).

Retomamos citação anteriormente utilizada (p. 34) neste momento, por compreendermos ser este um bom exemplo, onde Etty Hillesum descreve sobre a questão.

Há um desassossego em mim, um desassossego bizarro, diabólico, que poderia ser produtivo se eu o soubesse utilizar. Um desassossego ‘criador’. Não se trata de desassossego do corpo. Nem mesmo uma dúzia de excitantes noites de amor lhe conseguiriam pôr fim. É um desassossego quase ‘sagrado’. Ó Deus, toma-me na tua grande mão e torna-me o teu instrumento, faz-me escrever (Hillesum, 2009, p. 95).  
[04/07/1941]

A experiência mística, neste ponto, personifica-se no poder da consciência e da identidade manifestada no corpo físico de nossa autora-personagem, através do desassossego, por ela relatado. Mas tal sensação não é física. É sim, espiritual. É da alma que a leva de encontro a Deus através da escrita. Pelo menos este é seu desejo – “Ó Deus, toma-me na tua grande mão”. Esta relação entre corpo e mente, a corporeidade que busca a natureza da existência, e a formação da subjetividade é, ao mesmo tempo, a experiencição do mundo pelo ser humano de forma completa e integrada.

Sigamos com Maria Clara Bingemer (2011, p. 154), que afirma ser a mística feminina algo mais de atitude do que de reflexão, onde há “uma maior urgência de ir às conseqüências práticas daquilo que é experimentado. Não tanto de especular sobre elas, elaborar teses, mas ‘praticar’ diretamente aquilo que é experimentado”. Etty assim se posiciona em 22 de setembro de 1942: “E foi lá, entre as barracas, repletas de gente agitada e perseguida, que achei a confirmação para o meu amor por essa vida” (Hillesum, 2009, p. 297).

Sabemos que Etty Hillesum, no dia 30 de julho de 1942, pede para ir voluntariamente para o campo de Westerbork ali viver as mesmas dificuldades, dores e sofrimentos ao lado dos seus. No final de agosto, adoentada, tem permissão para sair do campo. Spier havia morrido no dia 15 de setembro, e é a sua morte que a aproxima mais ainda da mística que podemos denominar de cristã.

- em se tratando das místicas cristãs, elas estabelecem uma relação imediata e prioritária com a humanidade de Deus em Jesus de Nazaré, seja através do colóquio amoroso, seja mesmo através de experiências de altíssima e muito concreta união, inclusive com repercussões corpóreas (Cf. Santa Teresa de Ávila), seja em um voltar-se direto e imediato para aqueles em quem vêem o rosto do Deus experimentado na oração: os pobres e os sofredores. (Bingemer, 2011, p. 154).

Lemos em seu *Diário*:

Bom, deixa-me ser um bocadinho da vossa alma. Deixa-me ser a barraca de acolhimento do que de melhor há em vós, que com certeza há-de existir. Não preciso de fazer muita coisa, quero só estar presente. Deixai-me ser simplesmente a alma deste corpo. E em cada uma das pessoas achei por vezes um gesto ou um olhar, que o transcendia em muito, e do qual provavelmente quase não se tinha apercebido' [...] (Hillesum, 2009, p. 286, grifo nosso). [16/09/1942]

O não precisar fazer muita coisa, mas estar presente, descreve a mesma relação que encontramos, na perspectiva filosófica, da experiência mística e de compaixão que Simone Weil nos entrega em suas reflexões. Especialmente naquelas em que descreve suas experiências em Póvoa de Varzim e Assis, onde delineia o profundo amor que tem pelos seres humanos a ponto partilhar de seus sofrimentos e dores<sup>30</sup>.

Essa mística de compaixão e empatia, associa-se à espiritualidade feminina. Veremos nos próximos capítulos como esse diálogo acontece, porém antecipamos com Bingemer (2011, p. 160) a reflexão sobre esta relação em Weil:

O sofrimento do mundo foi para ela uma obsessão, e sua experiência a trouxe para muito perto da Paixão e Cruz de Jesus Cristo e a fez escrever ao seu confessor: Conhecer realmente o infeliz implica conhecer verdadeiramente a desgraça'. Após sua experiência mística cristã, essa compaixão e seu sentimento tão agudo do sofrimento do outro não se afastaram de Simone. Ao contrário, isso foi sempre, nela, mais presente e forte.

Ainda como assistente social que visitava Westerbork como membro do Conselho Judaico, buscou estar perto daquele sofrimento de forma acalentadora, como uma representante da fé divina. A devoção de Etty pelos aprisionados surge de Deus e de seus ensinamentos que lhe guiaram para os barracões do campo, refletindo-se assim nas palavras de Maria Clara Bingemer (2011, p. 154) quando afirma que, “a mística feminina é, portanto, necessária e inseparavelmente uma mística apaixonada, no sentido de enamorada e no sentido de padecer a paixão em seu corpo e sua vida”. Etty assim conclui o relato anterior: “[...]. E eu sentia-me a sua guardiã” (Hillesum, 2017, p. 286).

Por fim, Maria Clara reflete sobre uma característica que ela aponta ser exclusivamente feminina. Admirar a beleza onde pessoas comuns não a enxergaria.

- a experiência da beleza, estética, desempenha um papel importante como ‘mistagoga’ da experiência mística. Isso acontece com muitos místicos, mas unanimemente com as mulheres. Contemplar a beleza para elas – sob qualquer de suas formas, literária ou artística – é sempre a ante-sala do que será sua experiência de Deus. (Bingemer, 2011, p. 154).

<sup>30</sup> Sobre essa questão, ler Espera de Deus (2019).

Isto é perceptível em Hillesum, quando lemos algumas de suas passagens nos diários, como a de 5 de julho de 1942 “Há sol lá fora e este quarto agora parece tão acolhedor que eu poderia ser capaz de rezar nele” (Hillesum, 1981, p. 164) ou no dia 23 de setembro, do mesmo ano, quando “À noite nos barracões às vezes ficam banhados de luar, feito de prata e eternidade, como brinquedo que escapou das ocupadas mãos de Deus” (Hillesum, 1981, p. 210).

Tais questões colocadas por Bingemer (2011) são verificáveis na *literatura de testemunho*, que se somam aos atributos místicos dos diários de Etty Hillesum. Vemos em sua escrita, a emoção travando batalhas com a razão. Enxergamos através dos seus relatos, seu movimento em direção a algo não apenas contemplativo, mas sim efetivo, de resultados. O que fazer para dar um pouco de paz aos aprisionados, senão um sorriso que se transforma em esperança quando do avistamento de um arco-íris, além do arame farpado, que os isola como gados que seguem para o abatedouro?

Nos testemunhos memorizados por sua escrita, percebemos seus pensamentos e reflexões, mas também sua ação enquanto verdadeira mística em sua concepção natural. Uma prova disso foi sua ida definitiva e de forma voluntária ao campo de Westerbork para estar ao lado dos seus. Ou ainda, a busca pelo Deus ausente naquelas almas em sofrimento e vazias. E aqui fazemos uma ressalva, as almas em sofrimento poderiam ser também seus algozes, como podemos ler em uma passagem dos de seus diários:

[...] Este é um problema dos tempos que correm. O grande ódio contra os alemães, que me envenena a alma. ‘Eles que se afoguem, essa ralé, deveriam ser todos fumigados’. Estas observações fazem parte da conversa do dia-a-dia e às vezes provocam-nos a sensação de que é impossível viver nesta época. Até que de repente, há umas semanas, me surgiu a ideia libertadora, hesitante e frágil como um rebento de relva que começa a nascer num terreno bravio rodeado de ervas daninhas: mesmo que só houvesse um alemão digno de ser protegido contra essa chusma bárbara, por causa desse alemão decente não se devia derramar o ódio sobre um povo inteiro. (Hillesum, 2009, p. 69). [15/03/1941]

Essa alma voluntariosa, que nos causa inveja frente a sua bondade, nos ensina que para combater o ódio, somente o amor. Para combater o mal, apenas o bem. E se apenas um alemão não compactuasse com os horrores decorrentes da guerra, esse deveria ser o exemplo de “amar ao próximo como a ti mesmo”, pois apesar das imperfeições e pecados, todos somos iguais perante Deus, segundo o pensamento e sentimento de Etty Hillesum.

A maneira como ela se relacionava com a desumanidade daquela vida, encontrando paz nas charnecas enlameadas, no pôr do sol e nos tremoços roxos que cresciam diante do

sofrimento, buscando na contemplação da beleza um canal de diálogo com Deus, reflete o caráter místico que lhe é conferido, após a publicação de seus diários.

Destarte, para falarmos de Etty Hillesum, de sua pessoa, personalidade e pensamentos, não podemos deixar de tomar de empréstimo as contribuições da professora Maria Clara Bingemer, que nos ajudou acima, a entender as características que marcam uma mística feminina. Maria Clara foi uma das primeiras estudiosas de E.H. no Brasil. Boa parte de seus estudos, coloca nossa autora em diálogo com outras mulheres também consideradas místicas, que tinham em comum o legado deixado de abnegação e compaixão ao próximo.

Em seu livro *A argila e o espírito* (2004, p. 215), Bingemer apresenta *Três mulheres judias diante do holocausto* e dialoga com os temas violência, mal e gênero, em busca de “uma abertura sobre o terreno da mística e da religião” no século XX através do pensamento e das ações de três mulheres judias vítimas, cada uma a sua maneira, do regime nazista alemão.

Vejamos como a autora nos apresenta suas místicas, a quem ela chama de “amigas de Deus e amigas da vida”, a começar por Simone Weil, francesa, judia “formada em filosofia pela Sorbonne, foi a primeira professora agregada da França”, tendo sido “discípula do filósofo Alain, formada em completo agnosticismo, apaixonada pelo tema da condição humana no mundo do trabalho” e que “nos deixa um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna”, após viver na carne a exploração de anos de trabalho exaustivo nas fábricas francesas (Bingemer, 2004, p. 219-220).

Edith Stein (1891-1942), alemã e judia de nascimento, é descrita como “uma grande personalidade e vivacidade de espírito, aliadas a uma curiosidade e desejo de saber, assim como grande amabilidade com os demais” (Bingemer, 2004, p. 229). Converteu-se ao cristianismo em 1922, tornou-se Carmelita Descalça em 1933, ordem religiosa surgida por volta dos anos 1200 que tem como característica a clausura, passa por Westerbork e não deixa de ser notada por Etty Hillesum, que destaca em uma de suas cartas, a chegada de um trem com várias religiosas usando hábito e a estrela amarela no braço. Stein segue para Auschwitz em agosto de 1942, onde é morta na câmara de gás.

Esther “Etty” Hillesum é apresentada como uma “judia holandesa, de 27 anos, que vive em Amsterdã e passa por processos interiores que vão marcar de forma indelével sua jovem pessoa, assim como aqueles e aquelas que a cercam e com ela conviveram” (Bingemer, 2004, p. 236).

Maria Clara Bingemer apresenta Hillesum como uma verdadeira mística, com profunda relação com Deus, como apontaremos mais adiante através de sua escrita. Leitora de Rilke

(1875-1926) e de seu *Cartas a um jovem poeta* (1929), Dostoiévski (1821-1881), Aurélio Agostinho de Hipona (354-430) ou Santo Agostinho e sua obra *Confissões* (397-398), conversa com Deus ao dobrar seus joelhos e juntar as mãos, mas viveu em comunhão, até o fim de sua vida, com seu povo, com quem partiu para a morte cantando, no ano de 1943.

Em comum “as três amigas de Deus” tinham a origem judaica e o forte interesse pelos ensinamentos do cristianismo. Além disso, todas morreram no mesmo período. Etty e Edith morreram no campo de concentração de Auschwitz, enquanto Simone morreu em uma casa de repouso em Ashford, na Inglaterra, com a saúde totalmente debilitada devido à desnutrição e sua condição inerentemente frágil. Stein e Weil não seguiram a religião judaica e se aproximaram da religião cristã em contemplação e ação (ambas ajudavam os que mais necessitavam). A primeira, se converteu por volta dos anos 1930, e a segunda, mantendo extensos e profundos diálogos sobre a condição humana, o trabalho, a opressão e a liberdade em seus escritos.<sup>31</sup>

Simone Weil e Etty Hillesum morreram jovens. A primeira viveu a dor da guerra não alimentando seu corpo, em comunhão com aqueles que passavam fome nos *fronts* de batalha. Essas jovens mulheres acreditavam num futuro diferente, e especialmente Etty, para quem seus relatos poderiam evitar que as atrocidades cometidas contra o povo judeu, se expostas em sua crueldade suprema, evitariam sua normalização.

Nossa autora-personagem queria ser uma escritora – “aquilo que me sai do papel deve ser imediatamente perfeito” (Hillesum, 2009, p. 68) – e não uma cronista de horrores. Etty acreditava que a “única coisa que há é uma grande confiança e gratidão por a vida ser tão bela” (Hillesum, 2009, p. 171).

Quero tornar-me a cronista de muitas coisas destes tempos actuais [...] Eu observo em mim mesma que, a par de todo esse sofrimento subjectivo, desenvolvo sempre, por assim dizer, uma curiosidade objectiva, um intenso interesse por tudo que tem a ver com este mundo e os seres os seres que o povoam e tudo o que me toca interiormente. Às vezes acredito ter uma tarefa. Tudo aquilo que me rodeia deve ser pensado até atingir o entendimento e ser mais tarde escrito por mim [...]. (Hillesum, 2009, p. 108). [13/08/1941]

Encontrar beleza em meio à dor, para Etty Hillesum, é o mesmo que buscar o papel da literatura frente a tantas angústias. Essa teopoética testemunhal hillesumiana, expressa-se na sua fé, amor e humanidade, onde Etty nos ensina a nos afastarmos de qualquer ódio ou desesperança (Bingmemer, 2023).

<sup>31</sup> Para entender mais sobre tais questões em Simone Weil ler *Espera de Deus* (2019), uma coletânea de cartas e ensaios escritos pela filósofa no ano de 1942.

Etty Hillesum não queria retratar as dores e horrores da guerra, mas tinha consciência de que seus relatos, em mão certas, poderiam salvar a humanidade das mesmas barbáries no futuro. Ainda sobre quem foi nossa autora, em *A liberdade do Espírito em duas escritoras místicas contemporâneas: Etty Hillesum e Adélia Prado* (2015), Maria Clara Bingemer assim a descreve:

[...] Mulher jovem, bonita e refinada, exercia grande atração sobre os homens já havendo tido, mesmo com sua pouca idade, muitos namorados e uma legião de admiradores. Extremamente inteligente e culta, dominando várias línguas – holandês, alemão, francês, inglês e russo – conhecia profundamente a literatura alemã e russa, sendo particularmente apaixonada por Rilke e Dostoiévski. Refinada em seus gostos, era igualmente aberta para os outros, com extrema facilidade de fazer amigos. Sonhava em ser escritora e viajar pelo mundo aprendendo outras línguas e convivendo com outras culturas [...] (Bingemer, 2015, p. 236).

Ester Hillesum foi uma mulher diferenciada, não temos como negar. Desde muito nova esteve à frente de seu tempo. Namorou muitos homens, às vezes mais de um ao mesmo tempo, engravidou, mas sofreu “um aborto voluntário, relatado em seu diário” (Teixeira, 2018, p. 16). Na verdade, o aborto não foi voluntário e sim provocado por ela, como já mostramos e repetimos aqui: “tenho a sensação de que estou a salvar a vida de uma pessoa afastando-a violentamente dessa vida” (Hillesum, 2009, p. 152)<sup>32</sup>. E completa: “Combato-te com água quente e instrumentos terríveis, hei-de dar-te luta com paciência e perseverança até te dissolveres no nada” (Hillesum, 2009, p. 152). Mais um sinal de sua coragem.

Vejamos uma sequência de anotações em seu diário, que demonstram quão única E.H. foi, marcando-a como uma mulher corajosa, à frente de seu tempo, e responsável pelas decisões mais importantes de sua vida.

Às cinco horas aquela sensação de estar asfixiada de novo. Enjoada e um pouco tonta. Ou eu estava imaginando tudo isso? Durante cinco minutos fui sacudida por todos os temores dessas mocinhas que horrorizadas dão-se conta de que estão esperando um bebê que não desejam.  
O instinto maternal é algo de que sou totalmente destituída. Explico-o desta maneira para mim mesma: a vida é um vale de lágrimas e todos os seres humanos são miseráveis criaturas; assim não posso assumir a responsabilidade de trazer ainda mais uma infeliz criatura para o mundo.  
[...] Hoje terei que engolir vinte comprimidos de quinino; sinto-me esquisita lá por dentro, abaixo de meu diafragma. (Hillesum, 1981, p. 79) [03/12/1941]

<sup>32</sup> Nos parece que mulheres com destinos traçados (existe isso ou é apenas algo do imaginário social?) tendem a ser mais racionais frente às adversidades do momento. Marie Curie, como nos mostra Rosa Montero, após engravidar de sua segunda filha Ève em 1904, já famosa por suas descobertas e adoentada pela exposição excessiva ao rádio, anota em seu diário: “Por que estou trazendo essa criatura ao mundo? A existência é dura demais, árida demais. Não deveríamos infligi-la aos seres inocentes...” (Montero, 2019, p. 122)

[...] A vida tem sido de fato boa para mim, e ainda o é. É difícil dizer coisas assim depois de uma noite como a que passei. E agora ponhamos os pés dentro d'água. Mesmo essa trapalhada acerca de uma criança que ainda não nasceu é algo confuso; sem dúvida tudo acabará bem. (Hillesum, 1981, p. 79-80) [05/12/1941]

Sinto-me como se estivesse ocupada em salvar uma vida humana. Que absurdo: salvar uma vida humana fazendo o possível para impedi-la de existir! Mas tudo o que desejo é manter alguém fora deste mundo miserável. Deixarei você num estado de não-nascimento, ser rudimentar que você é, e você deveria ser-me grato. [...] Apenas espero que isto não se arraste por tempo muito longo. Fico tremendamente excitada; faz apenas uma semana e já estou exausta por toda essa atividade. [...] (Hillesum, 1981, p. 81) [06/12/1941]

Como imaginar que aquela bondosa criatura, que buscava e viria a ser o coração pulsante entre os barracões de Westerbork, seria capaz de tirar uma vida? Ainda não entregue ao Deus e à religião cristã, a jovem mulher que mantinha um relacionamento com dois homens bem mais velhos que ela, mas que, porém, não desejava a crueldade daquele mundo para um ser humano. Etty Hillesum se apropria, é dona e decide o que fazer com seu corpo. Tal decisão tão particular às mulheres, pois são delas a primeira e a última palavra sobre seus corpos, reforçam nosso entendimento de que há uma feminista dentro desta jovem judia.

Ainda sobre o aborto, seu relato prossegue e detalha os métodos que utilizará para livrar esse ser da crueldade do mundo inquisitório, violento e perseguidor, e ainda havia a preocupação com as doenças mentais do irmão Mischa, que poderiam ser hereditárias. E, conclui: “impedirei sua entrada na vida e você verdadeiramente não terá o que se queixar” (Cf. Hillesum, 1981).

Etty Hillesum foi uma mulher que escolheu a dor e o sofrimento do convívio com os enclausurados em Westerbork, em vez do exílio. Sua bondade, sua missão, levou-a a uma morte precoce, mas feliz ao lado dos seus irmãos e irmãs. Quando sua família foi designada para o próximo transporte para Auschwitz, Etty se voluntariou para acompanhá-los. Seguiu viagem cantando.

E por que ela foi e é tão inspiradora? Como comenta o professor de Ciências da Religião Faustino Teixeira, por sua capacidade de amar e encontrar o Deus interior em todo aquele espaço de crueldade. “Com todas as condições para dizer o contrário, Etty rechaça em sua reflexão qualquer possibilidade de adesão ao ódio” (Teixeira, 2018, p. 2). E através de suas ações, “desenterra Deus do fundo do coração dos outros” (Ianelli, 2018, p. 2).

**Imagem 4** - Etty Hillesum (2017), retratada pela artista plástica Kelly Latimore



Fonte: Site da artista<sup>33</sup>

Para entendermos quem foi Etty Hillesum, precisamos também conhecer como se dava seu processo de escrita. Sentada em sua escrivaninha em Amsterdã, ou em uma mesa simples em Westerbork, sua escritura começou a tomar corpo, inicialmente, como proposta terapêutica sugerida por Julius Spier, como já informamos.

E assim permaneceu até os últimos dias no campo de transição, porém, agora, tentando compreender os seres humanos em sua pior concepção. Sua última datação na manhã de 13 de outubro de 1942, assim nos ilumina:

[...] Desde a noite passada tenho tentado assimilar apenas um pouco do sofrimento que tem que ser suportado em todos os lugares do mundo. [...]

Quando sofro pelos vulneráveis, não é pela minha própria vulnerabilidade que sofro?

Parti meu corpo como pão e repartí-o entre os homens. E por que não? Eles estavam esfomeados e haviam esperado muito. [...]

Deveríamos prontificar-nos a ser um bálsamo para todas as feridas. (Hillesum, 1981, p. 227). [13/10/1942]

Nas versões de 2007 (em espanhol) e na de 2009 (edição portuguesa), Etty assim declara seu amor àqueles que mais precisam, respectivamente: “*Una quisiera ser un bálsamo derramado sobre tantas heridas*”<sup>34</sup> (Hillesum, 2007, p. 200) e “Gostaria de ser um bálsamo para muitas feridas” (Hillesum, 2009, p. 333). Entre o “deveríamos” “gostaríamos” e o “gostaria”, ficamos com a ideia de que Etty Hillesum era uma mulher que não fazia nada por obrigação, obedecia a seu coração e seus preceitos éticos. Mais uma vez, lembremos da sua ida voluntária a Westerbork. Foram com os relatos diários, com o exercício de reflexão, que nossa judia iluminada amadureceu sua escrita e sua personalidade, como podemos constatar na fala abaixo:

O processo da escrita em Etty Hillesum ocorreu como passo de seu tratamento terapêutico. Foi Spier quem, provavelmente, a incentivou a começar a escrever o seu diário. Foi quando então ela pôde expressar com sentimento vivo os traços de sua vida, seus temores, alegrias e esperanças. Não há dúvida alguma sobre a importância desta arte de escrever na conformação do pensamento de Etty, bem como de seu equilíbrio interior e de sua espiritualidade. Dizia, em página de seu diário, que não

<sup>33</sup> Pode ser acessada em <https://kellylatimoreicons.com/products/etty-hillesum>

<sup>34</sup> “Gostaríamos de ser um bálsamo derramado sobre tantas feridas”. Tradução livre da autora.



tinha acesso ao significado profundo da dinâmica de sua escrita. Mas certamente era algo que marcou e firmou o seu itinerário. (Teixeira, 2018, p. 19).

Essa escrita em forma de testemunho, para a literatura, é o local de conflito entre o real e o simbólico, entre o passado e o presente, entre o fato e o impossível de se imaginar, onde história e acontecimentos simbólicos se complementam enquanto linguagem nas memórias e narrativas pessoais que muitos querem apagar.

Etty Hillesum queria ser cronista, e seus diários eram como tarefas de casa cotidianas, onde o esforço reflexivo, transformado em palavras, nos apresentam discussões dos mais diversos temas: amor, sexo, a própria escrita, religião, literatura e a ocupação nazista. Mas, para os estudos literários, suas contribuições são ainda maiores, como discorreremos nos próximos tópicos.

### 3.2 O corpo e suas relações em Etty

Estuda-se e lê-se muito sobre Etty Hillesum a partir de seu envolvimento espiritual com aqueles com quem passou os últimos dias de sua vida. Mas Etty não foi apenas uma mulher que abdicou de seu futuro pelo presente junto aos seus. Antes de tudo, privou-se das relações pessoais futuras ao escolher estar com eles nesse momento. Era uma jovem mulher extremamente erótica, que relacionou-se com quem bem desejou, e que tinha na sua beleza e no domínio de seus desejos uma arma de atração.

Sobre seu corpo pulsante após os exercícios físicos com Spier, um tipo de terapia empregada por seu futuro amado, nos relata que “[...] Claro que nessa altura eu tinha sido atingida eroticamente, mas ele foi tão neutro [...]. ‘Pois sim, meu caro, debes até saber à brava como sou eroticamente *excitável*, tu mesmo mo disseste [...]’” (Hillesum, 2009, p. 81). Spier a afasta nesse 24 de março de 1941, dizendo não ser saudável esse tipo de envolvimento para ele e para seu trabalho.

Apesar de seus anseios sexuais serem visíveis em vários momentos de seus relatos, como o que temos em 06 de outubro de 1941 - “Mas tenho realmente uma forte tendência erótica e muita necessidade de carícias e meiguice. E elas sempre me rodearam” (Hillesum, 2009, p. 125), Etty buscava alguém que pegasse em suas mãos e cuidasse de si. Seu interesse por homens mais velhos (Papai Han e Spier), pode ser contextualizado pelo viés psicológico, ao buscar, talvez, na ausência do pai em sua criação ou na liberdade com que foram todos os filhos Hillesum criados, uma explicação por tal predileção.

Não é nosso interesse discutir suas predileções afetivas e sexuais, apesar de elas estarem todas lá em seus diários, particularmente nos registros anteriores a sua ida definitiva a Westerbork. Também não nos interessa a discussão sobre sua criação, já que esta é também pouco explorada pela diarista. Nos interessam outras discussões (ou questionamentos, se preferirem) que Etty faz sobre sua existência enquanto mulher, erotizada ou não, quando discute sobre o papel que os homens têm em suas vidas, como eram vistas pela sociedade da época e como isso aparece em seus relatos, o que reforça, mais uma vez, a ideia de *escrita de si*:

Sim, nós mulheres, nós tontas, idiotas mulheres sem lógica procuramos o Paraíso e o Absoluto. E no entanto o meu cérebro diz-me, o meu excelente, funcional cérebro, que não existe nada absoluto, que tudo é relativo e infinitamente cheio de nuances e em eterno movimento e, exatamente por isso, tão interessante e encantador, mas também tão doloroso. Nós mulheres queremos eternizar-nos nos homens (Hillesum, 2009, p. 119). [25/09/1941]

Etty Hillesum sabe da importância representativa do matrimônio na sociedade, reflete sobre amor e escolhe uma única pessoa para estar, mas culpa a si própria por essa confusão mental sobre os relacionamentos.

Acontece do seguinte modo: quero que ele me diga: ‘Querida, és a única de todas e amar-te-ei eternamente’. Isto é ficção. E enquanto ele não disser estas palavras, tudo o resto não importa, o resto escapa à minha atenção. E é isso que é esquisito: não o quero de maneira alguma, nunca haveria de ser o único e de eu o querer eternamente, contudo exijo isso ao outro [...]. (Hillesum, 2009, p. 119-120). [25/09/1941]

Tais reflexões feitas sobre a instituição casamento, e como vai buscar sua compreensão dentro de si sobre essa imposição social, se dão ao mesmo tempo que seu envolvimento com Julius Spier avança – “Aí está mais uma vez a exigência do absoluto. Ele tem de me amar única e eternamente” –, enquanto transita entre ser o corpo que sente amor, ou ser o corpo que vai ao encontro dos que dela necessitam – “esse contacto espiritual satisfaz-me muito mais que o físico” (Hillesum, 2009, p. 120-121). Esse amor incondicional que Etty dedica a Julius, vai transcender o amor absoluto e físico, e vai em busca de um amor único e eterno. É muito menos um amor físico, e mais um amor espiritual. Sobre o casamento, Hillesum divaga ao conversar com sua amiga:

[...] Eu perguntei a Henny: ‘Tide, nunca quiseste mesmo casar?’ e ela em seguida respondeu: ‘Deus nunca me enviou um homem’. Se eu trasladasse esta frase aplicando-a a mim própria, deveria soar então: Enquanto eu viver de acordo com as minhas próprias fontes originais, provavelmente o melhor a fazer será não casar. Em todo o caso, não me preocupar com isso. Se escutar com seriedade a minha voz interior, a dado momento fico a saber se um homem me foi ‘enviado por Deus’ ou

não. Mas não devo andar a cismar nisso. Ou transigir, ou casar-me devido toda a espécie de teorias deturpadas. [...] Não irei ser uma velha solteirona? O que irão dizer os outros? Irão ter pena de mim por ainda não ter marido?”. (Hillesum, 2009, p. 123-124). [06/10/1941]

Vemos uma jovem preocupada com seu lugar na sociedade e com a opinião de terceiros, algo contraditório num momento de total desesperança para os judeus, mas, compreensível, tendo em vista estarmos lendo sobre os anseios de uma moça de menos de 30 anos. Etty prossegue: “Ontem à noite na cama, perguntei ao Han: “Achas que alguém como eu deveria se casar? Sou uma mulher a sério?” (Hillesum, 2009, p. 124). E continua:

[...] Não acredito que eu seja adequada para um só homem, e nem mais também para o amor de um só homem. É como se às vezes eu achasse um pouco infantil, na realidade, esse amar uma pessoa só. Também não irei ser fiel a um só homem. Não por causa de outros homens, mas porque eu própria consisto em muitas pessoas. (Hillesum, 2009, p. 124-125, grifo nosso). [06/10/1941]

A pergunta é respondida não apenas por uma mulher em processo de amadurecimento de sua escrita, mas também de sua espiritualidade. Esse momento de transição pode ser conferido quando ela declara que “a parte física original, no que me diz respeito, tem vindo a ser quebrada de várias maneiras e atenuada por um processo de espiritualização”. E completa: “existe em mim uma espécie de amor e compaixão originais pelas pessoas, por todas as pessoas” (Hillesum, 2009, 124). E, como poderia ser de um só?

A impossibilidade de amar um único homem ou mesmo de se relacionar fisicamente com apenas um, validaria uma norma social imposta ao longo dos tempos às mulheres. Essa mesma sociedade que nos faz crer que somos destinadas a nos relacionar monogamicamente, ter filhos e viver até o fim dos dias com o mesmo homem, é superada por Etty em uma de suas falas, quando afirma aos 27 anos de idade, já ter amado o suficiente e completa: “Sinto-me muito velha”. (Hillesum, 2009, p. 125).

Não encontraremos mais constância em seus relatos que divaguem sobre uma jovem em busca de amor ou de casamento, mas sim sua ascense, sua espiritualidade aflorando do equilíbrio entre corpo e alma. Para explicar essa questão, precisamos retomar sua primeira inserção no diário, no dia 9 de março de 1941. Etty transforma sua experiência de sofrimento e “bloqueio espiritual”, em amadurecimento místico e humano. Quando “corpo e alma são uma só coisa” e não haveria distinção entre espiritualidade e corporeidade, o desenvolvimento da natureza humana se completaria, como tentou lhe transmitir Julius Spiers durante os combates físicos

travados por ambos, e que libertavam a “tensão interior”, mas também a libertavam psicologicamente (Hillesum, 2009, p. 63).

Essa ascese vai acontecer quando os nazistas começam a prender os judeus em Amsterdã. Nesse momento, corpo e alma se tornam unidade orgânica, e Etty demonstra mais uma vez a dificuldade de lidar com seu relacionamento e com a ideia de casamento com Spier. Seu ser está em busca de algo mais, e este algo mais, deve ser oferecido a todos que necessitarem.

‘Não queria nunca unir minha vida à dele para todo o sempre, tal coisa é impossível’, mas na realidade essa reacção é bastante reles e abaixo de nível. Ela parte de uma noção convencional: o matrimônio. A minha vida já está relacionada com a dele, ou melhor, já está ligada à dele. E não só as nossas vidas, mas as nossas almas [...]. ‘Sim, gostava de casar com ele e ficarmos juntos para sempre’ e, [...] ‘Não, é melhor não’. Estes são os padrões a erradicar da tua vida. Esta é uma maneira de reagir que eu sinto [...] como uma perturbação e impedimento dos verdadeiros grandes sentimentos de união que ultrapassam todas as fronteiras do casamento. (Hillesum, 2009, p. 188-189). [04/06/1942]

Etty Hillesum em busca de uma maior espiritualidade, encerra assim o assunto casamento: “Realmente gostaria de me casar com ele, para no momento seguinte reagir exactamente ao contrário. Isto não devia mesmo acontecer, porque não tem absolutamente nada a ver com as coisas essenciais, com o que interessa” (Hillesum, 2009, p. 189). As coisas essenciais da vida, para Etty, são os mais necessários e o compromisso que ela entende ter com o seu povo.

E assim, a partir do que lemos sobre suas dúvidas, é que nos questionamos: Como viver e resistir ao poder disciplinador dos corpos em períodos de opressão como os que vivenciou Etty? Como o corpo do outro se torna extensão do poder, aprisionando o espírito a ponto de as forças faltarem e a rebelião não acontecer? Como Etty enxerga todas essas questões? Será que seus escritos refletem sobre o corpo afetado por circunstâncias opressivas, de restrição alimentar, do aprisionamento e do frio, além daquelas que tratam das obrigações das mulheres frente a um casamento?

Sim, encontramos em Etty um pouco de cada coisa. Um corpo que aos poucos vai adoecendo pela falta de alimentação, que vai sofrer de dores de cabeça e que vai desvanecendo em dias em que a morte ronda seu pensamento. Quando não mais “*lograba encontrar el sentido de la vida y ni el del sufrimiento*” e ao reencontrar o sentido da vida ao se “*ocupado de ello o,*

*mejor dicho: algo en mí se há ocupado ello*”<sup>35</sup> (Hillesum, 2007, p. 27), seu corpo físico e seu espírito tornam-se campo de batalha contra todo o “sofrimento da humanidade”, como podemos ler na citação abaixo:

[...] Me siento más bien un pequeño campo de batalla en el que se deban los problemas y cuestiones de estos tiempos. Lo único que se puede hacer es poner se humildemente a disposición, convertirse en campo de batalla. Los problemas, al fin y al cabo, tienen que tener un cobijo, tiene que encontrar un sitio en el que puedan luchar y conseguir la tranquilidad. Y nosotros, pequeñas e insignificantes personas, debemos abrir nuestro espacio interior e ellos, no escapamos. Tal vez sea, a este respecto, demasiado hospitalaria. El campo de batalla dentro de mí es a veces cruento y el precio que hay de pagar por ello es un enorme cansancio y mucho dolor de cabeza. [...] (Hillesum, 2007, p. 27-28)<sup>36</sup>. [15/06/1941]

No trecho acima, o corpo de Etty Hillesum é morada para as dores que o mundo espera que ela carregue. O corpo é local (campo), e o reflexo disso, é o sofrimento e sua saúde abalada. Foram nesses momentos de dor ou de enlouquecimento, anotados no dia 5 de dezembro de 1941, onde a “única coisa que me resta, para falar a verdade, é o asilo dos loucos. Ou a morte?”, é que as reflexões de Etty aparecem de forma profundamente objetiva na busca pelo amadurecimento de sua escrita: “A única realização para mim nesta vida: perder-me num pedaço de prosa, num poema, que devo conquistar a mim mesma à custa de sangue, palavra a palavra” (Hillesum, 2009, p. 150).

Esse corpo físico que adoece com o passar do tempo, e transforma a alma de Etty, se entregará por completo aos ensinamentos divinos, assim como fará crescer a profundidade das discussões propostas por nossa autora em seus relatos. É o que esperamos demonstrar no decorrer deste capítulo.

Para a socióloga Gabriela Acerbi Santos, “sua poética vai sendo costurada entre esses dilaceramentos, de corpos, de subjetividades, de cidades, de organizações comunitárias, de famílias, de relações, da espiritualidade...” (Santos, 2018, p. 46). O corpo será o primeiro

<sup>35</sup> A tradução da edição que tomamos como base em nosso texto diz: “**Tinha perdido** o sentido da vida e o sentido do sofrimento” e “tentei explicá-lo honestamente a mim mesma, ou melhor: **algo em mim explicou-mo**” (Hillesum, 2009, p. 93, grifo nosso), porém encontramos na versão espanhola uma tradução que melhor explica a comunhão entre corpo, espírito e sofrimento. Vejamos: “**consegui encontrar** o sentido da vida e nem mesmo o sentido do sofrimento” e “ocupar com isso ou, melhor dizendo: **algo em mim cuidou disso**”. Tradução livre da autora, grifo nosso.

<sup>36</sup> “[...] sinto-me mais como um pequeno campo de batalha onde se discutem os problemas e questões destes tempos. A única coisa que se pode fazer é colocar-se humildemente à disposição, tornar-se um campo de batalha. Afinal, os problemas têm que ter um abrigo, têm que encontrar um lugar onde possam lutar e alcançar a paz de espírito. E nós, pessoas pequenas e insignificantes, devemos abrir-lhes o nosso espaço interior, não escapamos. Talvez eu seja, neste aspecto, demasiado hospitaleiro. O campo de batalha dentro de mim às vezes é sangrento e o preço que tenho que pagar por isso é um cansaço enorme e muita dor de cabeça. [...]”. Optamos por manter a narrativa traduzida para o espanhol. Tradução livre da autora.

elemento em Etty que reagirá à vida de privações impostas pelos alemães, e o único que ela pode dominar, seja a partir das orações que a colocarão de joelhos, ou ainda numa das mais difíceis decisões que uma mulher pode ter que tomar, naquela situação, a de colocar um filho no mundo.

Em 1941, quando descobre uma gravidez que não fora planejada, e que se mostra diante dos olhos impossível de se manter em tempos de guerra e de perseguições aos judeus, Etty atravessa com tamanha coragem a situação e nos brinda, mesmo na dor, com um pouco de acalanto diante da situação.

Às 5 horas acordei novamente. Maldispota e um pouco tonta. Ou seria imaginação minha? Então, durante cinco minutos, senti atravessarem-me todos os medos que todas as jovens têm quando descobrem repentinamente, para seu susto, que esperam uma criança que não desejaram.  
O instinto maternal, creio, falta-me completamente. Para mim mesma justifico isso da seguinte maneira: basicamente acho a vida um calvário e todos os seres humanos uns infelizes, e eu mesma não quero ser responsável por acrescentar à humanidade mais uma criatura infeliz. (Hillesum, 2009, p. 148-149). [03/12/1941]

Para um leitor ou leitora que apenas tem como referencial informações de que Esther Hillesum, jovem mulher que morreu no campo de concentração de Auschwitz, que deixou um legado incrível para os estudos teológicos, místicos, filosóficos e literários, tendo sido citada pelo Papa Bento XVI, saber que essa é a mesma pessoa que cometeu ato condenado pela própria Igreja Católica, parece inconcebível, até mesmo impossível de se acreditar.

Paul Lebeau em seu livro *Etty Hillesum: um itinerário espiritual*, já mencionado no início deste capítulo, aborda a questão inicialmente com um olhar condenador, pois “existem outras maneiras de fazer violência à vida. Mesmo se ocasionais e subjectivamente valorizadas em nome de uma certa forma de amor, as relações sexuais extra-conjugais não escapam às leis da natureza” (2014, p. 57), e prossegue:

Após uma semana de tentativas abortivas, Etty confessa seu esgotamento. Por fim, na manhã do dia 8 de dezembro o feto foi expulso. Estranhamente, mas sem por isso deixar de ter significado subconsciente, Etty anota o acontecimento no seu *Diário*, como se se tratasse de um nascimento: ‘Esta manhã, às seis horas, a criança não-nascida [*ongeboren*] nasceu. Tinha dez dias [...]. (Lebeau, 2014, p. 59).

O sofrimento desnecessário é condenado pelo autor, um jesuíta que iniciou sua vida religiosa em 1943, mesmo ano em que Etty e sua família foram enviadas a Auschwitz.

Etty experimentou, portanto, na sua carne, por sua própria vontade, este drama ao qual tantas mulheres foram e são ainda coagidas, vítimas da irresponsabilidade dos seus

companheiros e da solidão sem recurso em que, com muita frequência, estão encerradas. [...] Verifiquemos que este ato mortífero não impediu que esta jovem mulher, irmã dessas outras mulheres, de se abrir em seguida a uma esperança portadora de vida, [...]. (Lebeau, 2014, p. 59).

Porém, há uma certa redenção em sua fala ao condenar também os homens que abandonam à sorte as mulheres – “irresponsabilidade dos seus companheiros” (Lebeau, 2014, p. 59) -, e ao reconhecer que a experiência fez renascer uma nova mulher e uma nova relação com a sua vida. Essa nova relação está claramente exposta em sua escrita, quando ao lado daqueles que estão em sofrimento ou à beira da morte, Etty Hillesum traz a esperança a cada novo amanhecer no campo de Westerbork.

Novamente no dia 5 de dezembro de 1941, da descoberta da gravidez até a decisão de não ter a criança foram poucas as anotações. “Hoje vou mais é tomar vinte comprimidos de quinino, sinto-me um bocadinho esquisita ali ao sul do diafragma”. E completa: “Até mesmo essa trapalhada com uma criança por nascer é algo irreal para mim. Não há de ser nada (Hillesum, 2009, p. 149-150).

Algumas das dores de Etty e que pesaram em sua decisão de não manter essa criança, se refletem em seu relato quase poético, se não fosse trágico, do dia 6 de dezembro de 1941. O trecho é um pouco longo, mas necessário ser citado em sua completude.

Tenho a sensação de que estou a salvar a uma pessoa. Não, isso não é ridículo: salvar a vida a uma pessoa afastando-a violentamente desta vida. Quero poupar este vale de lágrimas a alguém. Vou deixar-te ficar na segurança de não vires a este mundo, pequena criatura desenvolvendo-se dentro de mim, e agradece-me por isso. Combato-te com água quente e instrumentos terríveis, hei-de dar-te luta com paciência e perseverança, até te dissolveses ao nada. E nessa altura terei a impressão de ter praticado uma boa acção e de me ter comportado responsabilmente. (Hillesum, 2009, p. 152). [06/12/1941]

Hillesum nos apresenta, mesmo que simbolicamente, as dores que sofrerá com a “água quente e instrumentos terríveis”, mas mais do que isso, nos endereça a crueldade que seria gerar uma criança em seu mundo. Etty dialoga consigo mesma, com um ser que não existe e com seu corpo. Filho indesejado de Hans Wegerif, chamado por ela de Papai Han, com quem divide uma casa em Amsterdã, a partir do ano de 1937.

Em março de 1937, Etty foi governanta na casa de Hendrik (Hans) J. Wegerif, onde seu irmão Jaap também residiu. Ali viviam o filho de Wegerif, Hans, de pouco mais de vinte anos, a cozinheira Kätthe, e dois hóspedes, Berbard Meylink, estudante de bioquímica, e Maria Tuinzing, uma enfermeira que se tornará confidente e amiga de Hillesum. Hans, contabilista aposentado e viúvo, contratou Etty a fim de cuidar das tarefas domésticas, mas também começou um relacionamento com ela. Nesse relacionamento, Etty engravidou, mas com medo de seu filho herdar problemas

psiquiátricos como seus irmãos, decidiu pôr fim na gravidez, praticando um aborto. Foi nesta casa que Etty escrevia em grande parte seus diários e lá viveu até a sua ida à Westerbork. (Ribeiro, 2019, p. 12).

Na sequência da escrita de 6 de dezembro de 1941, nossa autora acrescenta os dramas familiares e problemas de saúde mental do irmão, como motivos para sua decisão em não carregar aquela criança no ventre por muito mais tempo.

Ao fim e ao cabo não posso dar-te suficientemente energia e há por aí demasiada carga hereditária perigosa a circular na minha família. Da última vez, quando Mischa, completamente desvairado, foi levado à força para um manicômio e eu assisti, com os meus próprios olhos, ao tumulto provocado, prometi a mim mesma que nunca na vida havia de deixar que saísse do meu ventre uma pessoa infeliz. (Hillesum, 2009, p. 152). [06/12/1941]

Mischa Hillesum, seu irmão, que acabou morrendo em Auschwitz decorrente dos trabalhos forçados, tinha um grande talento musical, tendo sido, anterior à sua prisão, um grande compositor em seu país. Mas também, teve vários problemas psicológicos. Tais problemas e as lembranças das internações reforçam a compreensão sobre os relatos anteriores de Etty, que não desejava prosseguir com a gravidez. Na sequência, ela reclama do cansaço do corpo após a realização dos procedimentos:

Oxalá que isto não dure muito. Se assim for fico muitíssimo amedrontada. Ainda se passou só uma semana e já estou cansada e sem forças devido a todas as medidas. Mas hei-de barrar-te o acesso a esta vida e garanto-te que disso não hás-de queixar-te. (Hillesum, 2009, p. 152). [06/12/1941]

Não menos solidária com suas próprias ações, a ausência de uma vida que não se tornou e que coabitaria em sofrimento, em tempos sombrios, surge uma nova esperança na decisão de não colocar no mundo uma pessoa que tinha como futuro certo, o campo de concentração de Westerbork. A transformação total de Etty se dará após sua ida definitiva à Westerbork e à morte de Spier. Foi em Deus que encontrou refúgio definitivo e compreensão frente suas escolhas diante da ida ao campo. O diálogo com Deus pode ser constatado em seus relatos, desde suas primeiras inserções, como nos afirma seu primeiro editor.

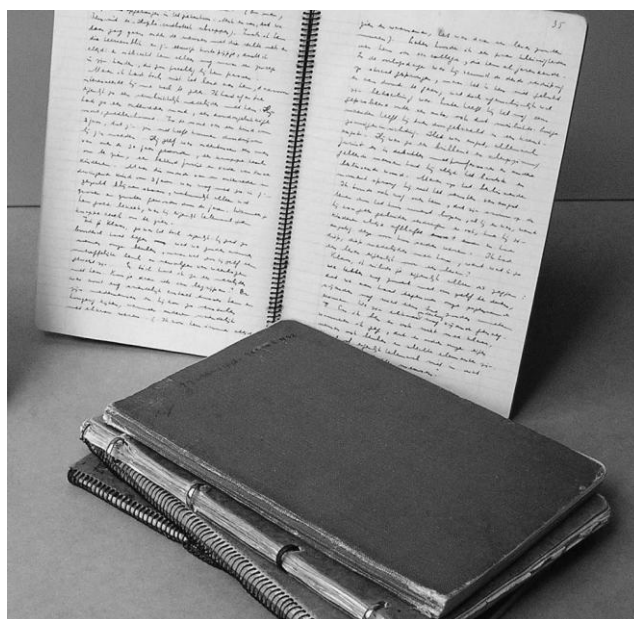
Nesse processo, Etty desenvolveu uma sensibilidade religiosa que dá a seus escritos uma enorme dimensão da sua espiritualidade. A palavra ‘Deus’ ocorre mesmo em seus primeiros registros diários, embora ali ela use – como fazemos na fala cotidiana – quase inconscientemente. Aos poucos, no entanto, ela se movimenta em direção a um diálogo cada vez mais intenso com a divindade. Os registros diários de Etty mudam completamente o estilo quando ela se dirige a Deus – e ela o faz regularmente



– sem o menor embaraço. Sua religiosidade é totalmente informal. (Gaarlandt, 1981, p. 8).

A primeira datação em seu diário é de 9 de março de 1941, quando inicia sua tarefa de autocompreensão. Longas anotações sobre si, a escrita e sua dificuldade de expressão. Spier, sua personalidade e a imposição de seu corpo e olhar sobre Etty são mencionados. O primeiro embate físico, como exercício terapêutico, e como esse contato dos corpos lhe causou desconforto. Na mesma noite vai expressar, “não estou apaixonada por ele e também não o amo, mas de um certo modo sinto a sua personalidade, ‘incompleta’ e contraditória sufocar-me” (Hillesum, 2009, p. 64).

### Imagem 5 – Diários recuperados.



Fonte: Acervo do Museu do Judeu de Amsterdã<sup>37</sup>

Um dia de muitos acontecimentos aquele 9 de março de 1941, com a maior parte das anotações voltadas para o encontro com seu “guia espiritual”. Assim Etty encerra essas primeiras anotações: “‘Como uma melodia, o mundo rola na mão de Deus’, estas palavras de Verwey não me saíram da cabeça durante todo o dia. Quem me dera ser melodicamente eu a rolar da mão de Deus. E agora boas-noites” (Hillesum, 2017, p. 65).

<sup>37</sup> Segundo informes do Museu do Judeu em Amsterdã, nos Países Baixos, foram 1.281 páginas deixadas por Etty Hillesum em relatos quase que diários entre os anos de 1941 e 1943. Disponível em <https://www.welt.de/kultur/literarischewelt/article244515254/Etty-Hillesums-Tagebuecher-und-Briefe-ueber-Westerbork.html>

O antagonismo entre o corpo liberto, que se movimenta por onde desejar, e sua limitação ou aprisionamento, também se faz presente nos relatos de Etty Hillesum relatados por Lebeau:

Etty não podia, no entanto, manter-se insensível aos acontecimentos dramáticos daquela Primavera de 1941. Em Fevereiro, na sequência de incidentes no bairro judeu de Amsterdão, os Alemães procedem as primeiras investidas. Tendo sido desencadeada uma geral nesta ocasião, o ocupante ripostou com diversas vagas de represálias: prisões e deportações. Uma nova investida se realizou em 11 de Junho. Amarfanhada por essa rajada de violência, Etty ressentia-se duramente [...]. (Lebeau, 2014, p. 102).

A impossibilidade de frequentarem lugares públicos, por exemplo, restrição de horários para estarem nas ruas e o encarceramento em Westerbork, serão assuntos dos seus relatos no dia 14 de junho de 1941: “Mais prisões outra vez, terror, campos de concentração, o levar indiscriminadamente pais, irmãs, irmãos. Uma pessoa procura o sentido da vida e pergunta-se se ela na realidade ainda tem sentido. Mas este é um assunto que cada um deve decidir consigo e com Deus” (Hillesum, 2009, p. 91).

Ainda sobre o isolamento do povo judeu frente às restrições impostas pelos nazistas, Etty, no dia 12 de junho de 1942, relata em seu diário: “E parece que é agora que os judeus deixam de poder ir aos lugares de hortaliças; e que têm de entregar as bicicletas; e não podem mais andar de eléctrico; e que têm de recolher a partir das oito da noite (Hillesum, 2009, p. 195). No dia seguinte ela anota: “E uma pessoa pode ser enviada a qualquer momento para uma barraca em Drenthe, e nos lugares de hortaliça estão tabuletas penduradas dizendo Proibido a Judeus” (Hillesum, 2009, p. 197). Em correspondência recebida de seu pai, em 25 de junho de 1942, o mesmo assunto surge:

Hoje iniciou-se a era sem bicicletas. Entreguei a bicicleta do Mischa pessoalmente. Em Amsterdão, é o que leio nos jornais, os *judios* ainda podem andar de bicicleta. Que privilégio! Agora escusamos de estar com medo que as nossas bicicletas sejam roubadas. Para os nossos nervos, não há dúvida de que é uma vantagem. Naquele tempo, no deserto, tivemos que passar também quarenta anos sem bicicleta (Hillesum, 2009, p. 209).

Em pouco mais de um ano, os judeus passaram a ser presos e a serem cerceados dos espaços sociais ou mesmo de se alimentar com qualidade. Sobre isso, Etty Hillesum reflete meses antes<sup>38</sup>: “Nós, seres humanos, provocamos condições monstruosas, mas exatamente porque as causamos em breve aprendemos a adaptar-nos a elas” (Hillesum, 1981, p. 103).

<sup>38</sup> Na edição de 1981 dos *Diários* encontramos as páginas 100 a 128, que datam de um “Sábado de manhã, 10h” (1ª anotação), que acreditamos ser o dia 28 de março de 1942, que se encerra com o relato de “24 de abril, Sexta-

E continua sua reflexão sobre as monstruosidades cometidas naquele tempo:

Apenas se nós nos tornarmos incapazes de não mais nos adaptar-nos, apenas se, no profundo de nosso ser, nos rebelarmos contra qualquer espécie de maldade, é que seremos capazes de pôr um paradeiro a ela. Aviões caindo em chamas ainda têm para nós uma estranha fascinação – mesmo esteticamente –, embora saibamos, em nosso mais íntimo, que ali há seres humanos sendo queimados vivos. Enquanto isso acontecer, enquanto tudo dentro de nós não gritar em protesto, enquanto encontrarmos maneiras de nos adaptarmos, os horrores continuarão (Hillesum, 1981, p. 103).<sup>39</sup>

A naturalização do mal ou a “banalização do mal” (Arendt, 1999), que impede algozes de refletirem criticamente sobre as ações realizadas, ou das vítimas agirem em conformidade e obediência, leva à normalização da crueldade por parte dos executores, e conseqüentemente, à desumanização das vítimas.

Sendo assim, qual seria o sentido da vida? Etty assim responde, no dia 14 de junho de 1941: “tenho a sensação de que tudo é casual e que interiormente uma pessoa se deve desligar dos outros e de tudo”. Esquecer a existência frente a “tudo tão ameaçador e sinistro, e depois a grande impotência” (Hillesum, 2009, p. 92). Continua:

Ontem pensei por um instante apenas que não conseguia viver mais, que precisava de ajuda. Tinha perdido o sentido da vida e o sentido do sofrimento, tinha a sensação de ‘*sucumbir*’ sob um enorme peso, mas também aqui resisti a algo, pelo que de repente se me tornou possível continuar, mais forte do que antes. Tentei encarar o ‘Sofrimento’ da Humanidade de perto e tentei explicá-lo honestamente a mim mesma [...]. (Hillesum, 2009, p. 93). [15/06/1941]

Ainda sobre essa questão, Etty Hillesum, em relato de 22 de março de 1942, descreve penosamente: “Já não podemos mais passear no Passeio e qualquer grupinho infeliz de duas ou três árvores foi declarado bosque e tem lá uma tabuleta pregada”. E, continua: “Essas tabuletas surgem cada vez mais, por toda parte. E isso, apesar de ainda haver tanto espaço onde as pessoas podem estar e viver e ser alegres e tocar música e amar-se. [...]” (Hillesum, 2009, p. 179).

A escrita diária para E.H., assim como toda *literatura de testemunho* que se caracterize como tal, traz consigo a necessidade, de quem escreve, de lidar com o infortúnio, com a miséria humana, porque relatar os horrores, e vivê-los ao mesmo tempo, não parece ser uma tarefa fácil. Etty encontra algum refúgio na escrita (assim como nas orações) e no diálogo proporcionado por ela, com Deus. Essa forma de lidar com a desgraça humana, essa conversa com Deus,

---

feira de manhã, 9h30min” (12ª anotação), que não se encontram nas versões de 2007 e 2017. Nas três versões utilizadas nessa pesquisa o retorno das anotações se dá no dia 16 de abril de 1942.

<sup>39</sup> Esta anotação na edição de 1981 datada de “Sábado de manhã, 10h” e que vai da página 100 ao início da 105, não consta da edição de 2009 (base de nossas citações).

aumentam na medida em que os horrores se intensificam e a sua dor parece irrelevante frente à angústia de todos os outros. Nesse momento, os relatos diários de Etty, tornam-se constructo da memória do sofrimento de seu tempo.

Apesar das dores causadas ao corpo e ao espírito pelo cerceamento do ir e vir do povo judeu, das prisões e mortes, ou ainda do sofrimento por ela vivido desde o dia que soube de sua gravidez e da opção pelo “aniquilamento” de um ainda não-ser que provavelmente seria exterminado pela mão de terceiros, talvez em um crematório, Etty Hillesum sabe que é preciso continuar a viver.

A relação que apresentamos de Etty com seu corpo, parte inicialmente de ele estar vivo. Quando lemos em seus relatos que tratam de Spier em lutas corpóreas, e que essas mexem com a sua libido, estamos falando de vida. Quando propomos a discussão sobre corpos disciplinados em meio a regimes opressores e como se tornam ferramentas de poder, pensamos em apresentar tais questões presentes nos relatos de seus diários pelo olhar feminino. Devemos recriminar Etty pela sua liberdade sexual ou pela escolha de não trazer ao mundo uma pessoa já condenada? E mais do que isso, dessas questões serem discutidas em seus diários quando coisas piores ou mais importantes estão acontecendo? Não temos tais pretensões.

Sobre os diários pessoais, estes não são apenas espaços confessionais. A *escrita de si* carrega consigo o ser em sua existência, suas particularidades, suas dores e angústias. Mais do que tudo, antes de se identificarem com a *literatura de testemunho*, são expressões dos sentimentos de quem os escreve.

Sabemos que o indivíduo, na tentativa de construir uma identidade para si, constitui, também, a necessidade de se expressar. Os diários se constituíram como um modo típico da escrita de si, e mesmo quando as mulheres não tinham o direito de reconhecimento da sua escrita, o diário serviu como um instrumento para a construção deste ser, sendo esta uma maneira de se conhecer e de se fazer conhecer (Almeida, 2021, p. 129).

Vale destacar, antes de uma *literatura de testemunho* histórica e social, que os relatos de Etty, tratam das suas dores enquanto jovem mulher que quer sim viver! É como se abrissemos o diário de uma filha ou sobrinha ainda no ensino médio descrevendo seu primeiro beijo. Até a história ser memorializada, o que temos são os anseios, os pensamentos e os sonhos de uma mulher em meio a uma guerra que a priva de “ser”.

Temos o retrato de uma identidade sendo construída através da escrita onde, para Etty, “escrever seria uma oportunidade de contar um lado da história, ou seja, eternizar no papel a sua escrita para o futuro” (Almeida, 2021, p. 134). A autora assim complementa: “Vemos,

assim, que Etty, ao escrever o seu diário, desnudava suas dores, as suas dificuldades, e suas alegrias, legando à humanidade a oportunidade de explorar, por meio das vivências dela, uma memória importante da sua história” (Almeida 2021, p. 137).

A partir dessa nossa busca inicial para entender Etty e o corpo que adoece e se transmuta com o sofrimento, no próximo tópico, traremos à discussão, algumas inserções em seus diários que tratam da condição da mulher em tempos de horror.

### 3.3 O feminino-feminismo em Hillesum

Não custa relembrar. Etty Hillesum morreu aos 29 anos de idade. Jovem, com uma vida toda pela frente, foi uma mulher que se preocupou com a condição feminina e discutia abertamente sobre sua sexualidade. Das discussões mais banais até as mais sérias, em certos momentos de seus relatos, ficam claras a preocupação sobre a existência da mulher e como esta era vista pela sociedade. Algumas argumentações são breves e muitas vezes infantis, mas com o passar do tempo, os relatos vão se apropriando de uma profundidade imensa.

O buscar por uma resposta a esse binômio *feminino-feminismo*, nossa pesquisa partirá da constatação de que há uma invisibilidade dessa discussão, particularmente quando se tem como local e tempo, momentos tão singulares quanto os que envolvem uma guerra ou situações de privação de liberdade. Mas eles não deixam de ocorrer e de fazer parte do imaginário, dos anseios de mulheres cerceadas de sua feminilidade, como podemos notar em algumas anotações de Etty, como a que segue:

Não é de forma alguma simples, o papel da mulher. Às vezes, quando passo por uma mulher na rua, uma mulher bonita, bem vestida, completamente feminina, quicá ignorante, perco completamente a minha pose. [...] então eu também desejo ser feminina e tapada, um agradável joguete para o homem. (Hillesum, 1981, p. 45). [04/08/1941]

Em algumas poucas palavras, Etty Hillesum coloca a beleza ao lado da ignorância. Contesta a feminilidade como algo que não pode caminhar ao lado de tantas coisas importantes que estavam acontecendo. Ela julga a beleza como algo tolo, característica de alguém que não tem inteligência, é “feminina e tapada”. Mas Etty também quer ser “desejada por um homem”, assim aceita o papel da mulher e seu “instinto primitivo” (Hillesum, 1981, p. 45). Em sua escrita, principalmente nos primeiros relatos, uma ideia de algo, um pensamento, traz consigo uma dúvida e à tona uma nova mulher que se apresenta, deseja ser bela e ter ao seu lado um

homem. Assim como muitas mulheres, ela vai afirmar, em seu diário, que deseja uma vida ao lado de um. Mas não de qualquer um.

Intencionamos buscar nas anotações feitas por Etty, a possibilidade de abriremos frente para uma discussão tão cara para as mulheres, independente do tempo em que se viva: o ser mulher e toda a gama de questões que envolvem sua existência/resistência. Uma dessas questões é sua invisibilidade enquanto ser social: “[...] Women, long assigned the ‘banal’ of social experience, have typically, played less part than men in the construction of the public, political world” (Evans, 2001, p. 328-329)<sup>40</sup>. Ser mulher é antagonizar com sua existência social e política, assim como com um possível papel na construção dessas e de outras relações adjacentes à existência humana. Nossa autora vai apontar a necessidade da emancipação feminina frente a uma sociedade que as vê como “fêmeas”, e não como indivíduos.

Aqui, partiremos do entendimento de que não deixamos de ser mulher com particularidades e necessidades, mesmo à beira da morte. Casamento, sexo, filhos, beleza, sedução, companheirismo, amizade, amor ao próximo. Essas e outras questões estão presentes em nossas vidas e podem ser encontrados em seus diários.

A imagem abaixo encontrada no artigo intitulado *Auschwitz: as estratégias das mulheres judias diante do horror nazista* (2023)<sup>41</sup>, representa muito bem o que é o aniquilamento e a ausência do feminino, e da feminilidade diante da guerra. Se quisermos falar da existência do *feminino-feminismo*, precisamos apontar sua ausência ou supressão.

---

<sup>40</sup> “As mulheres, por muito tempo consideradas ‘banais’ na experiência social, geralmente desempenham um papel menor que os homens na construção do mundo público e político”. Tradução livre da autora.

<sup>41</sup> O texto original publicado no ano de 2020 com o título *Auschwitz: Women used different survival and sabotage strategies than men at Nazi death camp* de Judy Baumel-Schwartz pode ser acessado em <https://theconversation.com/auschwitz-women-used-different-survival-and-sabotage-strategies-than-men-at-nazi-death-camp-132296> Acesso em 22 mai. 2024.

**Imagem 6** - Mulheres judias em Auschwitz, por volta de 1940.



**Fonte:** S. Holocaust Memorial Museum<sup>42</sup>

O artigo que diagnostica as formas como as mulheres condenadas lidavam com questões como a fome e a morte iminente na câmara de gás, é o resultado de uma pesquisa sobre gênero e Holocausto. A pesquisa destaca como as judias presas em Auschwitz, encarregadas da separação dos bens dos prisioneiros para que pudessem ser reutilizadas por alemães, tinham táticas exclusivas e diferentes das dos homens para demonstrar, não somente, o descontentamento com aquele trabalho, mas com a condição em que viviam e com a separação de seus filhos.

Vários estudos históricos mencionam os sacrifícios maternos durante o Holocausto, como as mulheres que optaram por acompanhar os filhos até a morte para que não ficassem sozinhas nos seus últimos momentos na Terra. Algumas mães, no entanto, agiram de outra forma, conforme documentado pelo sobrevivente polonês não judeu de Auschwitz Tadeusz Borowsky, em seu livro *This Way to the Gas Ladies and Gentlemen*. Durante as ‘seleções’ em Auschwitz – quando os prisioneiros eram enviados para viver ou morrer –, os prisioneiros que chegavam eram geralmente divididos por sexo, com idosos, mães e filhos pequenos separados dos homens e meninos mais velhos. As mães com filhos pequenos, junto com os idosos, foram automaticamente enviadas à morte. Borowsky escreve sobre uma série de jovens mães que se esconderam de seus filhos durante a seleção, na tentativa de ganhar alguns dias a mais ou possíveis horas de vida (Planeta, 2023, n.p.).

A imagem cruel de dezenas de mulheres enfileiradas que trazem em suas almas o sofrimento, este refletido em seus olhares, sem nenhum traço de beleza com suas cabeças

<sup>42</sup> Essa e outras imagens podem ser acessadas em <https://www.ushmm.org/pt-BR>

raspadas e expressões que se espelham umas nas outras, nos chama à atenção. Presos em Westerbork, como relata Etty, “nem sequer têm autorização para vestir os seus próprios pijamas, não podem ter nada que lhes pertença”, pois a “intenção é torna-los selvagens a fim de lhes induzir um complexo de inferioridade” (Hillesum, 2009, p. 169).

Certas discussões sobre o feminino e o feminismo, partem do entendimento de que nós mulheres fomos e somos criadas para sermos algo para a sociedade, para estarmos sempre belas – “os cabelos, por exemplo, condensam sua sedução (Perrot, 2019, p. 50) -, constituirmos uma família e termos filhos.

No livro *Minha história das mulheres* (2019, p. 51), a historiadora francesa Michelle Perrot opta por falar do corpo da mulher através de seus cabelos, pois “os cabelos, a pilosidade, fazem parte da pessoa” e estes são a expressão de sensualidade e sedução. Perrot nos faz entender essa química que existe entre o ser mulher e seus cabelos, ao afirmar que o cabelo é parte da identidade da pessoa.

Os deportados passam pela humilhação do crânio raspado, da cabeleira cortada. [...] Os cabelos dos deportados constituem os mais terríveis restos dos campos de concentração, por serem os últimos vestígios, quase vivos, da pessoa. Sofrimento para todos, a perda dos cabelos é particularmente sensível para as mulheres por serem o sinal mais visível da feminilidade. [...] (Perrot, 2019, p. 52).

Quando fixamos nosso olhar na imagem anterior, o que vemos é a posse do corpo do outro e seu anonimato, pois “a disciplina carcerária passa pela disciplina do corpo, pela ordenação das aparências, dentre as quais a cabeleira constitui a parte mais sensível” (Perrot, 2019, p. 52).

Se ao longo dos séculos os cabelos identificam a feminilidade, por outro, trazem consigo o desrespeito, a tentação e o pecado. No Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos lê-se: “Ó Profeta, dissei às tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos fiéis que se cubram com as suas mantas; isso é mais conveniente, para que distingam das demais e não sejam molestadas...” (Sagrado Alcorão, 33:58-59). Da mesma forma, na epístola aos Coríntios “toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça; pois é como se a tivesse rapada”. E, continua: “Se a mulher não cobre a cabeça, deve também cortar o cabelo; se, porém, é vergonhoso para a mulher ter o cabelo cortado ou rapado, ela deve cobrir a cabeça” (Bíblia Sagrada, 11:5-6).

Cabelos presos ou escondidos carregam ao longo dos tempos a submissão da mulher ao homem. Nos campos de concentração, seu corte junto ao coro cabeludo, submete-a à opressão



de um regime. Ora, sabemos pelo que nos conta a História, que esse regime é planejado, consolidado e executado por homens.

Ainda sobre essa questão, os cortes curtos femininos surgiram primeiramente entre as estudantes russas entre os anos de 1870-1880 e representavam uma “liberação política, uma liberação dos costumes, afirmação de um safismo andrógino ou de uma extrema feminilidade” (Perrot, 2019, p. 59). Porém, “a tosquia dos cabelos é, de longa data, um sinal de ignomínia, imposto aos vencidos, aos prisioneiros, aos escravos” (Perrot, 2019, p. 61).

Lembremos de Michael Foucault e da historicização sobre o “corpo dos condenados” em seu livro *Vigiar e Punir* (1999), complementando nosso raciocínio.

[...] a prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a servidão de forçados, a interdição de domicílio, a deportação [...] são penas ‘físicas’ [...]. Mas a relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplicios. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem (Foucault, 1999, p. 30).

O corpo condenado e aprisionado pelo nazismo, vai além do ato punitivo do qual trata o filósofo. A privação de liberdade de centenas de milhares de pessoas em campos de extermínio, soma-se a “certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física” (Foucault, 1999, p. 37), e porque não dizer, sua coisificação, onde os corpos e as almas aprisionados reduziam-se à propriedade do regime nazista. Os homens e mulheres não eram identificados por seus nomes, mas por números, eram marcados como animais, enterrados em valas comuns, igualados em seus trajes listrados e cabeças raspadas, eram despidos de suas identidades.

Para a mulher, a beleza e a sensualidade atuam como armas, e sempre foram construídas no imaginário da sociedade como uma grande força. E para muitas, se isso lhes é retirado, deixa-se de ser mulher. É isso que nos mostra a imagem: a coisificação da mulher e anulamento de sua força (Figura 6, p. 93).

Foucault (1999, p. 47-48) analisa como a punição específica aos corpos condenados nada mais são que “processos de poder” e “táticas políticas”. Essa “microfísica do poder” trata-se sempre, para o filósofo, “do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão” (Foucault, 1999, p. 50). Mais uma vez, é o que nos apresenta a imagem.

Ele nos diz que são pequenas e muitas vezes aparentemente inofensivas as práticas e mecanismos de expressão do poder de uns sobre outros. E cita como locais do desenvolvimento

dessas ações, as escolas, as prisões, os hospitais e até mesmo o seio familiar. O desenvolvimento de táticas disciplinares que vigiam, regulamentam, punem e assim controlam as pessoas, são, segundo ele, fundamentais para o controle e a ordem social (Cf. Foucault, 1999).

*Vigiar e Punir* nos apresenta as similaridades entre as disciplinas dos corpos nas escolas, nos hospitais e no exército. Enxergamos tais similitudes no ideário nazista através do suplício dos corpos nos campos de concentração. Ao lermos esta obra em específico, percebemos que das punições severas impostas pelos soberanos franceses entre os séculos XVI e XVII, são resultados da necessária vingança de um homem (o príncipe) para manter seu poder. “Bem antes de ser concebido como objeto de ciência, pensa-se no criminoso como elemento de instrução” (Foucault, 2014, p. 110), a crueldade tinha aqui o papel de punir, e a exposição do contraventor em rodas, forcas e fogueiras, demonstrar o poder sobre aqueles que eram seus súditos. A punição deve ser “educativa”.

A Europa do final do século XVIII e início do XIX extingue os suplícios, a crueldade, e busca punir o culpado conforme seu crime. “Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal”, e conseqüentemente sua espetacularização (Foucault, 2014, p. 13). “A marca de ferro quente foi abolida na Inglaterra (1834) e na França (1832)” e o “castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos” (Foucault, 2014, p. 16).

O objetivo deste livro: uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade. [...]

O presente estudo obedece a quatro regras gerais (e uma nos chama atenção): [...]

2) Analisar os métodos punitivos não como simples consequência de regras do direito [...]; mas como técnicas [...] dos outros processos de poder. Adotar em relação aos castigos a perspectiva da tática política. (Foucault, 2014, p. 26-27, grifos nossos).

Michel Foucault nos permite interpretar sua historicização da violência imposta aos corpos, ao observarmos a transição da violência física para a da privação dos corpos e dos direitos. Privação que se inicia com o surgimento de leis impostas para primeiro proibir o direito de ir e vir, depois para encarcerar os corpos e por fim, para a retomada das punições (marcar o corpo, cortar o cabelo, passar fome, confinamento entre outros). Etty Hillesum descreve bem esses momentos em seus relatos, que tornam as punições uma estratégia de manutenção do poder pela violência e medo.

O século XX e o nazismo restabelecem a arte de punir, e junto uma nova ordem política de corpos dóceis que vislumbra, através da invisibilidade de judeus e outros inimigos do regime, uma nova ordem política que busca se estabelecer pelo aniquilamento de vidas e por um “sistema de sujeição” onde “o corpo está diretamente mergulhado num campo político” que “o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais (Foucault, 2014, p. 29).

O corpo submisso e o sujeito submetido a uma “tecnologia política do corpo”, reforçam o poder de quem o submete. De agora em diante, aprisiona-se também a alma por meio das privações. Busca-se a correção, e “o corpo e a alma, como princípios dos comportamentos, formam o elemento que agora é proposto à intervenção punitiva. Mais que sobre uma arte de representações, ela deve repousar sobre uma manipulação refletida do indivíduo” (Foucault, 2014, p. 127).

Retomamos a imagem daquelas mulheres enfileiradas e abrimos a discussão sobre o feminino como categoria formativa do ser e estar da mulher, mas agora, a partir da temática da violência e tendo como interlocutor o pensamento foucaultiano anteriormente debatido. Partindo do seu entendimento sobre castigo-corpo, tosquiar os cabelos dos prisioneiros de guerra e mais especificamente das mulheres judias nos campos de concentração, e que faz parte inicialmente de uma imposição sanitária (piolhos infestavam os campos), impõe-se como ato punitivo e também de demonstração de poder. Indo mais além, raspar as cabeças, é um ato político que vai marcar a existência daquelas mulheres pela humilhação.

A tática política da tortura, da invisibilização do feminino, acaba por resultar na desonra daquela mulher. O ato de tosquiar os cabelos nos campos de concentração, degrada e destrói a feminilidade enquanto dessexualiza seu corpo, invisibilizando o feminino em sua existência (Perrot, 2019).

Depois de pensarmos um pouco sobre o corpo aprisionado a partir das reflexões foucaultianas, teceremos nossa reflexão, agora, sobre o corpo feminino, retomando, portanto, a discussão-chave (*feminino-feminismo*) desta parte do nosso texto. Foucault explora essa questão a partir da disciplinarização do corpo feminino e sua cordialidade ativa frente a uma sociedade patriarcal. Sociedade essa que legitima-se em discurso, que coloca a mulher como ser inferior física, intelectual e moralmente ao homem.

Nosso próximo passo é dialogar com Judith Butler, que assim como Michel Foucault, faz um diálogo crítico às estruturas que naturalizam a opressão de gênero. Foucault considera o corpo um verdadeiro campo de batalha, onde as relações de poder se dão pela sujeição dos

mais fracos frente aos mais fortes. Vejamos qual o entendimento de Judith Butler sobre tais questões, como ela reflete sobre nosso binômio (*feminino-feminismo*), e como podemos traçar paralelos entre Butler e Hillesum, mesmo tendo a distância temporal como desafio.

Butler (2006) vai entender que o feminino pode ser visto como uma estratégia que encenada repetidamente dentro das normas culturais e sociais, se postula como um papel, o da mulher na sociedade. Ou seja, é como se algo repetido à exaustão criasse a ilusão de uma identidade fixa, a do ser feminino. Podemos verificar, no relato feito no dia 04 de agosto de 1941, quando Etty vai a primeira vez apontar sua escrita para essa discussão do ser mulher como condição determinada pela sociedade patriarcal:

Eu sou uma mulherzinha de 27 anos e também carrego intensamente comigo o amor da humanidade, mas ainda assim pergunto-me se não irei andar sempre à procura de um determinado homem. E pergunto-me até que ponto isso será uma restrição, um limite à mulher. Até onde isso é uma tradição secular, da qual ela se deveria libertar ou talvez esteja tão arraigada ao ser da mulher que ela própria se desse o seu amor a toda a humanidade em vez de o dar a um só homem [...]. (Hillesum, 2009, p. 97, grifos nossos). [04/08/1941]

Na primeira parte do relato acima, feito por Etty, vemos a inquietação com as convenções sociais e o papel do casamento imposto à mulher na sociedade. A isso Butler (2006) vai chamar de “performatividade”, não sendo esta nada mais do que a performatividade do gênero repetida reiteradamente, e que resultará na construção do feminino.

Mas, logo na sequência, a própria Etty duvida da tese cultural que submete a mulher ao julgo social de amar uma única pessoa, e questiona-se sobre o libertar feminino, certa de que a independência só faria bem às mulheres: “Talvez seja por esse motivo que há tão poucas mulheres nas ciências e nas artes, porque a mulher está sempre à procura do tal homem ao qual pode transmitir todo seu conhecimento e calor e amor e poder criador” (Hillesum, 2009, p. 97).

Esse discurso sociocultural que reforça o local de cada gênero na sociedade, se questionado, segundo Butler (2006), se torna contraponto, desestabilização e resistência, na busca pela resignificação do ser feminino.

Ainda sobre o mesmo relato, Etty complementa discorrendo sobre o papel da mulher na sociedade – “Ela procura o homem e não a humanidade” (Hillesum, 2009, p. 97) – como tema que permeia um momento específico de seus relatos, quando ainda há motivos para sonhar, antes de Westerbork. E que, posteriormente, vai inserir em sua narrativa uma nova discussão, a “do percurso que leva ao encontro do humano com o divino” (Pereira; Nogueira, 2021, p. 37).

O “ato íntimo com Deus passou a ser denominado de saber místico” (Pereira; Nogueira, 2021, p. 48), e a literatura deu voz a esses relatos pessoais, de relações com o divino, bem como

de reflexões especulativas, poéticas e filosóficas, se optarmos por discutir a existência da alma e do ser, das belezas e das mazelas do mundo, ou do bem e do mal. Etty Hillesum conversa com Ele intimamente por boa parte de seus diários: “a vida vale tanto a pensa ser vivida. Deus, meu Deus, afinal sempre andas um bocadinho perto de mim” (Hillesum, 2009, p. 123).

Hillesum briga consigo mesma e com seus pensamentos fúteis, que entram em choque com questões mais sérias. Ser bela e desejada por um homem ou amar a todos como se não houvesse esperança de uma vida futura? Sobre as futilidades da condição feminina em embate com a própria existência da mulher, Etty continua:

Coisa curiosa, querer ser-se sempre desejada por um homem, ser isso para nós o mais alto padrão de afirmação de que somos mulheres, embora isso seja, vendo bem, muito primitivo. Sentimentos de amizade, respeito pela nossa personalidade, amor por nós enquanto seres, tudo isso é muito bonito, mas em última instância não queremos que o homem nos deseje como mulher? (Hillesum, 2009, p. 98). [04/08/1941]

Esse parágrafo é encerrado por Etty Hillesum, afirmando o quanto a discussão lhe é cara: “É ainda quase impossível para mim escrever tudo aquilo que aqui quero dizer, é extremamente complicado, mas é algo de essencial e é importante que eu consiga” (Hillesum, 2009, p. 98). A existência social da mulher é uma discussão importante para nossa autora, e traz um caráter único do feminismo em seu discurso.

Talvez a genuína, interior emancipação feminina ainda tenha de começar. Ainda somos verdadeiramente indivíduos, somos fêmeas. Continuamos atadas e agrilhoadas por tradições seculares, ainda precisamos de nascer como indivíduos eis aqui uma tarefa importante para a mulher (Hillesum, 2009, p. 98).

Para Etty, as mulheres precisam nascer como indivíduos, como seres que se reconhecem como essenciais na vida social, e que tomam decisões por escolha própria, assim se libertando de qualquer imposição feita pelo mundo patriarcal. A complexidade do ser mulher frente às adversidades interiores, também se destacam nos relatos diários.

Em 20 de outubro de 1941, Etty encerra a anotação do dia com as seguintes ponderações: “[...] Faz o que tua mão e teu espírito acham que deves fazer, mergulha na hora que passa e não te ponhas a remexer as próximas horas com o teu pensamento, os teus medos e as tuas preocupações” (Hillesum, 2009, p. 128). Foi um dia de muitas reflexões sobre lutar contra a fome, disciplinar as leituras, os estudos, e buscar por um lugar dentro de si que acolha sua necessidade de silêncio.

No dia seguinte, uma terça-feira, as divagações retornam e mais uma vez a condição feminina aparece:

É um processo lento e doloroso, o despertar para a verdadeira autonomia interior. O saber, com certeza, que junto aos outros não há nunca ajuda, nem apoio, nem refúgio para ti. Que os outros são igualmente incertos, fracos e impotentes como tu. Que terás sempre de ser mais forte. Não creio que faça parte do teu carácter achar isso numa outra pessoa. És constantemente remetida a ti mesma. É assim e mais nada. O resto é ficção. Mas ter de reconhecer isto de cada vez! Sobretudo enquanto **mulher**. Há sempre o impulso de te perderes num outro, no chamado outro (Hillesum, 2009, p. 128, grifo nosso). [21/10/1941]

Para Butler (2006), o feminismo parte da necessidade de desconstrução do gênero como algo natural e estático, sendo, na verdade, uma construção social e performativa que se daria a partir de repetições. Soma-se a isso a necessidade de questionar as características intrínsecas que definem o ser mulher, como forma de resistência, mas também de reformulação das identidades e experiências, para que a opressão que já ocorre com questões que envolvem raça, classe, orientação sexual, religião (pensando nos judeus) não se estenda às relações de gênero.

Ela vai retomar a discussão sobre a mulher, agora, a partir de seu papel biológico, o de ser mãe.

Interessante esta relação entre certas disposições e a menstruação. Ontem à noite, uma disposição 'exacerbada' sem dúvida. E a noite passada, de súbito, como se toda circulação sanguínea mudasse. [...] Não sabes o que se passa e então de repente lá reconheces: 'Mas eu não quero ter filhos, porque continuam então estas sessões mensais inúteis que só causam aborrecimento?' E, num momento irrefletido e comodista, pensei se o útero não podia ser retirado [...]. (Hillesum, 2009, p. 137). [23/11/1941]

Já tratamos aqui da questão do aborto realizado por Etty. Nada nos surpreenderia após isso. Mas a insegurança e volatilidade de seus relatos, que dizem sobre algo e, em seguida, o desdizem, também podem ser verificadas na sequência de seu pensamento: “Porém, uma pessoa tem que aceitar que foi assim criada e não pode dizer que isso traz incômodos (Hillesum, 2009, p. 137-138).

Que tipo de mulher encontramos em seus relatos? Uma mulher ora feminina que se preocupa com a aparência, com o que os outros vão pensar, ora uma mulher que busca quebrar esses paradigmas sociais e atribuir à mulher um outro espaço na sociedade: de mulheres paridas e criadas para procriar, a mulheres cientistas, estudiosas e por que não, escritoras.

Parece-nos que ambas são uma. Se somam. Como toda jovem, quer se libertar dos pais, do que a sociedade impõe, dos afazeres domésticos e da obrigação imposta pelo patriarcado de ter filhos. Quer poder ler o que lhe chegar em mãos, estudar, morar e sair sozinha, passar despercebida sem que, sua identidade sexual seja causa de constrangimento ou de violência.

Ter conhecido Julius Spier lhe deu a possibilidade de desejar ser mais do que lhe impunham, algo que se deu a partir da compreensão de si, dos outros e da vida através da escrita. Com certeza se estivesse viva hoje, ficaria surpresa com o interesse que muitos vem tendo com seus escritos póstumos. Aquela que não queria ser cronista dos horrores, hoje, é mais que uma escritora, mística ou pensadora de seu tempo. É referencial de reflexões literárias, teológicas, filosóficas e educativas entre acadêmicos.

Retomando Maria Clara Bingemer e seu texto *Três mulheres judias diante do holocausto* (2004), onde as três místicas em questão são “mulheres que, sendo plenamente seres humanos na condição feminina, são pensadoras; três mulheres que refletem sobre o vivido e o expressam inclusive na palavra escrita” que “pode trazer uma iluminação nova para a questão do gênero [...]” (Bingemer, 2004, p. 216-217), posicionamos esta pesquisa, neste momento, na apresentação de uma nova, diríamos, categoria de análise. Aquela que, a partir do sofrimento, reconstrói seu estado de pertença no mundo, tendo a *escrita de si* de autoria feminina como ferramenta. A *literatura de testemunho* dos diários de Etty Hillesum, com seus assuntos, desejos, dores e dissabores expressos, é uma literatura do feminino e do feminismo? Sim!

Nos questionamos sobre essa nova categoria de mulher, assim como Margareth Rago o fez no texto *Epistemologia feminista, gênero e história* (1998, p. 1): “existiria uma maneira feminina de fazer/escrever história, radicalmente diferente da masculina? E, ainda, existiria uma memória especificamente feminina?”. Essa memória feminina que se faz história, existe e resiste nos relatos diários de Etty. Essa mulher que decide ir ao encontro da morte ou de não fazer de seu corpo morada para um ser que não merece viver no horror, é a mesma mulher que escreve sobre a beleza da vida e o amor ao próximo – “E foi lá, entre as barracas, repletas de gente agitada e perseguida, que achei a confirmação para o meu amor por esta vida” (Hillesum, 2009, p. 297). Mesmo que esse seja um soldado alemão, que por obrigação, carrega vagões com seres humanos para a morte e que têm sua alma transformada em dias de transporte rumo a Auschwitz<sup>43</sup>. Tais pensamentos tão antagônicos vão moldando uma mulher mais madura, que deixará através dos seus pensamentos, esperança de dias melhores para as próximas gerações.

Quando Etty toma a decisão, próximo a sua ida ao campo de Auschwitz, de entregar seus escritos para que sejam futuramente publicados, ela lega à posteridade, não exclusivamente

---

<sup>43</sup> Em uma de suas cartas enviadas de Westerbork para os amigos Jopie e Klass, ela escreve com benevolência sobre um soldado: “Um jovem e triste oficial de polícia holandês disse-me numa noite de ‘transporte’: ‘Perco até três quilos numa noite como esta, e tudo que *eu* tenho que fazer é escutar, olhar e manter minha boca fechada’ (Hillesum, 1981, p. 230).

o relato de dias de dores e mortes a centenas de milhares de pessoas, mas a possibilidade de lermos a ela e a seu tempo por uma nova ótica: a das mulheres.

Mesmo que inconsciente, nos parece que Hillesum foi uma mulher que, nas entrelinhas dos seus relatos, quis quebrar com o ciclo vicioso da relação de poder homem-mulher socialmente introjetada pelo discurso masculino de dominação. Vemos isso em seus escritos, quando ela distancia-se das convenções sociais esperadas para uma mulher, judia ou não, ao ir morar longe dos pais, e ao descrever sua intimidade com um homem bem mais velho, de quem engravida. Ou quando ela nos conta com naturalidade sobre manter dois relacionamentos ao mesmo tempo, sem falar no aborto em si.

Margareth Rago (1998) no texto supracitado, analisa o trabalho da historiadora francesa Michelle Perrot, anteriormente referenciada, sobre a história das mulheres e em particular da necessidade, apresentada por ela, de uma produção acadêmica que desse conta das relações sociais das próprias mulheres. Rago interpreta Perrot e seus questionamentos sobre fazer/escrever história e a presença de uma memória feminina da seguinte forma: “Perrot destacava as diferenças de registro da memória feminina, mais atenta aos detalhes do que a masculina, mais voltada para as pequenas manifestações do dia-a-dia, geralmente pouco notadas pelo homem” (Rago, 1998, p. 2).

Tentando afastar a “sexualização da experiência humana no discurso” (Rago, 1998, p. 2), e aqui esclarecemos que não pretendemos discutir sobre uma memória masculina da história ou sobre especificamente este debate homem versus mulher, é que Rago vai propor uma “epistemologia feminista” que não parta dos sujeitos, mas sim, das “determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas”. O ser mulher seria uma construção de suas relações com a sociedade.

E é neste ponto que retomamos Maria Clara Bingemer (2004, p. 216) e sua leitura sobre o espaço conquistado pelas mulheres no século XX, e as consequências de elas não estarem mais restritas à vida privada. O seu “feminismo da diferença”, conclama a definição de uma outra mulher, liberta e consciente desta liberdade, mas que enxerga e reconhece a (des)humanidade também presente no outro.

Rosiska Darci de Oliveira em seu livro *Elogio da diferença: o feminino emergente* (2012), de onde Maria Clara Bingemer busca inspiração para seu pensamento, afirma que uma nova mulher, diferente, feminina, feminista, ou apenas mulher, deve surgir sim a partir da existência do Outro, mas não buscar ser o Outro.



Viver como os homens, desfrutando do mundo e da rua, recusando as condições que enclausuraram as mulheres e limitaram sua existência ao universo da casa, apresentava-se como o projeto de florescimento, de desenvolvimento de capacidades novas, como a tentadora aventura do amanhã. (Oliveira, 2012, p. 133)

O que isso significa? A mulher não deve querer afirmar sua existência enquanto ser exercendo os mesmos papéis do Outro, como se fosse ele. A sua afirmação enquanto ser se dará nas particularidades de sua existência, seja no público ou no privado. E a literatura será um espaço em que a mulher dará o próprio significado a si mesma.

A travessia dos textos em que o masculino determina os limites do feminino recusado como Outro – e o confirma como alteração negativa do Mesmo – é necessária para que ‘um sexo que não é’, que ainda não foi, tente ser, quebrando o silêncio imposto pela exclusão do discurso (Oliveira, 2012, p. 142)

Se a existência feminina é condicionada ao Outro, e a sua voz é silenciada, na literatura ela encontrará espaço para manifestar seu ser e lutar por sua existência, pois “uma história científica que constrói a mulher a partir do homem e em função dele” vai buscar na literatura, “revelar uma outra mulher, não submissa à lógica do masculino” (Oliveira, 2012, p. 141). Essa reinvenção da mulher surge inicialmente nos anos de 1970, em Paris, como nos conta a autora:

[...] Mas o fato é que a Paris dos anos 1970 vivia nessa temperatura aquecida e, por isso mesmo, o livro abriu um tempo de produção acelerada em que as mulheres acreditaram que a **literatura de testemunho**, mais autobiográfica que ficcional, conseguiria dizer a mulher, declinar o feminino em sua riqueza não explorada (Oliveira, 2012, p. 143, grifo nosso)

O livro de Rosiska Darci de Oliveira cai aqui como uma luva para nossas (novas) reflexões. Lembremos que em momentos anteriores deste texto, ao apresentarmos a obra de Anna Caballé (2019), trouxemos seus apontamentos sobre a *escrita de si* feminina como algo restrito aos domínios do privado. Dos diários guardados aos livros publicados sobre costura, receitas ou como cuidar de uma casa e dos filhos apresentados pela historicização da literatura feminina, apresentada por Caballé, chegamos ao século XX, onde as mulheres europeias buscavam uma identificação do ser em si na *literatura de testemunho*. Àquela que ao longos dos anos vem sendo colocada como literatura menor, nos anos de 1970, na França, vai ser símbolo de uma escrita feminista.

Tal movimento feminista, que vai se desenvolver ao longo do século XX, busca se afastar do homem, mas mais do que isso, busca divergir dele. Este “feminismo da diferença” advoga em causa própria pelo direito de terem as mulheres, seus próprios direitos. A escrita literária, foi esta arma que transpôs a literatura feminina do corte e costura – “Quanto à existência de

uma escrita feminista, ela nasce de autoras que, acompanhando o espírito do tempo, buscam imprimir voluntariamente em seus textos impressões que elas gostariam indelévels ao Feminino” (Oliveira, 2012, p. 147) - para a literatura feminista, onde as mulheres se colocam no texto e falam do que as incomodam.

[...], é um mesmo movimento que a identidade feminina se procura e procura se escrever. É no depoimento sobre a perplexidade, sobre a incerteza, sobre o escondido, sobre o oculto, sobre a sensibilidade do inédito, que o feminino cederá seus territórios para que neles floresça uma literatura” (Oliveira, 2012, p. 148)

O *feminino-femismo* em Etty Hillesum, apresenta-se para os leitores e leitoras, num percurso que, primeiramente, paira a ingenuidade da mulher e de sua escrita, e vai de encontro com as causas mais humanísticas que um ser humano poderia considerar tomar como suas. A mulherzinha dos relatos apaixonados sobre Spier e suas batalhas físicas com conotação explicitamente sexuais, transcende-se no “coração pensante de todos os barracões” (Hillesum, 2009, p. 323) quando coloca suas ações em favor dos mais oprimidos.

Fechamos este capítulo refletindo sobre quem foi Ester “Etty” Hillesum. Enquanto mulher, viveu as experiências sexuais e amorosas que desejou, a ponto de se sentir completa mesmo aos vinte e poucos anos de idade. Foi uma mulher profundamente sensível e aberta em relação à sua sexualidade, mas também, e talvez mais importante, aos relacionamentos humanos. Não seguiu as regras impostas pela sociedade e em sua escrita, encontramos relatos que exploram a vida, a liberdade, o amor e a espiritualidade.

Porém, amou apenas um homem, Julius Spier, aquele que acalmou seu coração e ensinou-a a pronunciar o nome de Deus sem medo. Como “assistente social” que se voluntaria para trabalhar no campo de transição, cuidou do físico e do espiritual daqueles com quem conviveu, sendo lembrada como uma “personalidade luminosa” entre os barracões frios e superlotados de Westerbork. Acalentou e salvou a alma de muitos desacreditados.

Sobre a mulher que foi, podemos dizer que, como toda jovem, implicou com os pais, mas se redimiou ao encontrá-los no campo de transição, contestou o que acreditava estar errado se posicionando, mas mais do que tudo, como ser humano buscou despertar a bondade adormecida nos corações daqueles desacreditados/descrentes. Fossem vítimas ou algozes, o amor (Deus) era a única salvação para ela. E como nos aponta Maria Simone Marinho Nogueira em *Por um Deus que seja poeta: escrita e oração em Etty Hillesum* (2021, p. 27), essa busca pela humanidade perdida deu-se em três vertentes: pela “ação da escrita, a ação de rezar e a ação de viver”.

Sobre sua escrita, Nogueira (2021) nos diz que sua evolução se dá concomitantemente com o desenvolvimento de sua espiritualidade. Esta se deu a partir da dor com a morte de Julius Spier, e de sua ida definitiva ao campo de Westerbork. Para a estudiosa, Hillesum busca na disciplina da escrita diária, relatar questões essenciais à vida, além de seu autoconhecimento, já que sobre as banalidades do cotidiano outras pessoas poderiam se ocupar de relatar. E completa destacando o importante papel de Etty como uma escritora em formação: “Etty tem consciência do seu dever de cronista, mas não quer escrever sobre o horror ou o sofrimento em todos os seus detalhes. Por isso assevera: ‘não quero me tornar a cronista dos horrores. Haverá suficientes’” (Nogueira, 2025, p. 171).

A escritora em formação é a mesma que desenvolveu suas reflexões existenciais, tendo a união com o sagrado e seu encontro com Deus proporcionado pelo ato cada vez mais constante de ajoelhar-se (ação de rezar). Etty Hillesum, mulher judia não praticante, que tem no Deus cristão sua referência espiritual para minimizar seu sofrimento e o dos seus, desenvolve uma fé inabalável, crendo na bondade como transformadora. Essa transformação é a bondade muitas vezes oculta, mitigada nos corações espedaçados de milhões de pessoas que aprisionam suas esperanças, assim como aprisionaram seus corpos.

Ajoelho-me **outra vez** no tapete de coco áspero, tapando a cara com as mãos e peço: ‘Ó Deus, deixa-me ser assimilada por um grande sentimento uno. Permite-me que eu faça as milhentas pequenas coisas quotidianas com amor, mas faz com que cada pequeno acto nasça de um grande sentimento central de disponibilidade e amor’. E nesse caso sinceramente não importa o que se faz e o que se é. [...] (Hillesum, 2009, p. 149) [03/12/1941].

Ao defender Deus frente àqueles que o desacreditavam, reforçava a importância de se estar vivo e da beleza da vida, como muitas vezes escreveu em seus diários. Assim como aponta Rosiska Darci de Oliveira (2012), as subjetividades e as particularidades, e o universo do feminino, tomam seu lugar nessa nova literatura. Etty Hillesum coloca em sua escrita suas preocupações, e estas vão além de questões como os dissabores amorosos ou da incompatibilidade com os pais. Seus relatos voltam-se para as relações sociais, econômicas e políticas em seu tempo histórico. Esta transformação se dá no olhar para o outro, para o sofrimento e futuro, para o corpo como experiência histórica.

O corpo de Etty conheceu muitos homens, sofreu um aborto, mas também se ajoelhou dezenas de vezes em busca de conforto. Sua matéria colocou-se à disposição dos outros e de Deus. Esta relação corpo, feminino e feminismo, dialoga com os aspectos pessoais, espirituais e culturais do *feminino-feminismo*. Do cuidar do outro no campo ou fora dele, a uma vivência

espiritual absoluta, essa ação reflete-se no cuidar do outro como um atributo basilar do ser humano, e mais especificamente, da vivência feminina.

Em Etty Hillesum, este ser feminino, que olha o outro em suas múltiplas necessidades, é também o ser feminista que, ao agregar o poder de dar a vida, exclusivo da mulher, com a vulnerabilidade do corpo – que, ao mesmo tempo, é lugar de resistência – imprime, por meio da espiritualidade e da mística, conceitos como o de justiça, ética, amor ao próximo, entre outros. Assim como nos diz Maria Luísa Ribeiro Ferreira (2021, p. 325-326) tais “éticas do cuidado”, “conferem uma especial importância ao relacionamento pessoal, à convivialidade e aos afectos, apostando na partilha, na compaixão e na solidariedade”. Esta é a relação que encontramos em seus relatos.

No próximo capítulo apresentaremos o conceito de *malheur* de Simone Weil e como em Etty Hillesum o *malheur* weiliano manifesta-se em sua escrita. Dialogaremos com o conceito da filósofa francesa, também uma mística, na busca por aproximações entre os pensamentos de duas mulheres que dedicaram suas vidas para servir ao outro, tendo Deus como guia.

#### 4 O *ETHOS* DE ETTY DE HILLESUM: SOFRIMENTO, TESTEMUNHO E O FIM DA HUMANIDADE

Por que não falar de Etty Hillesum e seu legado a partir de recortes sobre os infortúnios descritos em seus diários? Para que servem os diários, se não para falarmos das desventuras, percalços, dores e algumas alegrias de nossas vidas? Colocar E.H. e sua enunciação em evidência é a proposta deste capítulo, que ao dialogar com a obra *Variações sobre o Ethos* (2020), buscará na imagem construída de nossa autora-personagem, em seus diários, um elo para a construção de seu enunciado.

O estudo do *ethos*, que na literatura se apresenta como o olhar para o contexto social, moral e dos costumes de uma época, em direta relação com a obra e o autor, propõe apresentar aos leitores os caminhos a serem trilhados para a compreensão da narrativa. Tais trilhas, subjetivas e interpretativas, passam pela exposição do tempo histórico e suas nuances, dos personagens e do foco da narrativa.

Este capítulo partirá dos relatos sobre a vivência de Hillesum em Westerbork (tempo histórico) a partir da *escrita de si*, que ela própria nos apresenta em suas várias faces – assistente social, humana, bondosa, mística, judia, de fé católica, jornalista, esperançosa, corajosa –, até encontrarmos em sua narrativa a autora-personagem que dá credibilidade aos fatos, transformando-os em *ethos* memorialístico e histórico. Delimitaremos o *ethos* de Etty no contexto social e na ausência de moral daqueles dois anos relatados em seus diários, os quais entregam aos leitores sofrimento e o fim da humanidade.

Maingeneau (2020, p. 8) nos diz que “estudar o *ethos* é, na realidade, estudar a enunciação em seu conjunto, mas sob certo ângulo. É preciso ainda que esse ângulo seja pertinente, ofereça um ponto de observação para destravar certas propriedades dos enunciados”, que nos interessam pesquisar. Esse *ethos*, que trata da análise do discurso e da enunciação, vai olhar para o sujeito que enuncia através de sua imagem e caráter. Nosso ponto de observação será o desassossego de sua alma aprisionada em Westerbork, e correntemente expresso em seus relatos.

O *ethos*, que dentre outras questões dá credibilidade ao orador, quer saber como o enunciador se posiciona frente a seus interlocutores, neste caso, os leitores e leitoras. Qual autoridade tem a narrativa a partir da credibilidade de quem a anuncia? Olhar para quem foi a autora, através de seus diários, responderá tais questões que buscam na enunciação o poder de persuadir. Também se faz necessário olhar além da forma linguística e conteudista apresentada pela escrita, que se revelam nas funções social, pragmática e retórica do discurso.

Quais seriam os aspectos sociais incorporados pela narrativa? Quais as relações sociais e culturais, quais valores encontramos em seus diários e qual o efeito disso em seu discurso para nós, os interlocutores? Uma Amsterdã ocupada por nazistas, um campo de transição onde judeus e outros inimigos do regime eram pré-sentenciados à morte, aniquilamento de qualquer vestígio da existência de um povo, um tempo histórico sem bases éticas consolidadas.

Dos aspectos pragmáticos, espera-se a eficácia do discurso, ou seja, como Etty Hillesum se comunica para que seu enunciado surta efeito. E, por fim, somam-se os aspectos retóricos, que constituem a fala e consequentemente quem fala, de modo a apresentar para quem interpreta um sujeito dotado de sociabilidade e ética. Mas, o que a narrativa discursiva de Etty Hillesum tem a nos dizer? Como, em seus diários, o sofrimento é descrito? Qual seu contexto social e em que situação ele é proferido?

Algumas destas questões já foram respondidas em capítulos anteriores, porém, nesta parte da nossa tese, trataremos a relação escrita-mensagem, nosso ethos que se revela no ato de escrever, e que para existir e alcançar seu propósito, vai se fortalecer de uma outra relação: a do leitor e de sua interpretação.

O ethos discursivo entende que um conjunto de valores apresentados em uma obra é o mesmo conjunto de valores defendidos pelo autor. São reflexos um do outro. Os traços morais, que no ethos literário refletem seus personagens e a própria obra em si, influenciam na leitura, percepção e interpretação do texto por parte dos leitores e tem na autoria, uma fonte de fidedignidade onde, “o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo” (Maingeneau, 2020, p. 14). Quem é Esther Hillesum para nossa pesquisa e qual sua contribuição para os estudos literários, filosóficos, místicos e históricos?

Responderemos tais questões colocando o leitor na posição de enunciador, apenas, após, o discurso ser interpretado. Este leitor que enuncia é aquele que compreende o discurso e, a *posteriori*, o comunica, mantendo, se não sua história viva, o propósito da leitura vivo. Ou seja, o ato de ler, como bem reforça Hans Robert Jauss (2002), é também um ato de interpretação que tira o foco da análise da obra literária e de seu autor, e dá ao leitor essa função. Quando é dado ao leitor o protagonismo interpretativo, será dele ou dela a construção do sentido da obra.

O que Jauss (2002) denominou estética da recepção, nada mais é do que a sensação trazida pela obra ao leitor ao longo do tempo, conferindo-lhe significado e valor. Seremos nós, segundo o autor, com nossas concepções e expectativas históricas, que daremos significado à

obra literária - significado este que não é definitivo, mas se transforma ao longo do tempo e de novas interpretações em diferentes contextos sócio-históricos.

Jauss destaca uma mudança de paradigma, do estético para um histórico, e propõe que da análise reflexiva da obra literária resulte uma função social:

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando o seu entendimento de mundo, e assim, retroagindo sobre o seu comportamento social. (Jauss, 1994, p. 50).

O horizonte de expectativa coloca-se para a Teoria da Recepção como fundamental para a construção de um leitor capaz. Esta capacidade se entende como a bagagem que o mesmo carrega com suas vivências, referências e conhecimentos prévios, que lhe darão sustentação cultural para absorver as nuances de uma obra literária. O horizonte está condicionado à visão de mundo do leitor e por seus conceitos social e político. Estes agem na maneira que cada um interpreta uma obra literária, tornando o leitor ativo no processo de recepção, este condicionado, justamente, por suas experiências anteriores.

A ideia do horizonte de expectativa permite que possamos encontrar na obra, e por que não na intencionalidade da escrita de Etty Hillesum, a possibilidade de analisar a experiência humana em seu momento histórico e sua relação com o passado e o futuro – “Se eu sobreviver a esta era e ainda disser: ‘A vida é bela e cheia de sentido’, as pessoas vão ter que me acreditar” (Hillesum, 2009, p. 270). Ou seja, quando mencionamos a possibilidade de haver uma finalidade em sua escrita, vislumbramos sua ideia de que existem possibilidades que estão por vir. Se há medo ou ainda esperança para presente e futuro, somente a recepção da obra literária, pelas expectativas dos leitores, poderá nos dizer.

Algo que nos parece importante no pensamento de Jauss (1994), é a relevância dada ao aspecto histórico nas obras literárias e que ultrapassam horizontes de expectativas ao longo das épocas, destacando as interpretações individuais como parte de algo maior, coletivo, que também está inserido em um tempo histórico e cultural. Sendo assim, suas reflexões nos ajudam a compreender a recepção de uma obra em um determinado tempo, bem como as críticas que lhe são conferidas, legitimando-a ou não, como obra literária. Isto se dá através do diálogo entre tais aspectos, o espaço-tempo e o leitor.

Sendo assim, neste capítulo, a leitora-pesquisadora propõe olhar para a narrativa hillesumniana a partir da profundidade de seu discurso, das relações, vivências e provações. Nosso olhar voltar-se-á para a escrita de Etty Hillesum em alguns de seus momentos mais

difíceis, e que, ao serem descritos por ela, nos darão subsídio para dialogar com o pensamento de Simone Weil sobre o infortúnio.

Na sequência, a partir desta interpretação, uniremos o ser de Etty Hillesum, evidentemente traumatizado por suas vivências, à enunciação do sofrimento conceituado por Simone Weil e o seu *malheur*<sup>44</sup> (desgraça, sofrimento e infortúnio). Será neste momento que o “desassossego”, várias vezes utilizado na escrita de seus diários, e mencionado anteriormente como foco de interesse em nossa pesquisa, descreverá o ethos de Etty Hillesum. Ou melhor, o ethos da enunciação de Hillesum, que caracteriza seu discurso frente ao sofrimento e à destruição da humanidade<sup>45</sup>.

Para tanto, necessitamos entender que “estudar o ethos é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem”, onde o “destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo” (Maingeneau, 2020, p. 11). Cabe ao leitor ou leitora, olhar para dentro, destrinchar o ser da autora, buscando uma significação para sua *escrita de si*. Aqui retomamos e destacamos o gênero literário como parte do processo de construção da acepção de quem interpreta. Compreender a *escrita de si* como relato que se coloca historicamente, é de suma importância para a confirmação de que estamos tratando de uma obra literária.

Somente o leitor poderá dar significado a “um comportamento verbal socialmente avaliado, que não podem ser apreendidos fora de uma situação de comunicação historicamente determinada” (Maingeneau, 2020, p. 12). Desta forma, distanciar a leitura do tempo histórico, não faz jus ao legado deixado por Etty Hillesum em seus diários.

A eficácia do ethos assemelha-se assim ao fato de ele envolver de alguma maneira, a enunciação sem estar explicitado no enunciado. O ethos do qual falamos aqui é, portanto, um ethos propriamente *discursivo*: o destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo, fora de sua enunciação, traços que são na realidade,

---

<sup>44</sup> Vejamos o que Simone Marinho diz sobre o conceito de *malheur* weiliano: “Esta categoria embora seja traduzida para nossa língua como infelicidade, desgraça ou infortúnio, significa mais do que podemos entender por esses termos. Tem a ver com o sofrimento físico, mas é muito mais do que isso. É um desenraizamento da vida (é quase uma morte). Alguém só é atingido mesmo pelo *malheur* quando isso o atinge em todas as partes da sua vida: social, psicológica e física. É preciso que haja degradação social ou a angústia de uma tal degradação [...]” (Marinho, 2025, p. 19). Esta definição traz consigo a ideia de que a dor não precisa ser física, ou quando física, não ser provocada pela tortura do corpo, mas sim pelo não reconhecimento de sua existência que causaria no sujeito uma desconexão entre corpo (ser) e alma (essência). Ou seja, quando de alguma forma já não nos reconhecemos em nós mesmos, por exemplo quando entre milhares de esqueletos carecas de olhos profundos, duplamente identificados em seus trajes listrados e em seus punhos tatuados, não existimos mais em nossa natureza humana. As mulheres de cabelos raspados do capítulo anterior reforçam nosso pensamento.

<sup>45</sup> Não nos referimos aqui, à destruição da humanidade fisicamente, como ocorreria em uma guerra nuclear. Mas, sim, aquela humanidade que retira do homem ou da mulher, a capacidade de agir em prol da sua existência e não contra ela.



intradiscursivos, pois associados à maneira com que ele está falando. (Maingeneau, 2020, p. 13).

Ou seja, as condições de produção do discurso fazem parte da linguagem do enunciador. Este intradiscurso que se formula no presente da enunciação e do sujeito discursivo, deve ser decifrado pelo leitor e ajudam a sua ressignificação. Maingeneau (2020, p. 14) complementa:

[...], esse ethos discursivo põe em interação um ethos *mostrado*, decorrente da maneira de falar, e um ethos *dito*, aquilo que o locutor diz de si mesmo enquanto enuncia por exemplo, ser ele um homem simples, que ama seu país etc. Porém, enquanto o ethos mostrado é uma dimensão constitutiva de toda enunciação, o ethos dito não é obrigatório: o locutor nem sempre fala de si mesmo.

Nos diários de Etty Hillesum os *ethe* mostrados e ditos caminham juntos. É comum nossa autora-personagem falar de si, de quem é e de quem gostaria de ser, caso tivesse um futuro pela frente. Ao lermos seus diários é vivaz sua presença bem como seu estado físico, mental e espiritual, por vezes abalados. Estes, ao se sobreporem, são constitutivos deste caminhar que, ao dizer algo de si (de Etty), traz consigo um enunciado.

A maioria das questões foi em grande parte resolvida só por ter sido mencionada. Pelo menos é isso que acontece na psicologia, na ‘vida’ é capaz de ser bem diferente. Ao ter-me apercebido repentinamente de que, sentindo-me doente, faço demasiadas coisas em sintonia com ele e, ao anotá-lo numa frase meio desajeitada, libertei-me um pouco mais dele com um pequenino puxão, e daqui a pouco voltarei a enfrentá-lo a partir desse novo pedacinho de liberdade adquirida. E, deste modo, desenrolam-se paralelamente os processos de-crescer-e-aproximar-se-um-do-outro e de afastarmos-cada-vez-mais. (Hillesum, 2009, p. 186). [29/05/1942]

Ao descrever sua relação com a Psicologia, Etty Hillesum vislumbra a evolução em seu estado mental no simples fato de nomear suas causas. Para ela, mesmo que de forma imperfeita, o reconhecimento da dificuldade seria um passo para uma resolução parcial do problema. Liberdade proporcionada pela escrita, pelo “pequenino puxão”, a busca pelo autoconhecimento que se reflete em sua *escrita de si* para si, enuncia Aquele que é seu maior suporte para enfrentar tamanho sofrimento.

E nestes dias em que me sinto muito frouxa e cansada, agarro-me porventura involuntariamente com mais intensidade à minha força, como se daí esperasse salvação. E, ao mesmo tempo, essa força transbordante baralha-me, porque não consigo oferecer resistência e temo não conseguir acompanhar. (Hillesum, 2009, p. 186). [29/05/1942]

E. H. busca forças em Deus e em sua transbordante presença e, assim, constitui seu ethos, sua existência em seu tempo. Ethos que a leva ao encontro da “cura e regeneração” que

“devem ressurgir das minhas próprias forças, não das dele” (Hillesum, 2009, p. 186), e que acaba levando-a ao encontro dos aprisionados de Westerbork. Sabemos disso, destacamos anteriormente a informação de sua ida voluntária ao campo. Vejamos agora, como Etty nos antecipa seus próximos passos em um parágrafo anterior:

Por vezes é quase impossível aceitar e entender, Deus, o que as tuas imagens e semelhanças, neste mundo, andam a fazer umas às outras nestes tempos de excessos. Contudo, não é por causa disso que me fecho no meu quarto, Deus, eu enfrento tudo e não quero fugir de nada e, quanto aos maiores crimes, tento entendê-los e analisá-los um pouco. E tento rastrear continuamente o nu e pequeno indivíduo que frequentemente não é fácil de reconhecer pelo meio das ruínas monstruosas de seus actos sem sentido. [...] (Hillesum, 2009, p. 185). [29/05/1942]

Inconformada com a crueldade do mundo e não conseguindo compreender como homens feitos à semelhança de Deus podem cometer atos tão monstruosos, Etty Hillesum enfrenta a realidade com coragem e sem perder a fé, ao mesmo tempo em que busca compreender o ser humano, sua natureza e suas fraquezas, mantendo acesa a compaixão por homens e mulheres. Ainda no mesmo parágrafo:

[...] Eu não estou para aqui instalada num quarto sossegado com flores, mergulhada em poetas e pensadores e louvando a Deus, **isso seria bastante fácil**; e também não creio ser tão ‘ingênua’ como os meus bons amigos dizem de mim, enternecidos. [...] (Hillesum, 2009, p. 185, grifo nosso). [29/05/1942]

Hillesum enxerga a realidade daquele cotidiano com clareza, mesmo que alguns de seus amigos pensassem o contrário. Sua força está na espiritualidade, sua atitude, enfrentar os horrores das perseguições e mortes aprisionando-se espontaneamente em Westerbork. Para muitos, talvez, fosse “bastante fácil” a comodidade e a segurança das flores e dos poetas, não para ela, que enfrenta a realidade com coragem, com consciência de sua espiritualidade ao lado do Deus judaico-cristão de Santo Agostinho, causa primeira de todas as causas e de nossa existência.

A atitude mística e ética de Hillesum reforça sua conexão com Deus e com a humanidade. Apesar de questionar as ações humanas frente à guerra, “apesar de tudo, continuo a louvar tua criação, Deus”, nos diz ainda no mesmo dia (Hillesum, 2009, p. 186).

O ethos como uma construção discursiva e interativa, se manifesta no discurso, e busca na constituição daquele que fala, influenciar o leitor a partir da incorporação de elementos éticos e estéticos expostos em seu discurso. Em Hillesum, vemos em seu discurso, a capacidade de unir a mística ou sua espiritualidade – “agora só restamos eu e Deus” ou “Creio em Deus” -

com a humanidade – “era bom que andasse por lá só para dar um gole de água àqueles que mais precisam dela, por entre aqueles milhares amontoados”. Respectivamente nos dias 4 e 8 de outubro de 1942, adoentada e consciente de seu papel junto aos seus, entrega a seus leitores um Deus que transforma sofrimento em vontade de viver, unindo espiritualidade com humanidade... “Apesar de tudo, chego sempre à mesma conclusão: a vida é bela” (Hillesum, 2009, pp. 325-326).

Para além de questões éticas e morais, o ethos compreende também uma dimensão social e corporal, que se manifesta no comportamento, ou melhor, na escrita, e aproxima o leitor de quem enuncia. Tais dimensões apresentadas pelos ethos são aquelas encontradas em seus diários e que descrevem o desassossego da alma de Etty Hillesum.

Antes de enveredarmos por esta seara, buscaremos em Mircea Eliade discussões sobre a naturalização do sofrimento como consequência da transição das sociedades arcaicas para a civilização moderna, e neste movimento, como a ausência de rituais, de crenças em arquétipos e mitos, desestruturam a vida social. Esta desestruturação, que nos tempos modernos acontece no apagamento das tradições e da cultura, será a causa do aniquilamento das sociedades, como bem nos lembra Primo Levi em *É isto um homem?* (1998).

Antes de adentrarmos nas explicações sobre sofrimento (ou infelicidade, desgraça, infortúnio, desenraizamento) para Simone Weil, e como o mesmo se faz presente nos relatos e na escrita (desassossegos) de Etty Hillesum, focaremos um pouco sobre o pensamento de Mircea Eliade (1907-1986), professor, cientista e filósofo bucarestino, em busca de possíveis esclarecimentos sobre o infortúnio.

#### 4.1 O mito do eterno retorno e o infortúnio

*É uma alucinação cotidiana, à qual a gente acaba se acostumando [...].* (Levi, 1998, p. 51).

Em seu livro *O Mito do Eterno Retorno* (1992), Mircea Eliade nos convida a conhecer um pouco mais sobre a história dos seres humanos, distinguindo-os em duas sociedades: arcaica e tradicional, e moderna. A primeira está interligada à ideia de cosmos, seus mitos e símbolos, enquanto as sociedades modernas têm como marca o judaísmo-cristão e um vínculo exclusivo com a História.

Em síntese, a obra discute a ideia de eterno retorno como sendo uma ideia fundante das religiões tradicionais, da mitologia e de suas narrativas míticas. O seu entendimento de tempo

cíclico, por isso eterno retorno, contrapõe-se à ideia de tempo linear, e justificaria o entendimento que certos eventos históricos se repetiriam infindáveis vezes. Ao se repetirem, a vida se renovaria à procura da existência ideal.

Nas culturas arcaicas, o retorno buscava, no sagrado, a renovação do mito da criação. Na modernidade, a ideia de uma sociedade construída histórica e linearmente de forma progressista, afastaria a ideia de sacralização do tempo, tornando-o inconversível.

Partindo desses pressupostos, a ideia é abraçar o entendimento sobre o eterno retorno, arquétipos e suas ramificações no pensamento religioso e filosófico, em busca de compreensão sobre tais questões, e como as mesmas se expressariam no tempo histórico e na escrita testemunhal dos diários de Etty Hillesum.

Mircea Eliade, em sua obra, reflete sobre as culturas arcaicas e os seres humanos que nela habitavam “de acordo com modelos extra-humanos, de conformidade com determinados arquétipos”, que estabeleciam as leis a serem seguidas e questiona: “No quadro de uma tal existência, qual seria o significado do sofrimento e da dor?” (Eliade, 1992, p. 97-98).

[...] Fosse qual fosse a sua natureza e sua causa aparente, o sofrimento tinha um significado; embora nem sempre, o sofrimento correspondia a um protótipo, pelo menos a uma ordem cujo valor não era contestado. Já se disse que uma das características superiores do cristianismo, em comparação com a antiga ética do Mediterrâneo, era o fato de dar valor ao sofrimento: **transformar a dor, de uma condição negativa, em uma experiência dotada de conteúdo positivo.** (Eliade, 1992, p. 98, grifo nosso).

De imediato sua resposta nos interessa. O sofrimento e a dor são essenciais ao cristianismo porque será através deles que a existência humana se transformará. A “experiência dotada de conteúdo positivo” é a experiência da redenção, alcançada pela interioridade do ser através da espiritualidade. No contexto bíblico, a dor é muitas vezes vista como uma forma de punição de Deus pelos pecados cometidos. Porém, o cristianismo também vê o sofrimento como caminho para a salvação e redenção. Espiritualmente falando, o sofrimento faz parte da salvação, a mesma que Cristo alcançou com a vida eterna.

Santo Agostinho, uma das leituras frequentes de Etty Hillesum, dizia que existem duas possibilidades para se encarar o sofrimento, o da revolta ou da transformação. Em frase proferida no sermão sobre a devastação de Roma, ele afirma: “Ninguém cuide, pois, o que sofrer, mas o que fazer. No que sofres, ó homem, não intervém o teu poder; é, sim, naquilo que fazes, que a tua vontade está ou não inocente.” (Agostinho, 2010, p. 46). Viver de forma mais justa e elevada, mas oferecer o sofrimento como uma oração, não seria um desperdício. Pelo contrário, esta seria uma atitude de abertura à graça: “Claro, é o extermínio total, mas

suportemo-lo sobretudo com graciosidade. Não existe um poeta dentro de mim, há sim um pedaço de Deus em mim [...]” (Hillesum, 2009, p. 323). Consequência de tudo isso é um novo sentido ético para nossa existência.

[...] Não sei como lidar com isso. Por causa de todo esse sofrimento à minha volta, uma pessoa começa a envergonhar-se de se levar, a si e a todos os seus estados de alma, tão a sério. [...] tem de permanecer ela própria o centro e aprender a conviver com tudo o que se passa neste mundo, não deve fechar os olhos a coisa alguma, deve ‘entender-se’ com esta época terrível e tentar encontrar resposta à quantidade de questões de vida e de morte que ela nos coloca. E talvez então encontre uma resposta a algumas dessas questões, não apenas para si própria, mas também para os outros. (Hillesum, 2009, p. 107-108). [13/08/1941]

Sobre a Segunda Guerra Mundial e o genocídio cada vez mais latente na Europa, Etty reflete sobre seu papel frente aos acontecimentos, apontando ser essencial tomar aquele sofrimento como fonte de conhecimento para si, mas também para os outros. O seu sofrimento nunca se sobressaiu frente às dores dos homens e mulheres de Amsterdã, que eram privados de liberdade em Westerbork: “Às vezes acredito ter uma tarefa. Tudo aquilo que me rodeia deve ser pensando até atingir o entendimento” (Hillesum, 2009, p. 108), conhecimento que se transformaria em escrita e, posteriormente, em referencial para estudos em diferentes áreas do saber.

A experiência mística que encontramos no pensamento de Etty Hillesum é resultado do “afastar-me de toda a gente em silêncio” (Hillesum, 2009, p. 74). Ou ainda da meditação: “Acredito que é isso que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora ‘para dentro’, a escutar o que está dentro de mim. ‘Submergir-me’ (Hillesum, 2009, p. 89).

Não tenho ainda uma melodia básica. Não há ainda uma corrente subterrânea constante, a fonte espiritual que me alimenta fica repetidamente assoreada, e além disso penso demais. As minhas ideias continuam a parecer-me com roupas largas penduradas à volta do meu corpo, que ainda deve crescer, mas as roupas permanecem demasiado largas. O meu espírito corre atrás da minha intuição, e naturalmente ainda bem que é assim. [...] **Preciso continuar a ouvir-me a mim mesma**, ‘pôr-me à escuta interiormente’ e comer e dormir bem para manter o equilíbrio, [...] (Hillesum, 2009, p. 103, grifo nosso).

O trecho acima nos apresenta uma escritora inquieta, em busca de inspiração, e a necessidade de olhar para dentro de si como exercício em busca de algo que lhe guie o pensamento. Sua escrita mais profunda somente se desenvolveria após este processo. Quando as roupas largas comesçassem a se ajustar ao corpo, assim como suas ideias, convicções, reflexões e seu próprio amadurecimento.

O processo de autoconhecimento, que inclui uma boa alimentação do corpo e da alma – ela gostava de se exercitar pelas manhãs, mantinha lutas corpóreas com Spier como uma forma de libertação e lia Rilke, Agostinho e Dostoiévski –, é na verdade a busca por um equilíbrio espiritual e emocional. A valorização de experiências subjetivas, que remete à tradição filosófica existencialista e fenomenológica, é onde podemos encontrar as filósofas Simone Weil e Hannah Arendt, anteriormente mencionadas.

Em um de seus relatos matinais, ela destaca, “às sete e meia, na casa de banho”, ao defrontar-se com a beleza de uma gravura japonesa, como alimenta sua alma com pequenas coisas do cotidiano.

Queria escrever somente palavras organicamente inseridas num grande silêncio, daquelas cuja única utilidade é dominar o silêncio e rasgá-lo. Na realidade as palavras devem acentuar o silêncio, tal como naquela gravura japonesa com o ramo florido para baixo, para o canto. [...] E há-de ser mais difícil de reproduzir e animar esse silêncio e essa mudez do que achar as palavras. O importante é essa relação justa entre palavras e silêncio, um silêncio no qual acontece mais do que em todas as palavras que uma pessoa consiga reunir. [...] (Hillesum, 2009, p. 190) [05/06/1942]

Dois meses antes de transferir-se definitivamente para Westerbork, sem ser forçada, lembremos, Etty Hillesum nos alimenta com a beleza de suas palavras ao descrever o vazio que se insinua naquele ramo caído. As palavras descrevem o silêncio ao mesmo tempo que significam este espaço ao seu redor como um campo fértil, pronto para ser rasgado por suas palavras e pensamentos. A sua escrita singela e poética, soma-se aos seus diálogos íntimos com Deus, uma marca de seus relatos, e do seu pensamento espiritual, que transbordaram em compaixão pelo outro, quando, enfim, aprendeu em silêncio a ouvir o Seu chamado.

Esse silêncio necessário reflete-se em sua escrita e em sua aproximação com o sagrado. Vejamos como reflete Simone Marinho (2025) em *Mulheres habitadas pelo sagrado: a escrita feminina entre o humano e o divino* sobre a anotação acima de Etty Hillesum:

[...] Ela considera o papel um *caminho silencioso* e não deixa de ser, já que o trabalho da escrita tem íntima conexão com o trabalho da memória e todo trabalho da memória é silencioso, não sendo à toa a sua afirmação de que há nela um enorme silêncio que cresce. Além disso, quando faz referência às gravuras japonesas, [...], percebe que quer escrever como quem desenha aquelas gravuras, ou seja, com espaço de silêncio suficiente entre as palavras”. (Marinho, 2025, p. 176).

A ausência de som é a mesma que fará crescer o Deus dentro de si, e sua escrita. Tais espaços de silêncio, que são pausas na escrita, dão a ela (a escrita) uma forma mais contemplativa, refletindo sobre a importância que seus relatos têm para a construção de uma memória. Além disso, há, em Etty Hillesum, como em Simone Marinho, através dos recortes

acima, certa atmosfera meditativa que dá à experiência do vazio certo caráter sagrado, reflexivo e sensível. Ou seja, no silêncio há presença e manifestação do sagrado.

Mas retomemos o sofrimento. Quando Eliade (1992, p. 100) nos diz que “o momento crítico do sofrimento está no seu aparecimento; o sofrimento só é perturbador enquanto sua causa permanecer desconhecida”, nos vem à mente a serenidade externada pelas palavras de E.H., conformadas, diante da nova vida imposta aos judeus. Se já conhecemos a causa daquele sofrimento imposto, como viver com ele? Ela enfrentou o sofrimento ao entender que “a realidade é algo que uma pessoa precisa assumir; todo o sofrimento que a acompanha, todas as dificuldades que uma pessoa tem de assumir e arcar, ao arcar já aumenta a capacidade de resistência” (Hillesum, 2009, p. 315). Esta resistência se estabelece no enfrentar o sofrimento com consciência e transformá-lo em esperança. O ódio alimenta mais ódio, com alegria, alimenta-se a humanidade.

[...] Mas o conceito de sofrimento (que não é realmente ‘sofrimento’, pois sofrer é em si frutuoso e pode tornar a vida em algo precioso) deve ser desfeito. E se uma pessoa desfaz os conceitos, nos quais a vida está como que aprisionada entre grades, então a pessoa liberta a verdadeira vida dentro de si, mais as forças que lá tem dentro e, conseqüentemente, uma pessoa terá também as forças para arcar com o verdadeiro sofrimento presente na sua própria vida e na do resto da humanidade. (Hillesum, 2009, p. 315) [30/09/1942]

O sofrimento transformar-se-ia em algo frutuoso, assim como, nossa existência em algo precioso. Não se trataria mais de um obstáculo, mas sim, de crescimento interior em busca de compaixão, coragem, resiliência e resistência às adversidades vividas pelo mundo. Essa visão mística onde o infortúnio não é o fim, mas sim um meio para se alcançar algo maior, a luz, é o que em Etty Hillesum significa tirar das experiências dolorosas ensinamentos para a reconstrução da humanidade.

Parte dessa reconstrução passa pela compreensão da história e desconstrução dos arquétipos e da ideia de eterno retorno. E isso vai ocorrer quando o judeu-cristianismo “introduziu uma nova categoria na experiência religiosa: a categoria da *fê*” (Eliade, 1992, p. 153).

[...] É até interessante observar que a existência de Deus impôs-se de maneira ainda mais urgente sobre o homem moderno, para quem a história existe como tal, como história e não como repetição, do que sobre o homem das culturas antigas e tradicionais, que, para defender-se do **terror da história**, tinha à sua disposição todos os mitos, rituais e costumes [...]. (Eliade, 1992, p. 153-154, grifo nosso).

Quando o homem tradicional abandona a ideia de eterno retorno, se afastando da ordem sagrada onde está inserido, e, torna-se um homem moderno, o terror da história se instala na sensação de vazio, na crise existencial, nas guerras e na barbárie. O homem moderno, inserido em um tempo histórico linear finito, não tem nos arquétipos e nos mitos explicações para o mal e o sofrimento. E será a fé, esta que transborda na escrita dos diários, que dará à humanidade que crê, a possibilidade de redenção e salvação.

A ideia deste recorte no texto foi trazer Mircea Eliade para dialogar com o pensamento de Etty Hillesum, pois ambos entendem a importância do sofrimento não como algo destrutivo, mas como caminho para a renovação, a partir da resistência. Além disso, ambos expressam a experiência mística como parte do nosso existir, sendo, para Eliade, algo ligado ao sagrado das tradições antigas, enquanto, para Etty, a experiência mística está para algo concebido internamente em busca de autoconhecimento. Seus diários são o reflexo disso.

Eliade nos aponta, em seu livro, a marca do tempo e da transcendência como algo cíclico, e os arquétipos e mitos como a resposta certa para combater o “terror da história” e da amargura que assola a civilização moderna. Por outro lado, nessa mesma concepção, Hillesum enfrenta a tragédia do Holocausto com resiliência, resistência, coragem e compromisso com a ética, a existência e a espiritualidade. Ou seja, ambos creem que o tempo histórico é fonte de sofrimento, pois nossas necessidades mudam ao longo da existência e transcendem este estado, cada um a sua maneira.

A leitura antropológica realizada por Eliade, coloca o mito e a ritualização da vida em evidência como instrumento de sentido à existência humana, existência esta que dá aos seres humanos a força e a capacidade de lidar com o sofrimento que faz parte de nossa condição, e de nossa existência. Por outro lado, Hillesum com seu olhar existencial, que nos aproxima enquanto leitoras de sua vida íntima, e de suas discussões éticas sobre o sofrimento, nos coloca como responsáveis por combater o mal frente à destruição da História pelo Holocausto.

Desta forma, cremos ao ter demonstrado como o sofrimento é compreendido pelas sociedades tradicionais e pela sociedade moderna, onde a primeira aporta-se nas narrativas arquetípicas e a segunda nas sócio-históricas, que a causa do mal e da dor, estão diretamente relacionadas à ausência de estruturas simbólicas que deem significado à existência humana. E para nós, em Etty Hillesum, este arcabouço é a sua fé, inúmeras vezes descrita por ela ao ajoelhar-se e juntar as mãos em oração.

Na sequência, contextualizaremos o conceito de *malheur* para Simone Weil, claramente entendendo que este compartilha com as discussões anteriores, uma base epistemológica no



eterno retorno e no sagrado. O conceito de *malheur* em Simone Weil, e as possíveis aproximações entre ela e Etty Hillesum, ambas mulheres jovens, judias de nascença e cristãs por opção, que padeceram durante a Segunda Guerra Mundial, o qual buscaremos nesta justaposição de ideais, que mais se aproximam do que se distanciam, o diálogo entre o ethos do desassossego e o ethos do *malheur* weiliano, que confluirá na mística atribuída a ambas.

## 4.2 O *Malheur*

*Quase todas as reivindicações dos operários exprimem o sofrimento pelo desenraizamento.* (Weil, 2001, p. 52).

Quando lemos os diários de Etty Hillesum, nos deparamos com o uso frequente da palavra ‘desassossego’ ou ‘desassossegada’ pela autora. É importante destacar que ela usa a expressão desassossego para dizer de suas angústias, como quando lhe falta algo na vida ainda indefinido - “Está outra vez tudo a dar para o torto. ‘Parecia e queria algo e não sabia o quê.’ Por dentro é novamente uma procura, um desassossego e uma agitação totais” (Hillesum, 2009, p. 79), ou quando reconhece que a relação com Spier mexe com ela - “[...] agora há novamente uma estagnação, um certo desassossego confuso [...]” (Hillesum, 2009, p. 87), ou ainda quando sua mente anda inquieta - “No final das contas há sempre um monte de desassossego em vão, numa cabecinha destas” (Hillesum, 2009, p. 89).

Na primeira tradução do livro para o português, edição de 1981, não encontramos seu uso, e sim palavras como “turbulência”, “agitação”, “distrações”, “inquieta”, “estranha”, “inquietação”, “inquietação”, “deprimida”, “irrequieta” e “inferno”, que substituem o estado de espírito de nossa autora. Algumas expressões são muito próximas ao desassossego, como inquietude, todavia, todas refletem o estado de espírito de Etty, que em sofrimento, revela suas frustrações nas páginas de seus diários.

Mas há outro desassossego, um bom, se assim podemos classificá-lo, que é aquele que Hillesum enfrenta ao buscar uma melhor escrita, uma melhor forma de expressar suas angústias, de conversar com Deus, e que lhe proporcionaria a experiência da graça como retorno, elevando-a após sua morte, à categoria de mística.

Este desassossego que emerge de dentro para fora e que vai ao encontro do sagrado, confia à humanidade, uma mulher que quer servir a Deus. Esta vontade que surge com o sofrimento e seus conflitos interiores, transformam o desassossego de sua alma em força para

agir em favor dos seus. Etty Hillesum tem certeza qual seu papel dentro do campo de Westerbork.

A dor de seu corpo e de sua alma, assim como sua busca constante por algo que transcenda aquela vida miserável é, para nós, o *malheur*<sup>46</sup> significado por Simone Weil, que coloca dor e sofrimento juntos. O sofrimento (*souffrance*) é a experiência da dor (*douleur*) que pode ser física, mas também do espírito, que pode ser passageira ou temporária, e que faz morada na alma (Weil, 2019).

O *malheur* é mais do que dor, é o transbordo dos limites razoáveis do sofrimento terreno, do físico e do psicológico que transforma a pessoa em coisa e traz a infelicidade como uma de suas consequências. O sofrimento se faz sempre presente.

É difícil que se dê crédito ao narrador quando só se descrevem impressões. No entanto, não se pode descrever de outra forma a infelicidade de uma condição humana. A infelicidade é feita apenas de impressões. As circunstâncias materiais da vida, enquanto se consegue quase que no limite das forças, viver dentro delas, não são as únicas a explicarem a infelicidade, pois circunstâncias equivalentes, dependendo de outros sentimentos, poderiam tornar felizes as pessoas. [...] Nada mais difícil de conhecer do que a infelicidade; ela é sempre um mistério. (Weil, 1996, p. 166).

A infelicidade<sup>47</sup>, condição *sine qua non* para o desassossego, instala-se na ideia de desumanização permanente. Somos infelizes por diversos motivos, mas a degradação existencial do ser humano, como a ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, aniquila pessoas, suas existências e personalidades. Vejamos o que Simone Marinho nos proporciona sobre o *malheur* weiliano:

[...] somente quando o infortúnio dos outros entra em seu ser, quando ela se sente parte de uma massa anônima, e tem consciência disto, pode afirmar a dor do *malheur*, ou seja, ela própria já dissera, trata-se de uma profunda degradação física (sente o *malheur* do outro), social (não existe mais, posto que faz parte de uma massa anônima dos invisíveis do mundo) e psicológica (tem a consciência da degradação, no sentido mais profundo do termo. (Marinho, 2025, p. 112).

Em Simone Weil o sofrimento também se instala pela dor dos outros. Dor física, sentida no corpo, mas também na alma, que transforma seres humanos em anônimos invisibilizados. Estes esquecidos e silenciados, seja por uma degradação física, social ou psicológica, refletem a ideia do *malheur* weiliano nas pessoas ou grupos sociais que foram deixados à margem da sociedade.

<sup>46</sup> [...] “palavra admirável, sem equivalente em outras línguas” (Weil, 1988, p. 223). Tradução livre da autora.

<sup>47</sup> No original em francês, *malheur* é o termo utilizado.

Primo Levi nos ajuda a entender o aniquilamento: “Não há espelhos, mas a nossa imagem está aí a nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem bonecos sórdidos e miseráveis. Estamos transformados em fantasmas [...]. Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo (Levi, 1988, p. 32-33).

Retornemos. Sobre o surgimento do conceito de *malheur* weiliano, o mesmo se deu a partir de reflexões sobre suas experiências como operária nas fábricas onde trabalhou e pôde constatar que, o trabalho extenuante, repetitivo, mal remunerado, e em condições insalubres e perigosas, coisificavam as pessoas.

No campo do sofrimento, o infortúnio é uma coisa à parte, específica, irreduzível. Ele é algo completamente diferente do que o simples sofrimento. Ele toma conta da alma e a fere, até seu âmago, com uma marca que só pertence a ele, a marca da escravidão. A escravidão tal como foi praticada na Roma antiga é apenas a forma extrema do infortúnio. [...]. (Weil, 2019, p. 82).

Simone Weil, que compara a vida nas fábricas com a escravidão nos tempos da Roma antiga, onde homens escravizados perdiam sua natureza ao serem forçados a esta condição, complementa seu raciocínio:

Dois fatores condicionam esta escravidão: a rapidez e as ordens. A rapidez: para alcançá-la, é preciso repetir movimento atrás de movimento, numa cadência que, por ser mais rápida do que o pensamento, impede o livre curso da reflexão e até do devaneio. [...] As ordens: desde o momento em que se bate o cartão na entrada até aquele em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas [...]. E é preciso sempre calar e obedecer. A ordem pode ser difícil ou perigosa de se executar, [...]; não faz mal: calar-se e dobrar-se. [...] (Weil, 1996, p. 79-80).

A filósofa aponta a mecanização nas fábricas como responsável pela impossibilidade de reflexão sobre a condição de trabalho ao qual estavam os operários submetidos. Assim como nos campos de concentração, a rotina estabelecida na exatidão das horas de acordar, trabalhar, assear-se ou dormir, no raspar das cabeças e nas roupas listradas identificadas por estrelas e números, a mecanização disfarçada de organização era consciente, e tinha como objetivo, a desumanização dos indivíduos enquanto pertencentes de uma classe, sociedade ou grupo religioso.

Mais uma vez recorremos ao relato de Primo Levi (1988, p. 55): “o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais; [...]. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito”, mas “devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer”. Desta feita, o sofrimento e a dor estão para Weil (2019), como causa e efeito do que se instala na alma e estabelece a miséria humana.

Algo completamente diverso acontece quando se trata de um sofrimento físico muito prolongado ou muito frequente. Mas tal sofrimento é completamente diferente; aliás, é uma infelicidade, um infortúnio.

O infortúnio é um **desenraizamento** da vida, um equivalente mais ou menos atenuado da morte, que se tornou irresistivelmente presente à alma pela espera ou pela apreensão imediata da dor física. Se a dor física estiver totalmente ausente, não há infortúnio para a alma, pois o pensamento vai ser atraído por qualquer outro objeto. [...] (Weil, 2019, p. 83, grifo nosso).

Simone Weil nos diz que a dor física pode ser superada e não seria ela a maior causa de nosso desassossego. O infortúnio se daria naquela dor que persiste, que incomoda, que aprisiona a alma e nos priva da liberdade interior. Marinho (2025, p. 119) refere-se à questão, ao tratar da “coisificação do ser humano, sobretudo dos miseráveis” e do esvaziamento de si como caminho para a salvação daqueles que mais necessitam. Deixamos de ser quem somos, perdemos nossa identidade, transformamo-nos em esqueletos com cabeças raspadas e números tatuados. Weil (2019, p. 83) completa:

[...] O pensamento foge do infortúnio prontamente, tão irresistivelmente quanto um animal foge da morte. Aqui embaixo há apenas a dor física e nada mais tem a propriedade de encadear o pensamento; com a condição que assimilemos à dor física certos fenômenos difíceis de descrever, mas que são sentidos no corpo e que são rigorosamente iguais. A apreensão da dor física, particularmente, é dessa espécie.

O *malheur* weiliano parte da ideia de que a dor física existe e o sofrimento faz parte dela. As dores palpáveis são a porta de entrada para as dores da alma, pois uma não existe sem a outra, e o infortúnio, desgraça ou infelicidade, são a causa do desenraizamento acometido pela perda de identidade. A ausência de vínculos e tradições que nos identifiquem como parte de uma sociedade, na contemporaneidade, acaba por reforçar o distanciamento social, o não pertencimento e a submissão da classe operária. Em sua obra, *O Enraizamento* (2001), Simone Weil destaca:

Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente. (Weil, 2001, p. 43).

A identidade e o sentimento de pertencimento a uma sociedade têm direta ligação com suas raízes e tradições, estas, constituídas pelo contexto social ao qual estão vinculadas. Simone Weil reforça, porém, a importância de nossa formação moral, espiritual e intelectual ser

fortalecida por nossas relações com outros seres humanos e suas “múltiplas raízes”. Para a filósofa, a construção da identidade é uma atividade social e coletiva que deve pensar o futuro, e não apenas a nossa existência presente.

Nos diários de Etty Hillesum, encontramos esta discussão especialmente no seu pensamento espiritual, na compreensão de sentido para a vida frente a tanto sofrimento. A questão fica mais clara, entre Hillesum e Weil, quando exploramos o senso de comunidade da primeira, que se soma a sua ideia de que se faz necessário olhar para dentro de si como local sagrado de transformação contra a desumanização.

Para Weil, o enraizamento está diretamente ligado à necessidade de a humanidade pertencer a um grupo social e a este existir na coletividade, conservando heranças do passado (pelos mais velhos) ao mesmo tempo que almeja um futuro (para os que virão) com princípios morais, espirituais e intelectuais. O seu oposto, o desenraizamento, coloca o ser humano em estado de negação de si, de reificação, coisificação, levando a sua nulidade e à morte.

A filósofa francesa Jacqueline Russ (1934-1999) discute em seu livro *Pensamento Ético Contemporâneo* (1999), as consequências do desaparecimento das tradições e o papel da ética na coletividade contemporânea, nos ajudando a compreender o pensamento weiliano.

Vivemos num momento em que as referências tradicionais desapareceram, em que não sabemos mais exatamente quais podem ser os fundamentos possíveis de uma teoria ética. O que é que, hoje, nos permite dizer que uma lei é justa? [...] A crise dos fundamentos que caracteriza todo nosso universo contemporâneo, crise visível na ciência, na filosofia ou mesmo no direito, afeta também o universo ético. Os próprios fundamentos da ética e da moral desapareceram. (Russ, 1999, p. 10).

A perda de autoridade frente ao que é certo ou errado, bom ou mau, é uma das grandes preocupações da filosofia contemporânea. Notamos na fala acima, que a crise nos fundamentos, e em nossas referências, implica na não consolidação de valores sociais, morais ou intelectuais. Este desenraizamento social acaba por se tornar também um desenraizamento ético, onde as leis universais deixam de existir.

Mas como todas estas questões morais, éticas, de tradição e coletividade podem ter influenciado a estudiosa e dedicada Etty Hillesum? Onde se encontra o *malheur* weiliano em sua escrita? No “vazio ético” vivenciado por Etty em Westerbork, que percorre o mesmo caminho do *malheur* de Simone Weil e de seu conceito adjacente de vazio (*le vide*): “Il faut une représentation du monde où il y ait du vide, afin que le monde ait besoin de Dieu. Cela suppose le mal. Aimer la vérité signifie supporter le vide, et par suite accepter la mort. La vérité est du

côté de la mort”<sup>48</sup> (Weil, 1947, p. 19). O vazio para Simone Weil se dá a partir de uma existência humana sem a presença de Deus, assim como, para Etty Hillesum, a ausência de humanidade se daria pelo mesmo motivo.

Vai ser neste vazio, que se conecta com o amor e a verdade, que a graça divina encontrará espaço para se estabelecer, e mais, o ser humano renunciará à sua aptidão inata de autopreservação, do reconhecimento que espera das relações humanas, para receber o divino e a graça a partir do que Weil denomina de descrição, ou seja, a ação de esvaziamento do ser, que altruistamente deve abandonar seus desejos, seu ego e o sofrimento como preparação da alma para receber o divino.

Em *La pensateur et la grâce* (1947), Weil contrapõe os termos graça e gravidade, e apresenta o último como uma metáfora que subjuga e subtrai os seres humanos à condição de aprisionamento e repetição. Tais forças sociais e naturais, e diríamos naturalizadas, são aquelas que na repetição, na compulsão e na inércia, distanciam a alma e a atenção de Deus, bem como do que é transcendente. Ou seja, nos afastam da dimensão espiritual e divina, que se manifesta na graça, afastando a condição mundana da alma humana. O que transcende se estabelece na experiência concreta através do esvaziamento do eu e na renúncia das paixões. A mística de Weil se estabelece na presença de Deus pela sua ausência, silêncio, sofrimento e sacrifício. Como não nos lembrarmos de Etty?

Podemos aproximar o pensamento de Weil e o de Hillesum ao lermos, em uma carta escrita de Westerbork em 7 de junho de 1943, a transcrição de uma pergunta que lhe fora feita por uma senhora, um dia antes do transporte para Auschwitz: “Pode dizer-me, pode dizer-me por favor porque temos nós, os judeus, de sofrer tanto?”; “Não paro de dizer ‘Oh, meu Deus, meu Deus’, mas será que Ele ainda existe?” (Hillesum, 2009b, p. 116).

A ausência do Bem (o Deus em si para Weil), faz com que os seres humanos busquem preencher seu vazio muitas vezes com algo ilusório, que lhes traz satisfação imediata apenas. Tal vazio se instala, segundo Weil, ao categorizar o seu *malheur*, quando da criação do ser humano, Deus precisa se afastar para que todos descubram como viver e agir no mundo, o que fez abrir um grande vazio na existência humana<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> “Deve haver uma representação do mundo em que haja vazio, para que o mundo precise de Deus. Isso pressupõe o mal. Amar a verdade significa suportar o vazio e, portanto, aceitar a morte. A verdade está do lado da morte”. Tradução livre da autora.

<sup>49</sup> O *malheur* weiliano é a argumentação para o sofrimento humano, que se dá nesta ordem pela criação, vazio, mal, descrição e atenção; conceitos adjacentes que não serão explorados profundamente nesta pesquisa, mas que podem ser consultados nas obras *La pensateur et la grâce* (1947) e *Attende de Dieu* (1950).

O desenraizamento que leva ao *malheur*, estabeleceu morada pelas ruas de Amsterdã com a instrumentalização do Conselho Judaico, órgão alemão “responsável por implementar as decisões do governo nazi” contra os judeus, ou mesmo outros grupos que agiam contra o nazismo. Por seu intermédio, o “regime nazi executava considerável parte do seu projeto de prisão e, posteriormente, de extermínio em massa dos judeus” (Pereira, 2021, p. 74).

O estabelecimento de um Conselho era o primeiro passo para a unilateralidade das ações contra os inimigos: temos seus nomes, sabemos onde moram, retiramos seus bens, os isolamos do resto da sociedade em um espaço de onde não se possa sair com vida, e lhes tiramos a identidade, dando-lhes uma estrela amarela e um número. Não foram para isso que os guetos foram criados?

Vejamos o que Etty Hillesum relata sobre tais questões, primeiramente, olhando para as condições de vida a que eram submetidos os semitas. Numa terça-feira, às dez e meia da noite, nos relata uma conversa com Julius Spier onde, com grande indignação, descreve a situação de judeus que vivem confinados em espaços minúsculos: “Diga-me só, o que é que eu devo fazer com os sentimentos de culpa que me atingem, quando ouço que há pessoas que são obrigadas a viver, todas as oito, num espaço pequeno [...]”. (Hillesum, 2009, p. 191).

O sentimento de culpa que a aflige vai ser o fio condutor para sua identificação com o sofrimento dos outros, para quem reza por acreditar ser “extremamente infantil uma pessoa rezar por si mesma” (Hillesum, 2009, p. 259). O seu ser, e sua espiritualidade, constituídos de uma moralidade e ética além das expectativas, se fortalecem na necessidade de estar em situação semelhante para que possa compreender e combater tamanha injustiça e “[...], enquanto eu tenho aquele quarto enorme e soalheiro exclusivamente para mim” (Hillesum, 2009, p. 191), não poderia haver maior desgraça, para sua vida, do que seu despertencimento aos menos afortunados.

Nossa Etty consubstancia sua moralidade, espiritualidade e intelectualidade, que se refletem em sua escrita mais profunda com a invasão e os tentáculos criados pelos nazistas em Amsterdã, ao cogitar a possibilidade de se juntar ao Conselho Judaico. Pretenso órgão criado pelos nazistas para cuidar dos judeus, na verdade, se radicava como um aparelho de monitoramento e cerceamento dos semitas pela Europa.

Aconselham-me também a arranjar um emprego de fachada no Conselho Judaico. [...] É como se fosse um pedaço de madeira a boiar no vasto oceano após o naufrágio, ao qual a maior quantidade possível de gente tenta agarrar-se. [...] E também não faz parte do meu caráter usar meus bons conhecimentos para **meter cunhas**. Parece, aliás, que há montes de intrigas por lá e o rancor por esse estranho órgão **mediador** aumenta hora por hora. E além disso: mais tarde ou mais cedo há-de chegar a vez deles. [...] (Hillesum, 2009, p. 251, grifos nossos) [11/07/1942]

Etty se coloca contra a possibilidade de fazer parte do Conselho, acreditando ser um local de atitudes pouco lícitas. Era também crescente a animosidade pelo órgão, que pouco mediava, e sim identificava, controlava e saqueava os judeus. Ela tinha razão. Mas seu irmão Jaap, preocupado com o cerceamento imposto em Amsterdã, aconselha a irmã a solicitar uma vaga. Foram apenas 15 dias, entre 15 e 30 de julho de 1942 (Pereira, 2021). Tempo suficiente para acolher o sofrimento dos que por ali passavam – “E o pavor estampado naquelas caras. Todas essas caras, meu Deus, essas caras! [...] Espero ser um núcleo de serenidade naquele manicômio” (Hillesum, 2009, p. 261).

Essa atitude moral, sua correção frente às injustiçadas, se repetem por boa parte de suas notações. A resiliência e resistência, mesmo antes de Westerbork, características de uma espiritualidade sobre-humana, reforçam sua descrença no Conselho e no seu papel diante de tamanha desgraça: “Não acredito muito nesse trabalho, se durasse muito tempo, ficaria, creio, completamente apática e resignada. No entanto, estou grata por não me teres deixado ficar sossegada a esta secretária, mas ter-me colocado no meio do sofrimento e das ralações desta época” (Hillesum, 2009, p. 266).

Sua última datação referente ao período em que esteve no Conselho Judaico foi em 29 de julho de 1942. Neste recorte, E. H. faz comentários sobre seu trabalho e alguns colegas, descreve sempre corredores cheios de gente, e sua alienação frente a tudo aquilo, em um canto da sala, ao tomar Rilke pelas mãos: “Há uma centena de pessoas a conferenciar a monte numa divisão pequena, as máquinas a escrever fazem barulho, e eu estou sentada num cantinho qualquer e leio Rilke” (Hillesum, 2009, p. 270).

Todas essas questões iluminaram nosso caminhar até este momento da pesquisa, onde esbarramos na percepção de que só estamos hoje refletindo sobre Esther Hillesum, e seus diários, porque ela colocou sua existência futura como parte da nossa existência presente. Através de seus relatos criamos certa intimidade com a autora, seja por ser uma narrativa testemunhal, ou por ser mulher, não importa, a ponto de ela se fazer presente, hoje, em nós. Seja como narradora de um tempo histórico terrível que não poderia ser esquecido (a tal “cronista de horrores” da qual ela queria se afastar), ou como a escolhida de Deus que já tem seu destino traçado. O seu desassossego torna-se nosso alento.

Foi o desassossego de sua alma que especialmente traçou seu carácter, sua escrita e suas ações sempre voltadas para o outro e para o futuro da humanidade. A Etty Hillesum humana, transformou ódio em benevolência com o próximo, ao não responsabilizar todo o povo alemão



pela barbárie de alguns. A mulher mística se encontrou no Deus cristão, e ajoelhou-se inúmeras vezes em busca de força para ajudar os outros, e não a si. A feminista, é aquela que abre seu diário dizendo ter uma sexualidade refinada, que dorme com dois homens mais velhos ao mesmo tempo, ou quando questiona o papel social de todas que são impedidas de circular pelas ciências e artes.

Suas inquietações e dores constroem um *malheur* particular. Um sofrimento vivenciado distintamente daquele experienciado por Simone Weil, e que discutiremos a seguir. As barbáries cometidas contra Etty e seu povo (judeus, católicos, ciganos, comunistas, alemães), legaram à humanidade um pensamento humanista e espiritual que, ao longo das últimas décadas, com a publicação e reedições de seus diários e cartas, têm sido analisados por diversas áreas.

O que percebemos ao longo de nossa pesquisa é que a bruma que envolve o ser de Etty Hillesum, e que lhe conferiu o status de mística entre religiosos e alguns estudiosos, foi, para nós, o incentivo primeiro para buscar, na mistagoga, a escritora. Sua escrita carrega o bem e o mal, dor e alegria, desumanidade e fé, equilibrando sofrimento e amor em uma mesma narrativa.

Queremos dizer que o *malheur* de Etty Hillesum, mais do que qualquer outra coisa, é a marca da sua escrita, dos diários às cartas. O seu legado espiritual e literário tem como base a dor, o infortúnio. E são essas características que conferem à sua obra o status de *literatura de testemunho*, muito bem esclarecido por Couto (2018, p. 439), ao afirmar que seus diários são “a small story of enlightenment and eclipse of sun and shadow, it is a story where the attention goes right to the absentm the memory, the anamnesis”<sup>50</sup>.

#### 4.3 A literatura de testemunho e o *malheur*: aproximações entre Etty Hillesum e Simone Weil

*Her diaries are war diaries in the sense that the writer is deeply involved in what the Nazism means, and in what respect in endangers civilization and cultures*<sup>51</sup> (Costa, 2018, p. 439).

Nosso olhar sobre a obra de Etty Hillesum traz consigo reflexões específicas, recortes do sofrimento por ela carregado, onde a *literatura de testemunho*, que se caracteriza por uma escrita pessoal, memorialística, mas muitas vezes subjetiva, é o meio que possibilita o

<sup>50</sup> “uma pequena história de iluminação e um eclipse de sol e sombra, é uma história onde a atenção vai direto para a ausência, a memória, a anamnese”. Tradução livre da autora.

<sup>51</sup> “Seus diários são diários de guerra no sentido de que a escritora está profundamente envolvida no que o nazismo significa e em que medida ele ameaça a civilização e as culturas”. Tradução livre da autora.

transbordamento de seus medos, orações, alegrias, amores e tantos outros sentimentos. Este doutoramento busca, dentre outros objetivos, aproximar a vida, o pensamento e as emoções descritas por Etty ao conceito de *malheur* de Simone Weil. Sim, a tentativa é ter Weil como escopo teórico-reflexivo do pensamento histórico, social e porque não místico de Hillesum.

Sendo assim, iniciamos nossa contextualização tomando como referência o livro *Simone Weil: ser e sofrimento* (2019), e o didatismo de seus autores ao tratarem suas obras e conceitos, introduzindo com simplicidade e objetividade algumas questões sobre o pensamento weiliano.

Uma parte do pensamento filosófico de Simone Weil é construído a partir da sua compreensão sobre o sofrimento e de sua própria vivência dele. E mesmo que este pareça ser apenas um substantivo com múltiplos significados, em Weil, ele é o condutor de seu ser e “algo de natureza eminentemente afetiva e que ao mesmo tempo, se encontra na origem da sua filosofia” assegurando que “o *páthos* se encontra na origem da atividade filosófica” (Bueno; Vale, 2019, p. 67-68).

Este *páthos* (no grego *πάθος*) da emoção, dos sentimentos e da empatia, próprios do ser humano, compreende-se também como uma disposição por uma atividade intelectual. Em Weil encontramos tal disposição nas reflexões sobre o sofrimento/desenraizamento das pessoas, de grupos ou classes sociais, e, conseqüentemente, na compreensão do sujeito e de suas ações no mundo.

A filosofia é assimilada por ela como um *modus vivendi*, isto é, uma transformação integral do sujeito que possui implicações não apenas cognitivas, senão também afetivas e concretas, o que se elabora como condição de possibilidade para a compreensão adequada do percurso da sua concepção de sofrimento que culmina na definição deste como um ensinamento, uma transformação (Bueno; Valle, 2019, p. 18).

Este é “o processo interior da intelectual Simone Weil”, que “vai imbricar-se com a realidade interior de opressão e injustiça no mundo do qual são vítimas muitos milhões de seres humanos” (Bingemer, 2012, p. 140), e que vão muito além dos assassinatos em guerras ou campos de concentração. Seu processo intelectual tem o sofrimento como base do seu pensamento filosófico e é condição *sine qua non* da sua própria existência, pois através dele (o sofrimento), a filósofa reflete sobre o sujeito, seu movimento de transformação espiritual e individual. Simone Weil reflete sobre si.

A linguagem mística adotada por Weil pressupõe um leitor mais atento, interessado no que ela tem a dizer sobre “o sofrimento como particularidade ontológica”. Temos a ideia de uma filosofia weiliana que “não deve ser assimilada de um ponto de vista acadêmico, uma vez

que a pensadora francesa não tem o propósito de construir uma reflexão voltada para essa finalidade” (Bueno; Valle, 2019, p. 44-45), mas sim, uma reflexão que vá em busca de uma discussão sobre a natureza do ser e sua existência.

Em sua obra *Espera de Deus* (2019), um apanhado de correspondências que datam de janeiro a maio de 1942, Weil aborda questões como o bem e o mal, o amor de Deus e o não querer se batizar, sobre seus medos e sobre o sofrimento. Apesar de esta não ser uma obra acadêmica, tornou-se, ao longo dos anos, um refúgio para os estudos sobre o pensamento místico weiliano. Nela, Weil pondera e nos acolhe com uma profunda reflexão, distinguindo o sofrimento do *malheur*, ao mesmo tempo em que nos diz que um depende do outro para existir: “no campo do sofrimento, o infortúnio é uma coisa a parte, específica, irreduzível. Ele é algo completamente diferente do que o simples sofrimento. Ele toma conta da alma e fere, até seu âmago, com uma marca que só pertence a ele, a marca da escravidão” (Weil, 2019, p. 82). Infortúnio é uma das traduções do *malheur* weiliano.

Ao comparar o estado de *malheur*, se assim podemos dizer, à escravidão – “De um lado, há uma certa espécie de abnegação ligada à escravidão que, longe de ser um signo de consentimento, é um efeito direto de um sistema de constrangimento brutal; pois no *malheur* a natureza humana procura desesperadamente compensações não importa onde” (Weil, 2025, p. 57) -, Simone Weil aponta o desenraizamento, ou seja, o desprendimento do ser de sua existência enquanto sujeito, de forma forçada obviamente, como causa, motivo e até mesmo desculpa para as maiores atrocidades infringidas aos seres humanos ao longo da existência.

Tomando sua experiência enquanto operária como base empírica para suas primeiras discussões sobre o sofrimento e o distanciamento do ser de sua existência (desenraizamento), feitas em Marselha, na França, entre os anos de 1941 e 1942, temos uma Simone Weil que reflete:

[...] No decorrer dos últimos anos senti-se bem que, de fato, os operários da fábrica estão de alguma forma desenraizados, **exilados em sua própria terra**. Mas não se sabe por quê. [...] A infelicidade do operário da fábrica é ainda mais misteriosa. Os próprios operários dificilmente podem escrever, falar e até mesmo refletir a esse respeito, pois a primeira consequência da infelicidade é o que o próprio pensamento se quer evadir, não quer considerar a desgraça que o fere (Weil, 1996, p. 155-156, grifo nosso).

O exílio dentro de sua própria nação ou de seu ambiente de trabalho reforça a sensação de não pertencimento dos operários à sociedade ou ao espaço de trabalho. Segundo Weil, a infelicidade, consequência de um certo deslocamento interno, uma alienação em relação às

condições de trabalho, está diretamente ligada à ausência de força mental que impede a pessoa de “escrever, falar e até mesmo refletir a esse respeito”. Esta sensação, causada pela infelicidade que não se entende (“misteriosa”), que se desconexa da realidade e “fere”, é o desenraizamento que desumaniza, segundo a filósofa francesa.

A natureza do ser que mata e que morre é a base do pensamento metafísico de Simone Weil. No trecho abaixo, assim como Maria Clara Bingemer (2011, p. 132), constatamos que a vivência e a compreensão do mal, a dor de ser oprimido, só pode ser estudada com propriedade por alguém que tenha vivido as mesmas dores, que tenha sofrido da mesma opressão da qual se fala. Simone Weil foi essa pessoa que “viveu na carne a violência de duas guerras mundiais” e que,

[...] Possuidora de uma mente brilhante e um coração extremamente compassivo e solidário, fez de sua vida uma trajetória de entrega e serviço em que a religião terminou por ser um poderoso indicativo. Sobre a violência que viveu e sofreu, teve algumas intuições fulgurantes. A questão da **violência e do mal** – e, por contraste, também da não violência está no centro de seu pensamento, por meio do qual ela procura poder trazer iluminações verdadeiramente primordiais e, ousaríamos dizer, definitivas para todo o pensamento **ético** e religiosos que se elabora em torno da questão no início de um novo século. (Bingemer, 2011, p. 132, grifo nosso).

Para Simone Weil, o mal poderia ser cometido sem nenhuma violência. A brutalidade quase invisível que destroça corpo e alma, e que se atrela em seu pensamento às relações no mundo do trabalho, nas péssimas condições dos ambientes laborais e nas diferenças entre as classes, desaguam em um abismo de injustiças sociais. Esta discussão em Weil trouxe ao pensamento contemporâneo outra preocupação, a ética. Ou a ausência desta.

Podemos discutir esta questão a partir de outros prismas. Os estudos desenvolvidos pela filósofa francesa Jacqueline Russ, por exemplo, examinam a existência de um “vazio ético” na sociedade em decorrência do fim ou apagamento das tradições, como já apontamos. Nos diz a autora que é “num vazio absoluto que a ética contemporânea se cria, nesse lugar onde se apagaram as bases habituais, ontológicas, metafísicas, religiosas da ética pura e aplicada” (Russ, 2015, p. 10). Ela nos faz refletir sobre a ausência de valores éticos, ou ainda do surgimento de novos valores, e que estes justificam ações pouco ou nada morais, como o extermínio dos judeus.

A desestruturação social reforçada pelo discurso de que o povo judeu seria o responsável pelos problemas políticos e econômicos da Alemanha, e que nos remete à Figura 1 (p. 59), aponta os judeus como responsáveis pelo infortúnio alemão. É neste tipo de ambiente social que os valores éticos são destruídos, propiciando a instalação de regimes totalitários.

Vejamos como tratar desta questão, tomando de empréstimo um trecho de uma correspondência enviada por Etty, publicada junto a outras no livro *Cartas – 1941-1943* (2009). Em suas correspondências, podemos conhecer um pouco mais da sua vida, de sua relação com Julius Spiers, seu grande amor, da espiritualidade latente e de seus pensamentos frente à invasão nazista aos Países Baixos. Suas palavras são de esperança e resistência, responsabilizando a humanidade pela criação de uma nova existência no mundo cercada de amor e compaixão.

Percebemos, ao adentrarmos em seu interior, que suas palavras vão além de um simples relato histórico. Somos presenteados com uma profunda análise da condição humana, da espiritualidade que crescia a cada nova sobrevida em Westerbork e um manifesto à resistência moral e ética frente à tamanha dor. Um exemplo é a carta 46, endereçada a Johanna e Klaas Smelik, que nos ajuda a refletir sobre esse “vazio ético”, onde não importa o lado que você esteja, toda a humanidade parece comprometida:

[...] Na noite do transporte, um jovem polícia holandês com ar triste disse-me: ‘Perco mais de dois quilos em noite destas, e limito-me a escutar, olhar, e calar-me’. E é por esse motivo que eu também não gosto de escrever muito sobre isto. Mas estou a divagar. Queria dizer apenas o seguinte: a miséria aqui é realmente terrível e, ainda assim, à noite, quando o dia caiu num abismo atrás de mim, costumo caminhar a passo enérgico ao longo do arame farpado e, nessas alturas, volta a assolar-me o sentimento – não consigo evita-lo, as coisas são como são, existe uma força elementar – de que esta vida é algo de gloriosos e magnífico e que, um dia, teremos de construir um mundo totalmente novo. (Hillesum, 2009, p. 153-154). [03/07/1943, de Westerbork]

A análise profunda que nossa autora-personagem faz da situação do jovem policial é reflexo da existência obscura do homem frente ao terror que também lhe acomete. A ela coube reconhecer a dor, crendo na beleza da vida, da existência humana, e projetando um novo mundo com novos valores. Sua atitude vai contra o “vazio ético” representado pelo policial, que ao “escutar, olhar” e calar-se, reforça sua passividade ética frente ao mal. Hillesum combate este vazio com reflexão e amor à humanidade.

Se de um lado temos a emoção que aflora em sua escrita – “um jovem polícia holandês com ar triste” -, de outro é a racionalidade – “a miséria aqui é realmente terrível”. Os sentimentos e opiniões se contrapõem entre a crença na bondade do ser humano, no enxergar beleza na vida por trás do arame farpado, versus a brutalidade e a “banalidade do mal”, naturalizada no discurso do policial e nas ações dos nazistas.

O agir banalmente frente a um mal inimaginável, ou seja, o não questionar criticamente uma situação ou ainda se recusar a agir frente a certas ordens “imorais”, explica o que Hannah

Arendt refletiu em seu livro *Eichmann em Jerusalém* (1999)<sup>52</sup>: todos nós somos capazes de cometer atos violentos se abdicarmos do pensamento racional e da ética como princípios norteadores de nossas vidas.

[...] ‘Com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu – nunca matei nenhum ser humano. Nunca dei uma ordem para matar fosse um judeu fosse um não judeu; simplesmente não fiz isso’, ou, conforme confirmaria depois: ‘Acontece [...] que nenhuma vez eu fiz isso’ – pois não deixou nenhuma dúvida de que teria matado o próprio pai se houvesse recebido ordem nesse sentido. Por isso ele repetia incessantemente [...] que só podia ser acusado de ‘ajudar e assistir’ à aniquilação dos judeus, a qual, declara ele em Jerusalém, fora ‘um dos maiores crimes da história da Humanidade’. (Arendt, 1999, p. 33).

Eichmann não acredita que suas ações devem ser julgadas, já que, apenas obedece a ordens superiores. Assim como também não acredita ter sangue em suas mãos. Para ele, ajudar e assistir, mesmo que saibamos de sua participação na organização dos transportes para os campos de concentração, não significa que deve ser responsabilizado pela morte de judeus.

Hannah Arendt nos apresenta um soldado do nazismo cuja incapacidade de agir racionalmente não lhe permite reconhecer que suas atitudes frente às mortes são de sua responsabilidade. Assim como Eichmann, outros nazistas presos e julgados, usaram da mesma prerrogativa para se isentarem de sua participação ativa, durante os anos de guerra. Uma nova ética fora criada junto ao surgimento do regime nazista. Tal ética se estabelece nos vazios de Weil, Arendt e Russ. E mais pontualmente, nas entrelinhas das reflexões cotidianas sobre o sofrimento de Etty Hillesum.

Notamos que o sofrimento é uma temática comum, tanto em Etty Hillesum, como em Simone Weil. A primeira, trata da questão descrevendo sua própria vida de restrições, as dores passadas dentro e fora do campo de Westerbork, enquanto a segunda, discute o assunto em seus escritos publicados após sua morte, tendo como referência a sua própria experiência como operária em fábricas francesas, que lhe causaram sofrimento físico e mental. Assim como deixou de se alimentar para comungar da mesma situação dos soldados em guerra, a sua vida nos anos de fábrica também foi de abstinência, agora para comungar com os operários com quem dividia as horas exaustivas de trabalho.

---

52 Adolf Eichmann foi um oficial alemão nazista cuja responsabilidade era transportar o maior número de judeus e outros prisioneiros para os guetos e posteriormente para os campos de extermínio. Sua atribuição era sistematizar os transportes ferroviários durante o que ficou conhecido como Solução Final, que assassinaria milhões de judeus na Europa. Após a guerra conseguiu fugir para a Argentina onde viveu por 14 anos até ser sequestrado em 1960 pela polícia secreta de Israel. Em 1962 após seu julgamento é executado por enforcamento.

Ambas viveram o sofrimento e relataram suas impressões, deixando para a posteridade testemunhos históricos, sociais e culturais essenciais para as discussões sobre o ser e o existir em tempos sombrios. Podemos claramente afirmar que é natural pensarmos em questões éticas quando estudamos suas obras.

Uma e outra têm em comum, também, o fato de serem conhecidas nos meios acadêmicos e religiosos como místicas. Seja na teoria ou na prática, em vida e mais ainda após suas mortes, seus escritos vêm sendo ao longo das décadas estudados por diversas áreas do conhecimento, e o interesse aumenta a cada novo olhar para seus pensamentos. Mas o ponto de partida sempre é o mesmo: a abnegação em relação à própria vida em detrimento do outro. Não é à toa que Etty Hillesum encerra sua anotação, em 13 de outubro de 1942, provando seu lado místico, e nos acalentando: “Parti o meu corpo em pão e reparti-o pelos homens. Por que não? Não estavam eles extremamente famintos e carentes há tanto tempo?” e “Gostaria de ser um bálsamo para muitas feridas” (Hillesum, 2009, p. 333). Sabemos que Etty e Simone viveram uma profunda busca pela espiritualidade.

Hillesum desenvolveu uma relação íntima de diálogo cotidiano com Deus relatado em seus diários. A Ele pediu saúde e sabedoria – “Quero compreender o que está a acontecer, gostava que todos aqueles que eu consiga alcançar – e sei que posso alcançar muitos, dá-me saúde, ó Deus” - fé e força – “Meu Deus dá-me a mesma calma grande e poderosa que também existe na tua natureza. E se queres que sofra, nesse caso dá-me o sofrimento imenso e absorvente [...] Dá-me calma e confiança” (Hillesum, 2009, p. 321) – além de aptidão para escrever - “Deus, deste-me o dom de as poder ler, eras capaz de me dar também o dom de as conseguir escrever?” (Hillesum, 2009, p. 325). Vemos que Etty Hillesum deixa de legado para posteridade, discussões hoje tão prementes em nossa sociedade: a bondade e a crença na humanidade não devem ser utopias, e a importância da escrita memorialística para a sobrevivência desta mesma sociedade.

Já Simone Weil buscou nas mais diversas tradições religiosas, o entendimento para sua existência, o que se reflete em várias de suas obras publicadas. Foi no sofrimento causado pela pobreza em que viviam os operários - “esta vida de escravos” (Weil, 1936 apud Bosi, 1996, p.127) ou “a fábrica faz deles, e em sua própria terra, estrangeiros exilados, desenraizados” (Weil, 1996, p. 166) - e na violência política, que o pensamento weilliano se estabeleceu. Tal opressão social encontra-se em seus ensaios, cartas e reflexões filosóficas.

Weil acreditava que para que houvesse mudanças “muitos dos males que surgiram nas fábricas” fossem nelas corrigidos, cabendo aos engenheiros não apenas construir máquinas,

mas também “não destruir homens” e “não torná-los dóceis nem mesmo torná-los felizes, mas, simplesmente, não obrigar nenhum deles a se aviltar” (Weil, 1996, p. 175). A infelicidade e o sofrimento, que para a autora apresentam-se na forma de submissão, devem ser combatidos.

Em comum, Hillesum e Weil têm uma intensa e autêntica espiritualidade aflorada, que pode ser verificada em suas ações e escritos. Ambas sofreram os horrores da guerra, testemunharam sobre esse sofrimento e lutaram contra todas as mazelas com amor e compaixão. Seus testemunhos tornam-se escritas de resistência ao legarem, para a posteridade, discussões sobre o sentido da vida, sofrimento, esperança, humanidade e ética. Trabalhos acadêmicos, assim como a literatura, têm essa responsabilidade de trazer novas interpretações aos fatos. Se não fossem os novos olhares sobre a história, talvez ainda estaríamos acreditando na ideia de que um povo, os judeus, seria capaz de destruir econômica e moralmente uma nação, como foi pregado pelo regime nazista.

Arriscamos dizer que a escrita acadêmica, com todas as suas regras, valida a existência de um texto literário, autenticando, ou não, seus relatos, lhe atribuindo importância no mundo editorial, mas mais ainda, nos fechados muros que são as instituições de ensino que veem os textos não científicos como menos importantes. Foi o que buscamos transpor nesta tese.



## 5 CONSIDERAÇÕES

Ao iniciarmos esta pesquisa, buscávamos respostas que explanassem sobre a *literatura de testemunho* e a *escrita de si*, como categorias literárias que têm, na construção da memória, a marca de suas existências. Queremos dizer com isso que os gêneros literários autobiografia e biografia, representados por diários e cartas, a saber, inserem-se nesta categoria. Fomos além ao propor uma nova categoria, a do sofrimento (*malheur*), a somar-se e reforçar a ideia de que este tipo de literatura, comum entre grandes desbravadores ou em períodos históricos onde a sobrevivência da espécie e da história também se dão por meio da escrita, são extremamente importantes. Ou melhor, uma não existiria sem a presença da outra.

Para ficar mais claro, apresentamos os diários como obras literárias que dizem de uma pessoa e de um tempo, são *escritas de si* que tem no testemunho e nas memórias em tempos de guerra, ou de algum tipo de privação ou violência, a ratificação para se estabelecerem como categoria literária. Assim, justificamos pesquisar Etty Hillesum e seus diários, onde buscamos compreender sua pessoa e sua obra, trazendo à luz seus sentimentos e narrativas, ações e vivências para os dias atuais, para através deles, entendermos nossa relação com o hoje a partir do sofrimento por ela descrito em tempos de aprisionamento do corpo e da alma. Este “eu” dos anos 1940, confronta-se com o “eu” atual, não mais, apenas, na construção da memória, mas sim, em busca de visibilidade e contra o esquecimento.

Desta forma, a *escrita de si* e a *literatura de testemunho*, ao coexistirem com e a partir da categoria sofrimento, respaldam seu caráter memorialístico e respondem à nossa hipótese: a *escrita de si*, produzida por testemunhas de um tempo, possibilita aos novos leitores conhecerem sobre momentos históricos, delicados e violentos de forma fiel? Sim. E para chegarmos a esta resposta, abandonamos autores que destacam os diários como literatura menor, carregada de ficcionalização e emoção, a ponto de não poderem ser considerados documentos fiéis que retratam a realidade.

Etty Hillesum provou o contrário, ao descrever o dia a dia em Westerbork – e deixemos aqui de chamá-lo de campo de transição, era um campo de concentração onde milhares morreram – quase que simultaneamente aos fatos ocorrerem, dando respaldo a sua escrita e aos fatos. Isto porque ao relatar os acontecimentos quase simultaneamente ao seu acontecimento, ela confere à sua escrita autenticidade, aproximando o leitor da realidade histórica vivida. Essa proximidade temporal, torna a narração mais crua e verídica, seja no aspecto emotivo das narrativas literárias, seja na força que sua escrita carrega ao tratar tão cruamente o sobreviver

mais um dia. Essa descrição impregna sua escrita de uma dramaticidade intensa, pois ao não suavizar ou distanciar os acontecimentos, ela revela o horror cotidiano vivido no campo. Isso transforma sua narração em um testemunho carregado de emoção, sofrimento e urgência moral, confrontando o leitor com a brutalidade da história enquanto ela se desdobra. Etty não apenas documenta, mas também dramatiza a experiência vivida (o que pode incomodar alguns acadêmicos, que denominam a escrita de ficcional), dando voz imediata e poderosa aos horrores do campo, intensificando o impacto ético e emocional do texto.

As características da *literatura de testemunho* segundo Seligmann-Silva, incluem a suspensão da neutralidade factual pura, pois a narração testemunhal está imbuída de intencionalidade crítica e ética; a presença do sujeito testemunha como protagonista da narrativa; e a escrita que se tensiona entre o relato individual e a representação coletiva, constituindo assim um espaço para a reconstrução da identidade e da dignidade.

Além disso, a *literatura de testemunho* é vista como uma forma de escritura que relaciona a experiência pessoal ao evento histórico traumático, oferecendo uma perspectiva singular, porém universal, do mal sofrido e da resistência humana, aspecto que a tese faz questão de relacionar tanto à obra de Etty Hillesum quanto à filosofia de Simone Weil.

Portanto, Seligmann-Silva ajuda a fundamentar a compreensão da *literatura de testemunho* como um vetor ético-literário que ultrapassa a simples narrativa, para se tornar uma construção memorial e crítica, essencial para a preservação da memória e para a reafirmação da humanidade diante do mal.

Em nossa pesquisa, Seligmann-Silva é uma referência fundamental para definir as características da *literatura de testemunho*, destacando o gênero que se soma ao relato documental, da experiência pessoal a uma dimensão literária e ética, onde o testemunho não é mero acúmulo de fatos, mas uma narrativa subjetiva e responsável, que denuncia o mal e resiste ao apagamento da memória coletiva.

Destacamos, a partir do autor, que a *literatura de testemunho* tem como marcas principais a suspensão da neutralidade factual, a presença ativa do sujeito que testemunha como protagonista e a tensão entre o relato individual, além da construção de uma memória coletiva. Assim, esse gênero se posiciona como um espaço ético para o registro da violência e do sofrimento, permitindo, a partir dos leitores, a reconstrução da dignidade das vítimas.

No caso específico dos diários de Etty Hillesum, essa tradição da *literatura de testemunho* articula-se com a *escrita de si*, reforçando uma ética da memória crítica e aberta ao diálogo, entre o individual e o histórico, assumindo um papel crucial na preservação da

memória, na sua transmissão, bem como na afirmação da humanidade que resiste diante do mal, em consonância com as reflexões filosóficas de Simone Weil.

Dessa forma, a tese fundamenta o entendimento da *literatura de testemunho* como um instrumento ético-literário imprescindível, que transcende o relato pessoal, para construir significados coletivos e críticos perante a violência e a desumanização.

Outra questão relativa à *literatura de testemunho* é sua existência como narrativa da modernidade, onde o sujeito se coloca dentro do mundo, estando cercado de outros sujeitos. É uma narrativa de cunho existencial, onde o mundo se reflete, também, por meio das subjetividades dos seres humanos. Para isso, defendemos a asserção de que a construção de memórias de grupos considerados menores dentro da imensidão que é uma sociedade (mulheres em tempos de guerra, por exemplo) constrói, a seu ver e com características peculiares a seu grupo, novos saberes. Estes novos saberes viriam como uma libertação das condições impostas por estruturas de poder dominantes (geralmente masculinas). As experiências de Etty Hillesum constroem memórias não apenas do povo judeu, mas também do ser mulher dentro de condições tão peculiares de existência.

Tratamos desta questão ao debatermos com o *feminino* e o *feminismo*, com a invisibilidade nas narrativas oficiais sobre a mulher aprisionada, a mulher brutalizada, a mulher destituída do ser mulher pelo regime nazista. Assim como todo o povo aprisionado em campos de concentração tinha sua cabeça raspada, sua identificação tatuada no braço e uma roupa listrada para cobrir a pele como forma de dominação do corpo e da alma, para mulher, o sofrimento era maior.

Não há relatos em seus diários de histórias sobre o uso sexual de prisioneiras, mas temos conhecimento desta realidade. Primo Levi, em seu livro, discorre brevemente sobre tal prática. Além da brutalização, a mulher na maioria das vezes exercia papéis fundamentais para a sobrevivência dos demais. Etty Hillesum trabalhou no hospital de Westerbork e depois na logística das pessoas que seriam transportadas para os campos de extermínio. Além de ter sido, o “coração pensante” e “a personalidade luminosa” dos barracões, ao acalantar todos com sua esperança em dias melhores, com mais humanidade, amor e compaixão.

Esta realidade descrita em papel pautado, com letra espremida como que para dizer o máximo de informações em uma só página, foi o que nos instigou a pesquisar a relação existente entre o conceito de *malheur*, de Simone Weil, e o fortalecimento de uma *literatura de testemunho* que constrói memória coletiva a partir de memórias individuais. A desgraça ou

infortúnio descritos por Etty, foram subsídios para dar a este gênero, que constrói as histórias do Holocausto, a dor e o sofrimento como especificidade de uma categoria literária.

Conjecturamos sobre esta questão discutindo com algumas autoras e autores como a própria Weil, nosso suporte teórico, mas também com textos e pensamentos que enxergam a *literatura de testemunho* e a *escrita de si* por outros vieses, como Maria Clara Bingemer, que percorreu toda a pesquisa, discutindo a questão mística na escrita de autoria feminina, ou Seligmann-Silva, que destaca o papel da *literatura de testemunho* como constructo de memórias, entre outros. Nos somamos a eles por meio da discussão filosófica.

A partir de uma abordagem investigativa e reflexiva, nos posicionamos criticamente como pesquisadora, e somamos a função de interpretar, ao comprometimento com os relatos de sobrevivência, papel legado ao leitor e leitora dentro do processo de aproximação entre a *literatura de testemunho*, a *escrita de si* de autoria feminina e a narrativa memorialística, para responder ao nosso objetivo central: como a *literatura de testemunho* e a *escrita de si* são constructos da memória e do *malheur* weiliano nos diários de Etty Hillesum?

A análise de seus diários cruzou literatura, filosofia, memória e testemunho em um contexto histórico marcado pelo Holocausto. Suas narrativas, que contextualizam um momento crucial da história, apresentam o sofrimento infringido aos judeus e aos que foram contra o regime nazista, por meio de uma escrita pessoal, em primeira pessoa, carregada de emoção e religiosidade. Essa escrita pessoal, que fala de si para que outros a conheçam, muitas vezes nos dá a sensação, na leitura dos diários, de ouvirmos a própria Etty em pé no barracão contando uma história que precisa ser ouvida.

A narrativa pessoal e testemunhal de Etty de Hillesum dá aos leitores uma imagem do que eram os dias dentro de um campo de concentração, ao mesmo tempo que entrega, pela literatura, a história sendo retratada quase que ao vivo, para se consolidar como memória dos fatos. A memória que apresentamos nesta pesquisa é aquela que se constitui do sofrimento, e este é aquele descrito por Simone Weil, como o sofrimento que desenraiza o homem do seu ser, o ser humano que não mais se reconhece como tal.

Destacamos a singularidade da escrita de autoria feminina de Hillesum, que transcende o relato pessoal, ao assumir um papel ético e coletivo, incorporando um compromisso com a compaixão, com a humanidade, e uma espiritualidade mística pautada no diálogo com Deus, mesmo em meio ao sofrimento extremo. Tal espiritualidade é comparada e iluminada pelo pensamento de Simone Weil, envolvendo temas como a presença e ausência do divino, a

banalidade do mal (em diálogo com Hannah Arendt), e a responsabilidade ética do ser humano diante do mal absoluto.

A pesquisa dialoga ainda com teorias literárias, como a estética da recepção de Hans Robert Jauss, analisando o papel ativo do leitor para dar significado e historicidade ao texto; com conceitos foucaultianos de *escrita de si* como forma de resistência e prática contra a solidão; e com perspectivas feministas que valorizam a escrita feminina enquanto prática libertadora e reconstrução da identidade e memória da mulher.

Além disso, abordamos nesta tese a relação entre corpo, feminino e feminismo na trajetória de Hillesum: sua sexualidade livre, suas decisões (o aborto), o sofrimento resistindo à disciplina opressora do corpo no campo de concentração, sua escrita constituindo uma narrativa que denuncia a invisibilização, e a supressão do feminino na história marcada pela violência.

Outro ponto importante é o desenvolvimento da discussão sobre pacto biográfico apresentado por Philippe Lejeune, colaborando com a discussão sobre a *escrita de si*, o diário e o relato da experiência pessoal em Etty Hillesum, implícita na construção do ethos do sujeito-locutor e na relação entre autor, obra e leitor. Essa dimensão está presente na análise da *escrita de si* como gênero confessional e na *literatura de testemunho*, onde destacamos a importância da fidedignidade das anotações de Hillesum, a expressividade das emoções e a construção de uma memória individual que transcende para o coletivo.

Hillesum, ao escrever seus diários, estabelece uma relação dual: ela dialoga consigo mesma (escrita íntima e reflexiva), e também com seus futuros leitores e leitoras, que receberão o testemunho de seu sofrimento e resistência, bem como sua busca espiritual salvadora. Essa dupla interlocução reforça a presença do pacto autobiográfico, pois há uma intenção ética em não só narrar a própria vida, mas preservar a memória das vítimas do Holocausto e deixar um legado mais humanista para as gerações futuras.

O texto da tese enfatiza ainda, o compromisso de sua escrita autobiográfica com a realidade dos eventos vividos (factualidade), e, ao mesmo tempo, a inserção de uma dimensão filosófica e mística. De tal modo, o pacto autobiográfico ganha uma camada de profundidade: não se trata apenas da narração da vida da autora, mas da sua dedicação reflexiva e crítica com questões existenciais profundas, que ampliam sua autenticidade, adotando o testemunho ético como uma forma de resistência ao esquecimento e à desumanização.

Também destacamos, na análise, a inserção da escrita autobiográfica/diarística feminina de Hillesum, no contexto dos discursos normativos de gênero, onde a autora desafia as

expectativas e as limitações impostas às mulheres, consolidando um pacto autobiográfico que pode ser lido como uma forma de empoderamento e de reconfiguração da identidade feminina na escrita.

Nesta perspectiva, abordamos o pacto autobiográfico no contexto dos diários de Hillesum, como um elo fundante da *literatura de testemunho* e da *escrita de si*, que sustenta o diálogo entre sujeito e mundo, memória e ética, sofrimento e resistência, numa escrita que se compromete com a verdade e com a reconstrução de uma identidade afirmativa diante do mal. Essa abordagem contribui para ampliar a compreensão do papel do diário e da escrita autobiográfica, em contextos de opressão e violência extrema, como constructos da memória. Mais uma vez, em Etty, de uma memória que se constrói pelo sofrimento.

Simone Weil, no contexto desta tese, exerce papel fundamental ao fornecer a base filosófica para compreender o conceito de *malheur*, que é central na análise dos diários de Etty Hillesum. Weil, cujos empenho e pensamento atravessam as experiências da opressão, sofrimento e desumanização, refletindo criticamente sobre as causas primeiras da miséria humana — a força e a opressão — e suas consequências éticas, é referência para ampliar a discussão e interpretação do sofrimento narrado por Hillesum, situando-o num horizonte filosófico profundo, que conecta a infelicidade existencial à ausência de amor e à desumanização causada pelos regimes de poder, especialmente o nazismo. A reflexão weiliana sobre a atenção, o amor e a responsabilidade diante do mal, contribui para uma leitura onde o mal não é apenas algo externo, mas um problema ético-espiritual que desafia tanto a vítima quanto o observador.

Simone Weil é reconhecida por sua postura ética e trajetória de vida marcada pela solidariedade com os oprimidos — como operária e militante —, conferindo autenticidade à sua filosofia da miséria humana, da resistência pela compreensão e da reconexão espiritual. Sua influência no trabalho reforça o diálogo interdisciplinar entre literatura, pensamento filosófico e ética, e destaca a dimensão transcendental e existencial da escrita memorialística de Hillesum.

Assim, inseri-la estrategicamente em nossa pesquisa foi agregar à discussão sobre *literatura de testemunho* a de uma ética da memória e do sofrimento, que suplanta o relato pessoal, para construir significados coletivos e resistir ao apagamento histórico e das vítimas do Holocausto.

Buscamos com este trabalho contribuir de forma significativa com os estudos sobre literatura, memória e estudos culturais, mantendo viva a voz de Etty Hillesum como símbolo da resistência humana, da esperança e do amor em tempos de horror. Destacamos, ainda, a

relevância social e intelectual desta pesquisa ao contribuir, ainda que de forma modesta, para as ciências humanas contemporâneas, em especial os campos da *literatura de testemunho*, da escrita memorialística e da filosofia, no caso aqui, marcadas pelo sofrimento.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.** (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.

ALCORÃO. **Surata 59 (al-Ahzab) versos 58-59.** Disponível em: [http://islamicsufism.com/pr/verses\\_hijab.html](http://islamicsufism.com/pr/verses_hijab.html) Acesso em: 16 jun. 2024.

ARAÚJO, P. G. **Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura brasileira contemporânea.** 2011. 107f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011.

ARENDT, H. **Eichmman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEZERRA, C.C.; LIMA, E.V.G.; NOGUEIRA, M. S. M. O leitor nas obras de Jauss e Maguel: traçando paralelos com a leitura de autobiografia espiritual de Simone Weil. **Open Minds International Journal.** São Paulo, v. 4, n. 3, p. 206-220, Mai, Jun, Jul, Ago/2023. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/216> Acesso em: 17 jan. 2023.

BÍBLIA SAGRADA. **Epístola aos Coríntios.** Disponível em: [https://www.bibliaon.com/1\\_corintios\\_11/](https://www.bibliaon.com/1_corintios_11/) Acesso em: 16 jun. 2024

BINGEMER, M. C. L. Três mulheres judias diante do holocausto. In: BINGEMER, M. C. L. **A argila e o tempo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 213-271.

BINGEMER, M. C. L.; PUENTE, F. R. (orgs.) **Simone Weil e a Filosofia.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2011.

BINGEMER, M. C. L. A liberdade do Espírito em duas escritoras místicas contemporâneas: Etty Hillesum e Adélia Prado. In: BINGEMER, M. C. L. **Teologia e literatura: afinidades e segredos compartilhados.** Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro, Editora PUC, 2015.

BINGEMER, M. C. L. **Escrever como missão, uma literatura em direção à mística.** Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7754-escrever-como-missao-uma-literatura-em-direcao-a-mistica> Acesso em: 19 abr. 2025.

BINGEMER, M. C. L. **Aula aberta “Mística feminina contemporânea – Etty Hillesum e Simone Weil”.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tz5XEdSUxu4> Acesso em: 17 set. 2021.

BINGEMER, M. C. L. Filosofia e mística em Simone Weil. **Revista Cult,** São Paulo, v.6, n.64, p.60-65, 2002. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-e-mistica-em-simone-weil/> Acesso em: 06 abr. 2022.



BINGEMER, M. C. L. Etty Hillesum: teopoética e testemunho. **TEOLITERARIA** - Revista de Literaturas e Teologias. São Paulo, v.13, n.31, p. 73–95, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2023v31p73-95> Acesso em: 07 abr. 2025.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 270-278.

BOSI, A. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

BRANDÃO, M. S. Entre a permissão e a restrição: Madre Teresa de Jesus e a escrita feminina da primeira Modernidade. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica** (Recife. Online), v. 41, Jan-Jun, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/download/256554/43908/226805> Acesso em: 11 jul. 2023.

BUENO, D. A. B.; VALLE, B. **Simone Weil**: ser e sofrimento. Curitiba: Aprpris, 2019.

BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. Reino Unido: Routledge, 2006.

CABALLÉ, A. **Breve historia de la misoginia**. Antología y crítica. 3.ed. Barcelona: Ariel, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: para uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvin, 2003.

CERTEAU, M. **A fábula mística**: séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: GEN/Forense, 2015.

CONTALDO, S. M. Agostinho: a inquietação como fonte. **Civitas Agostinianas** – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v.8, p. 9-22, 2019. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/civaug/article/view/9987> Acesso em: 26 jun. 2024.

COSTA, D. Bright orange and crimson. How a dutch dissertation of Etty Hillesum was coloured by french philosophy. In.: SMELIK, K.; VAN OORD, G.; WIERSMAN, J. **Reading Etty Hillesum in Context**: writings, life, and influences of a visionary author. Amsterdam: Amsterdam University, Press B. V., 2018. pp. 431-444. Disponível em: [https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9789048533428\\_A35675843/preview-9789048533428\\_A35675843.pdf](https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9789048533428_A35675843/preview-9789048533428_A35675843.pdf) Acesso em: 25 mar 2023.

DA SILVA, G. A.; MOREIRA, J. dos S. P. A escrita de si de sujeitos femininos e sua diferença cultural. **Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 6, n. 1, p. 11–28, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/3223>. Acesso em: 27 fev. 2024.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2006.

DIAS, L. F. P. Hans Jonas e a reflexão sobre Deus e ética após Auschwitz. Revista di Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – **Último Andar**, São Paulo, v.26, n.41,

jan-jun, 2023. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/369572805\\_Hans\\_Jonas\\_e\\_a\\_reflexao\\_sobre\\_Deus\\_e\\_etica\\_apos\\_Auschwitz](https://www.researchgate.net/publication/369572805_Hans_Jonas_e_a_reflexao_sobre_Deus_e_etica_apos_Auschwitz) Acesso em 15 mar. 2024.

DURÃO, F. A. (2015). Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica E Aplicada**, v.31, n.4, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22230> Acesso em: 08 out. 2021.

ELIADE, M. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIZONDO, F. **A céu aberto e entre alambrados**: assim foram os últimos anos de Etty Hillesum. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/614225-a-ceu-aberto-e-entre-alambrados-assim-foram-os-ultimos-anos-de-etty-hillesum> Acesso em: 26 jan. 2023.

EVANS, M. Gender and Literature of the Holocaust: The Diary of Etty Hillesum, **Women: A Cultural Review**, v.12, n.3, p. 325-335, 2001. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1080/09574040110097328> Acesso em: 06 out. 2024.

FERREIRA, M. L. R. Cuidar dos outros, cuidar de Deus — o testemunho de Etty Hillesum. **Rev. Pistis Prax.**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 13, ed. espec., p. 321-337, 2021. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/87878568/Cuidar\\_dos\\_outros\\_cuidar\\_de\\_Deus\\_o\\_testemunho\\_de\\_Etty\\_Hillesum](https://www.academia.edu/87878568/Cuidar_dos_outros_cuidar_de_Deus_o_testemunho_de_Etty_Hillesum) Acesso em 29 mar. 2024.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. pp. 129-160.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. Tecnologias de Si, 1982. **Verve – Revista do NU-SOL**, São Paulo, n.6, p. 312-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/5017/3559> Acesso em: 20 out. 2024.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. O governo de si e dos outros II. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 29.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GAY, P. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GHEDIN, E.; SANTORO FRANCO, M. A. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HILLESUM, E. **Uma vida interrompida** – Os diários de Etty Hillesum 1941-43. Tradução de Antônio C. G. Penna. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

HILLESUM, E. **Uma vida conmocionada**: Diário 1941-1943. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007.

HILLESUM, E. **Diário 1941-1943**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

HILLESUM, E. **Cartas** (1941-1943). Lisboa: Assírio & Alvim, 2009b.

IANELLI, M. **Horas de Etty**. Belo Horizonte: Cas'a, 2023.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H. R. *et al.* **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2.ed.rev.ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JONAS, H. **O conceito de Deus após Auschwitz**: uma voz judia. São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Ethos.

JUSS, J. **Filosofia**: os autores, as obras. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAFKA, F. **Diários**: 1909-1923. São Paulo: Todavia, 2021.

LEBEAU, P. **Etty Hillesum**: Um itinerário espiritual. Amsterdão 1941 – Auschwitz 1943. Braga: Editorial A.O., 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEVI, P. **E isto é um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACIEL, C. P. R. Literatura de testemunho: literaturas comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. **Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura, Brasileira**, v.5, n.9, p. 74-80, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/124618> Acesso em: 13 mai. 2022.

MAINGENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MALUF, M. **Ruídos da memória**. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.

MARINHO, S. Introdução, tradução e notas ao Weil, S. **Luttons nous pour la justice?** Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, 2025. Disponível em: <https://zenodo.org/records/15546595> Acesso em: 27 jun. 2025.

MONTERO, R. **A ridícula ideia de nunca mais te ver**. São Paulo: Todavia, 2019.

NOGUEIRA, M. S. M. A filosofia de Simone Weil: uma mística da ação e da contemplação. **Revista Sísifo**., Feira de Santana, v.1, n.6, 2017. Disponível em: <https://www.revistasisifo.com/2017/11/a-filosofia-de-simone-weil-uma-mistica.html> Acesso em: 29 mar. 2021.

NOGUEIRA, M. S. M. Aniquilamento e Descrição: uma aproximação entre Marguerite Porete e Simone Weil. **Trans/Form/Ação**, Marília, v.42, p. 193-216, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/9G5h5CDnPNQ3nQR9zRpF93w/> Acesso em: 27 mar. 2025.

NOGUEIRA, M. S. M. (org.). **Feminino e sagrado**: diálogos entre a literatura e a Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

NOGUEIRA, M. S. M. É necessário termos algum sol dentro de nós: Etty Hillesum e a Literatura (de testemunho) como amor aos pósteros. **Reflexão**, [S. l.], v. 49, 2024. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/13293>. Acesso em: 9 mar. 2025.

NOGUEIRA, S. M. Por um Deus que seja poeta: escrita e oração em Etty Hillesum. In.: NOGUEIRA, S. M. **Mulheres habitadas pelo sagrado**: a escrita feminina entre o humano e o divino. São Paulo: Madamu, 2025, pp. 158-183.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PAPA BENTO XVI. **Audiência Geral**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20130213.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130213.html) Acesso em: 31 mai. 2022.

PEREIRA, L. B.; NOGUEIRA, M. S. M. “Cristo desceu e tomou conta de mim”: a mística de Simone Weil. In.: NOGUEIRA, M. S. M. (org.). **Feminino e sagrado**: diálogos entre literatura e a filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

PEREIRA, L. B. Notas sobre a meditação em Etty Hillesum. In.: **Ateo**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, p. 350-368, jul/dez. 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/56630/56630.PDF> Acesso em: 24 jul. 2023.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINHEIRO, H. (org.). **Pesquisa em literatura**. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PLANETA. **Auschwitz**: as estratégias das mulheres judias diante do horror nazista. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/auschwitz-as-estrategias-das-mulheres-judias-diante-do-horror-nazista/> Acesso em: 22 mai. 2024.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In.: PEDRO, J.; GROSSI, M. (orgs). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

RAGO, M. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. Livro eletrônico.

RIBEIRO, D. C. **O universo interior de Etty Hillesum transfigurado pela presença de Deus**. 2019. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

ROSA, G. R. Filósofas em tempos Sombrios. In.: AGGIO, J.; FAUSTINO, S.; ARAÚJO, C.; SOMBRA, L. **Filósofas**. Curitiba: Kotter Editorial, 2021, p. 361-381.

RUSS, J. **Pensamento ético contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 1999.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). In.: **Matraga**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, UERJ, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/22610/16155> Acesso em: 13 mai. 2022.

SAMUEL, R. **Novo manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTO AGOSTINHO. *O De excídio vrbis* e outros sermões sobre a queda de Roma. Tradução do latim, introdução e notas: Carlota Miranda Urbano. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

SANTOS, J. V. Etty Hillesum, a voz que se ergue das sombras como brasa e reinventa a esperança. **IHU On-Line** - Revista do Instituto de Humanitas Unisinos, n.531, Ano XVIII, 17 dez. 2018. p.10-13. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7475-etty-hillesum-a-voz-que-se-ergue-das-sombras-como-brasa-e-reinventa-a-esperanca> Acesso em: 08 set. 2023.

SANTOS, J. V. Etty Hillesum e a criação diante do abismo. **IHU On-Line** - Revista do Instituto de Humanitas Unisinos, n.531, Ano XVIII, 17 dez. 2018. pp.45-52. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7481-etty-hillesum-e-a-criacao-diante-do-abismo> Acesso em: 29 marc. 2021.

SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SARTRE, J-P. **As palavras**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Revista do mestrado em Letras da UFSM. Santa Maria, RS, UFSM; CAL, n. 16, jan./jul. 1998, p. 9-37. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11482> Acesso em: 13 mai. 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. **Argumento – Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Florianópolis, v.2, n.1, p. 3-20, jan/jun. 2010.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. **Tempo & Argumento**, Revista do Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, v.2, n.1, p. 3-20, jan/jun., 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894> Acesso em: 27 abr. 2022.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para a identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, João Pessoa, v.16, n.1, jun. 2014, p. 91-116. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/20337> Acesso em: 16 mar. 2024.

TEIXEIRA, F.; IACOPINI, B.; IANELLI, M. *et al.* Editorial. Etty Hillesum: o colorido do amor no cinza da Shoá. **IHU On-Line - Revista do Instituto de Humanitas Unisinos**, n.531, Ano XVIII, 17 dez. 2018. 86p. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/531> Acesso em 29 mar. 2021.

VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WASSERSTEIN, B. **Na iminência do extermínio**: a história dos judeus na Europa antes da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Cultrix, 2014.

WEIL, S. **La pesanteur et la grâce**. Disponível em: [http://palimpsestes.fr/textes\\_philo/weil/pesanteur\\_et\\_grace.pdf](http://palimpsestes.fr/textes_philo/weil/pesanteur_et_grace.pdf) Acesso em 08 ago. 2024.

WEIL, S. L'amour de dieu et le malheur. In. WEIL, S. **Attende de Dieu**. La Colombe, 1950. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/Attente\\_de\\_Dieu](https://fr.wikisource.org/wiki/Attente_de_Dieu) Acesso em: 21 jul. 2024.

WEIL, S. **Oeuvres Complètes**: Premiers Écrits Philosophiques. Paris: Gallimard, 1988.

WEIL, S. Carta a Albertine Thévenon. 1934-1935. In.: BOSI, E. (org.) **Simone Weil**: A condição operária e outros estudos sobre a opressão. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. pp. 77-81.

WEIL, S. Experiência da vida de fábrica. Marselha, 1941-1942. In.: BOSI, E. (org.) **Simone Weil**: A condição operária e outros estudos sobre a opressão. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. pp. 166-175.

WEIL, S. **O Enraizamento**. São Paulo: EDUSC, 2001.

WEIL, S. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942. Petrópolis: Vozes, 2019.

WEIL, S. Nós lutamos por justiça? In. MARINHO, S. **Nós lutamos por justiça?** Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, 2025. Disponível em: <https://zenodo.org/records/15546595> Acesso em: 27 jun. 2025.

WELLECK, R.; WARREN, A. **Theory of literature**. 3.ed.rev. San Diego/New York: Harvest/HBJ, 1984.

WESTWERBORK Girl. Direção: Steffie van den Oord. Produção: Rolf Orthel for DNU Film. Intérpretes: Hannelore Eisinger-Cahn, Loui Widje, Hans Margules. Países Baixos: 2007. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Jv1MPya\\_KCs&t=141s](https://www.youtube.com/watch?v=Jv1MPya_KCs&t=141s) Acesso em: 28 jul. 2025.

## APÊNDICE A - PRÓLOGO DA QUALIFICAÇÃO

Minha história neste programa de pós-graduação não poderia começar de forma diferente. E caros membros da banca, preciso escrever para lhes contar rapidamente como tudo aconteceu. Primeiro, me chamo Carolina, muitos me conhecem por Carol Cavalcanti. Sou paulista da cidade de Campinas, no interior de São Paulo e desde 2008 moro em Campina Grande.

Vocês não sabem, mas no ano de 2012 ou talvez em 2013, precisaria checar melhor essa informação, fiz seleção para este programa de pós-graduação. Tinha feito meu mestrado em Educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Propus ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade uma pesquisa sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha, uma das narrativas que utilizei nos estudos do mestrado intitulado *Caminha, Meirelles e Mauro: narrativas do (re) descobrimento do Brasil; decifrando as imagens do paraíso*. Pensei que minhas leituras sobre Caminha e que seu documento, historicamente um dos mais importante para nós brasileiros, poderia dar um bom trabalho de pesquisa. Bom, como podem imaginar, não fui selecionada.

Durante essa lacuna de tempo (14 anos) entre a minha chegada à Paraíba e a aprovação no PPGLI e mais 2 anos e pouco até esta qualificação, passei por vários processos seletivos: dois na pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco em Recife (2008 e 2009), dois no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (2011 e 2018), dois no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (2014 e 2015), uma no Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e a última tentativa foi na Universidade Federal de Pernambuco (2020), campus de Caruaru, no programa de pós-graduação em Educação Contemporânea. Perderam a conta? Foram 9 tentativas em programas distintos, em cidades e até estados diferentes e com propostas de pesquisa diversas que iam surgindo, caindo no meu colo, me interessando, me encantando conforme os anos iam se passando e ia desenvolvendo meu trabalho na Universidade Estadual da Paraíba.

Nos primeiros anos eu tentei focar minhas pesquisas, melhor, meus desejos de pesquisa, nos estudos que envolviam o cinema – e assim foram submetidas as propostas à UFPE -, trazendo a carga de leitura da UNICAMP comigo. Com o passar do tempo e as reprovações, resolvi focar nos estudos voltados à Educação, em especial os que envolviam minhas atribuições na UEPB.



Somente 14 anos depois da defesa de meu mestrado foi que consegui passar em uma seleção para fazer o doutorado, na instituição de ensino que mais me ofereceu oportunidades: em 2010 concluí a especialização Novas Tecnologias na Educação e em 2021 a Licenciatura em Filosofia. Caros, não pensem que estou aqui me exibindo, rasgando minha formação acadêmica. A historicização é para dizer que somente após a conclusão de uma licenciatura consegui ser aprovada em um programa de pós-graduação. Não sei se realmente há uma correlação, mas eu acabei por acreditar que sim, isso era possível, especialmente após as entrevistas nas seleções e nos estudos sobre políticas públicas para o desenvolvimento da educação no Brasil que além de se preocuparem com os estudantes – pelo menos em tese – também estipulavam metas para os professores em exercício que precisavam se especializar. Eu não me encontrava em sala de aula em nenhum dos processos seletivos pelos quais passei e minha formação inicial em Comunicação Social, um bacharelado e não uma licenciatura, não fazia brilhar o olhar de nenhum professor ou professora para me orientar.

Todos os programas, menos o da UFPE, sempre me questionavam na entrevista “o quê”, “por quê”, “onde” essas suas pesquisas vão ser úteis já que sua formação inicial não tinha relação alguma com a Educação. O que uma comunicóloga tinha a dizer sobre políticas públicas de educação a distância, por exemplo, ou por que uma comunicóloga acreditaria que tinha algo a oferecer aos estudos voltados às ciências sociais? Resumindo, foi uma frustração atrás da outra e muitas lágrimas a cada resultado negativo. Me cansava, sabem. Desisti várias vezes! Vocês perceberam os vazios nesses 14 anos? Não foram 14 pré-projetos porque o desapontamento era tamanho que não tinha forças e nem coragem para novas tentativas. As frustrações chegavam e me dava alguns anos sabáticos. Nada de pensar, montar, conversar com professores ou assistir aulas como ouvinte. Somente silêncio dentro da minha mente. Eu estava exausta de nadar contra essa maré do academicismo.

Mas, os distanciamentos, silêncios, não duravam muito. Algo me cutucava, eu não conseguia deixar de pensar em projetos, queria muito fazer o doutorado, estudar algo que me desse o título, sim, claro! mas também que me possibilitasse fazer o que mais gosto: pesquisar. Sou uma pesquisadora nata e se pudesse só faria isso da vida, seria minha profissão.

Eis que chego até aqui no dia de hoje, nesta qualificação. Caríssimos e caríssimas, espero que acolham não somente o percurso da minha vida acadêmica que aqui desaguou no encontro com a escrita desta jovem mulher Etty Hillesum, seus diários e cartas, mas também o percurso tomado pela minha pesquisa.

Etty me trouxe até vocês inicialmente pelo viés filosófico de suas obras, onde buscarei aproximar seus pensamentos sobre questões pontuais como Deus, amor, a violência que acontecia com os judeus em plena Segunda Guerra Mundial, com a filosofia de outra grande mulher, Simone Weil. Simone também era judia, também morreu jovem e durante sua vida buscou abraçar aqueles que sofriam e amenizar suas perdas, tomando-as para si. As interseções, subjetividades e buscas para encontrar um fio condutor entre ambas e seus pensamentos vieram com os estudos literários.

A escrita de si, representada nos diários de Etty, vai nos conduzir neste estudo. Assim como os aspectos que tratam da *literatura de testemunho*, da memória e do conceito de *malheur*, que nos acompanharão nas próximas páginas na busca por uma identidade literária e existencial para as obras de Etty Hillesum em nosso tempo. Nos comunicamos na velocidade do pouco tempo que temos para darmos valor ao que mais pode ser importante: os mínimos detalhes do momento em que escrevemos, o que estamos vivendo e dos fatos que, juntos, podem ser constructos da memória de nosso tempo.

Etty nos oferece um relato minucioso e particular de um dos momentos mais sombrios da civilização mundial em seus diários, que servirão de base para este trabalho acadêmico. Ser cerceada em seu ir e vir, estar solta, porém não ter liberdade, estar presa e ver a morte todos os dias. Vamos ler juntos sobre as tristezas, mas também sobre as alegrias de uma jovem mulher que morreu aos 29 anos em um campo de extermínio com sua família, mas que deixa para as gerações atuais a possibilidade de reflexão sobre como viveram os homens e mulheres em condições desumanas, como amar aqueles que te matam todos os dias, como sobreviver em meio à barbárie.

Os diários de Etty Hillesum são importantes documentos memorialísticos e devem, também, ser tratados como tal, na esperança de que novas e antigas gerações conheçam e não esqueçam dos horrores que os seres humanos podem cometer com seus semelhantes.

## APÊNDICE B - PRÓLOGO DA DEFESA

**11 de agosto de 2021.**

[...]

Comecei ontem como aluna especial da disciplina de Literatura, Memória e Testemunho, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da UEPB. Vamos estudar as cartas e os diários de Etty Hillesum (judia holandesa morta aos 29 anos em Auschwitz).

**Terça-feira, 07 de setembro de 2021, às 7 horas da manhã.**

Dia muito esperado no Brasil, já que o Presidente da República chamou o povo para a rua, como em um ato revolucionário e golpista de quem nada fez, a não ser roubar os direitos do povo. Aguardemos.

**Terça-feira, 16 de novembro de 2021.**

4:00h da manhã. Acordei mais cedo. 3:30h. Vou ter os mesmos problemas que minha mãe. Já estou tendo. Acordei pensando que precisava escrever algo aqui, mas não sei bem por que pensei nisso. Talvez os estudos (atrasados) sobre Etty e Weil, talvez porque tem aula hoje. Não sei. Talvez porque havia planejado o dia de hoje ontem, mas já desisti de tudo. Talvez porque o final do ano seja sempre cheio de coisas. Preciso condicionar meu corpo a trabalhar até mais tarde. Estou com sono, sinto-me cansada, o calor está insuportável nos últimos dias, esse *home office* e a pandemia desequilibram a organização da minha vida. Os gatos estão à minha volta esperando comida, isto é uma certeza.

**Domingo, 06 de fevereiro de 2022.**

[...]

Quase ia me esquecendo. Passei na prova de seleção do doutorado em Literatura e Interculturalidade da UEPB. Aguardando o resultado do projeto esta semana. Esta é uma outra história (longa!) na minha vida.

**Domingo, 06 de março de 2022.**

Última escrita aqui: um mês atrás.

Enfim...aprovada no doutorado. Não é em Educação e nem em Filosofia, meus percursos acadêmicos atuais. Mas será um belo doutorado em que a filosofia estará presente no texto, seu uso para o ensino de filosofia com certeza estará em meus pensamentos e o melhor de mim será dado. Passando uma borracha nas outras 5 ou 6, ou mais tentativas de estudar em outras instituições que sempre me questionaram a liberação do trabalho, minha formação ou qualquer outra bobagem do tipo para me barrarem na última etapa. Vou fazer o doutorado em Literatura e Interculturalidade, do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba; instituição onde já tenho uma especialização e uma graduação – nesta ordem – e que agora realizará um sonho, um desejo meu e de minha mãe também. Pena que ela não tem mais a

mesma intensidade nas emoções quando contamos coisas assim para ela. Não sei nem se ela entende mais do que se trata. [...]

### **25 de março, sexta-feira.**

Duas semanas do início de doutorado. Já me perguntei algumas vezes “onde fui amarrar meu cavalo” com essa ideia de mais 4 anos de estudos (especialmente em algo que não domino). [...]

### **Sábado, 03 de setembro de 2022.**

São 08:09h. Resolvi parar a leitura para escrever um pouco. Apenas dar notícias para mim mesma, no futuro. [...], dias de leitura para o doutorado, jurada mais uma vez e aguardando os 47 anos na próxima quinta-feira. [...] Vou preparar um expresso e voltar aos estudos. Esta é a minha vida hoje.

### **Quinta-feira, 06 de outubro de 2022.**

[...]

Estou lendo três livros ao mesmo tempo para as pesquisas do doutorado: um sobre a escrita de si a partir de memórias de brasileiras torturadas na ditadura; Simone Weil e a condição operária (...) de Ecléa Bosi e Cartas (1941-1943) de Etty Hillesum. Tentando encontrar nesta metodologia de umas páginas aqui e outras ali, semelhanças entre as autoras.

### **Sábado, 12 de novembro de 2022,**

[...] Comecei a ler hoje o livro “Simone Weil – Ser e Sofrimento de dois autores que esmiuçam sua obra e pensamento. Por ora: me sinto fragmentada com Weil, em existência e em meus pensamentos. Agora definitivamente: não posso deixar de constatar que tenho me extasiado nas leituras de Weil e Hillesum.

### **Sábado, 06 de abril de 2024.**

São 07:04h, Acordada desde as 5h. Agora me sentei em frente ao computador para continuar com as correções pedidas pela orientadora na tese. No último trecho ela menciona “esta parte está bem ruim” Ainda estou tentando acolher, digerir a forma com que ela falou comigo. Não que me sinta incapaz de escrever, mas me sinto travada, estancada nos objetivos da tese em si. [...] Vontade imensa de fumar (07:41h).

### **Terça-feira, 14 de maio de 2024.**

Acordada desde as 4:10h. [...] Perdi todo o 2º capítulo da tese. Erro meu no salvamento e lá se foram 14 páginas. Choras? Chorei desde domingo, ainda agora (5:48h) chorei. [...] Não devo cumprir o prazo. [...]

### **Sábado, 25 de maio de 2024.**

[...] Hoje acordei mais tarde (7:35h) [...] Agora, sentada em frente ao computador (10:32h), tento retomar a escrita do doutorado sobre Etty Hillesum, uma mulher que se comunicava pela escrita.

### **Terça-feira, 16 de julho de 2024.**

Tanta coisa nos últimos dias, mas não tive tempo e calma para escrever. São quase 22h, fechei o computador. Terminando o segundo capítulo da tese para a qualificação. Mas, o mais importante foi o acidente sofrido por minha irmã no sábado passado. [...]

### **Quinta-feira, 08 de agosto de 2024.**

Qualificação marcada essa semana para dia 05 de setembro. [...]

### **Terça-feira, 10 de setembro de 2024.**

Qualificação realizada dia 5, quinta feira-passada. Satisfeita com as falas dos professores Luciano Justino e Márcio Capelli. [...].

### **Segunda-feira 28 de julho de 2025 às nove e meia da manhã.**

Nesse último ano entre a qualificação e a defesa onde me deparei com leituras sobre o sofrimento causado pelo Holocausto, minha mãe me vinha sempre à mente. Isso porque, posso dizer que fui a única filha que fez da leitura e a paixão pelo povo e pela cultura judaica um hábito, apropriando-me de seus livros sobre o assunto. Na verdade, depois que lia um livro sobre o extermínio ou atos de coragem que salvaram milhares de judeus da morte, me entregava como leitura. “Muito importante, filhinha”, ela dizia. A sua paixão criou em mim desde a infância o interesse por Hannah Arendt, por exemplo.

Enquanto realizava novas leituras após a qualificação fui encontrando, nas estantes de livros de casa, alguns volumes deixados por minha mãe quando veio me visitar. Um deles, Na Eminência do Extermínio: a história dos judeus da Europa antes da Segunda Guerra Mundial (2014), de Bernard Wasserstein, retomei alguns capítulos para lembrar como nasceu o ódio pelos semitas. São dados e números sobre as perseguições anteriores às prisões, que são tão detalhados quanto os números de mortos em crematórios ou câmaras de gás.

Em 2010, lembro-me claramente de um passeio na livraria em Campinas, eu querendo comprar Em Busca de Sentido (2008), de Viktor Frankel, quando ela vê a capa e diz “vou lhe dar de presente esse livro, mas vou lê-lo primeiro”. A imagem da capa é da entrada do campo de concentração de Auschwitz, de onde o autor saiu com vida.

Além, claro, de todos os livros de Amós Oz, escritor israelense que enquanto vivo lutou pela paz em seu território fazendo de sua escrita um meio para divulgar as atrocidades contra seu povo no presente através da reconstituição de algumas narrativas do passado. Seus romances ficcionais não tratam das duas grandes guerras, mas sim do que as mesmas acarretaram para a vida na terra prometida de Jerusalém.

Essas lembranças vêm me perseguindo, no bom sentido, nos últimos meses. E a frase de minha mãe na última sexta-feira quando lhe mostrei o livro de Wasserteins que havia me dado - “Eu já fui aí na sua casa?” – dão ainda mais importância para o fim deste ciclo de doutoramento: aprisionar a memória não é só aprisionar o tempo, mas sim os ensinamentos e os afetos. Isso devo a você, mãe. Pena que não estará presente no dia dessa conquista tão incentivada por você.

**15:30h, muita chuva.**

Procurando fotografias e outros arquivos sobre Etty, descobri o documentário *Westerbork Girl* de 2007. Em 48 minutos, Hannelore Eisinger-Cahn conta como se apaixonou pelo ator Rob De Vrie que a libertou do campo e como retornou ao mesmo após seu futuro marido, Hans Margules, buscá-la em Amsterdã. Ambos sobreviveram a guerra e se casaram imediatamente após a libertação. Mas o mais curioso são as imagens utilizadas pela diretora, de um filme feito pelos nazistas do campo. Mulheres fazendo ginástica e as dançarinas de revista do campo. Uma delas, Hannelore, personagem do documentário. É possível imaginar que em um campo de concentração as pessoas se exercitavam, estudavam e dançavam?

**Segunda-feira, 8 de setembro de 2025.**

Faço 50 anos hoje e descubro, ainda, vários aspectos da vida de Etty que me surpreendem. Sua coragem frente à morte eminente, por exemplo. Esta nunca seria uma característica minha. Admirável! Em situação semelhante com certeza teria tentado fugir, nem olharia para trás. Lutaria pela minha vida apenas, ia querer sobreviver bem longe do caos. Quando leio histórias como a sua ou de Primo Levi (esse assunto sempre esteve presente na biblioteca da casa da minha mãe, que morou por duas vezes em Israel), o que me vem à mente é o mesmo desassossego de Etty, que também me toma de surpresa frente à barbárie de alguns. É só vermos o que Israel está fazendo hoje em dia na Faixa de Gaza (Estado Palestino). Não seria também um genocídio? Com certeza!

**Terça-feira, 28 de outubro de 2025.**

Últimos ajustes no texto. Defesa em dezembro.

## APÊNDICE C – PERCURSO PARA NOVAS PESQUISAS

A análise dos diários de Etty Hillesum foram realizadas a partir de edições traduzidas para o português e com recortes específicos que tratassem da *escrita de si, literatura de testemunho* e sofrimento. Porém, a vastidão de possibilidades de leitura dos seus escritos vem despertando o interesse de pesquisadoras e pesquisadores ao redor do mundo. Interessados em sua obra encontrarão traduções em primeira edição em inglês e inglês americano - *Etty – A Diary* (1983) e *An Interrupted Life* (1984) respectivamente -, alemão - *Das denkende Herz der Baracke* (1983) -, dinamarquês - *Et kraenket liv* (1983) -, norueguês - *Det tenkende hjerte* (1983), sueco - *Det förstörda livet* (1983) -, finlandês - *Päiväkirja, 1941–1943* (1984) -, italiano - *Diario 1941–1943* (1985) - e em francês - *Une Vie Bouleversée. Journal 1941–1943* - Além da tradução feita para a Argentina - *Una Vida Interrompida* (1985) – há traduções para o japonês, hebraico e húngaro, dentre outros idiomas<sup>53</sup>.

Podem ser encontradas também edições de suas cartas, escritas de dentro do campo de extermínio de Westerbork e que foram enviadas por Etty Hillesum. Algumas delas podem ser encontradas nas edições de seus diários como *An Interrupted Life: The Diaries and Letters of Etty Hillesum 1941–1943*, editado em Nova Iorque pela Pantheon Books em 1984. Ou em *Letters from Westerbork. Introduction by Jan Geurt Gaarlandt*, editado em 1985 também pela Pantheon; *An Interrupted Life and Letters from Westerbork*, editado por Henry Holt em Nova Iorque no ano de 1996, e *An Interrupted Life: The Diaries and Letters of Etty Hillesum*, editada em 1999, na cidade de Londres pela Persephone Books. Além da edição canadense de 2002 intitulada *Etty: The Letters and Diaries of Etty Hillesum 1941–1943*.

Ao longo dos últimos anos as reflexões propostas por Etty Hillesum vem despertando o interesse e novas leituras sobre sua obra, como a do livro italiano *Il gelsomino e la pozzanghera*<sup>54</sup> (2020), cuja seleção de trechos de seus diários e cartas guiam o leitor por seu crescimento espiritual. Ou ainda o mais recente livro *A Mística de Etty Hillesum: uma Experiência de Deus Entre as Brumas da Shoá* (2025), que interpreta as cartas e seus diários por meio de sua espiritualidade, latente pelo sofrimento, fazendo emergir uma mulher de fé, esperança e compaixão pelo outro.

<sup>53</sup> Na sequência de apresentação: Etty – Um Diário e Uma Vida Interrompida (mesma tradução da edição argentina); O coração pensante do quartel; Uma vida violada; O coração pensante; A vida arruinada; Diário, 1941–1943 (no finlandês e italiano); Uma Vida Virada de Cabeça para Baixo. Diário 1941–1943. Tradução livre da autora.

<sup>54</sup> O Jasmim e a Poça. Tradução livre da autora.

Vale destacar que a editora Âyiné lançou recentemente, em 2022, uma nova edição em português de seus diários com o título *Uma Vida Interrompida*. Além disso, são dezenas de livros publicados sobre ela traduzidos para o português ou em outras línguas, que podem ser adquiridos facilmente, assim como artigos científicos nos mais diversos idiomas. Apresentamos alguns poucos nesta pesquisa, pois estão na casa das centenas ao redor do mundo e não caberiam todos em poucas páginas.

Para conhecimento, há uma pesquisa recente de 2024 intitulada *The Jungian Inspired Holocaust Writings of Etty Hillesum: To Write is to Act*, que analisa sua vida e escrita pelo viés da psicologia jungiana durante os anos de ocupação nazista. Sem falar no *Etty Hillesum Research Centre* (EHOC) fundado em 2006, na Universidade de Ghent, na Bélgica, e da Fundação Etty Hillesum em Amsterdã, fundada no mesmo ano e da qual faz parte o EHOC, sendo a última coordenada pelo professor Klaas A.D. Smelik, que promove pesquisas sobre a obra de Etty Hillesum.

Dos dados apresentados no início deste texto sobre as pesquisas acadêmicas desenvolvidas no Brasil, nada mudou. Permanecem inalterados: quatro dissertações de mestrado que tratam exclusivamente de Etty Hillesum. Esta será a primeira tese sobre ela no Brasil.

Por fim, dos textos que apresentamos nesta pesquisa, podemos afirmar que não foram explorados em suas várias nuances e valem ser relidos, reinterpretados e aprofundados. Seja pelo viés teológico-místico, filosófico ou literário. Deixamos nosso convite para que conheçam um pouco mais sobre essa mulher interessante que foi Etty Hillesum.



## ANEXO A – FOTOS DE ETTY HILLESUM<sup>55</sup>

**Imagem 7** – Foto de Etty Hillesum ainda bebê no colo de sua mãe (1914)



Fonte: Disponível em <https://data.jck.nl/page/aggregation/jhm-foto/F006581>

**Imagem 8** – Foto de Etty Hillesum ao lado de Julius Spier (1941-1942)



Fonte: Disponível em <https://ettyhillesumhuis.nl/en/etty-hillesum/>

---

<sup>55</sup> Optamos por inserir diretamente o endereço onde foram encontradas as fotos para facilitar o acesso a novas pesquisas. Parte das imagens são de acervos de museus nos Países Baixos e não estão em ordem cronológica, pois foram sendo encontradas ao longo da pesquisa.

**Imagem 9** – Foto de Etty Hillesum e a amiga Leonie Snatage (1939)



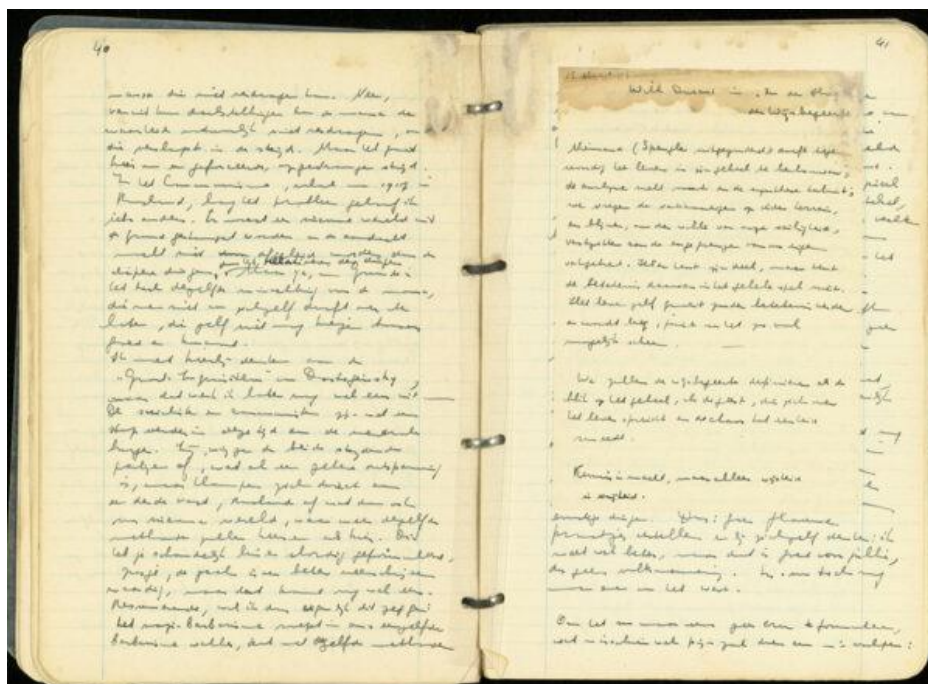
**Fonte:** Disponível em: <https://jck.nl/agenda/etty-leonie>

**Imagem 10** – Foto de Etty Hillesum e seu irmão Jaap Hillesum (1930).



**Fonte:** Disponível em: <https://ettyhillesumhuis.nl/en/etty-hillesum/>

**Imagem11** – Foto de um de seus diários.



Fonte: Disponível em: <https://ettyhillesumhuis.nl/dagboeken-en-brieven/>

**Imagem 12** – Foto de Etty Hillesum com amigas no ginásio de Deventer (1932).



Fonte: Disponível em: <https://www.destentor.nl/deventer/schrijfster-boek-over-etty-hillesum-komt-naar-deventer-ze-bleef-ze-geloven-in-het-goede-dat-was-troostend-a7726e2f/221535890/>

**Imagem 13** – Foto de Etty sentada no primeiro banco, na ponta direita (1926).



**Fonte:** Disponível em: <https://www.destentor.nl/deventer/schrijfster-boek-over-etty-hillesum-komt-naar-deventer-ze-bleef-ze-geloven-in-het-goede-dat-was-troostend-a7726e2f/221453525/>

**Imagem 14** – Foto de Etty descontraída (sem data).



**Fonte:** Disponível em <http://worldwartwo.filminspector.com/2014/06/holocaust.html>



**Imagem 15** – Foto de Etty Hillesum com a amiga Rose Hamburge (Groningen, 1931)



**Fonte:** <https://data.jck.nl/page/aggregation/jhm-foto/F000969>

**Imagem 16** – Foto de Etty Hillesm (por volta de 1931)



**Fonte:** Disponível em: <https://data.jck.nl/page/aggregation/jhm-foto/F900246>

**Imagem 17** – Etty Hillesum em foto produzida em estúdio (1937)



Fonte: Disponível em <https://data.jck.nl/page/aggregation/jhm-foto/F002167>

**Imagem 18** – Foto de Etty Hillesum com seu clube de dança. Terceira sentada no chão (Deventer, 1928).



Fonte: Disponível em: <https://data.jck.nl/page/aggregation/jhm-foto/F001901>